



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

DEIVID MOTA SANTANA

**COMUNICAÇÃO TERRORISTA DO ESTADO ISLÂMICO: ANÁLISE DE
CONTEÚDO DAS CAPAS DA REVISTA *DABIQ* (2014-2016)**

FORTALEZA

2024

DEIVID MOTA SANTANA

COMUNICAÇÃO TERRORISTA DO ESTADO ISLÂMICO: ANÁLISE DE CONTEÚDO
DAS CAPAS DA REVISTA *DABIQ* (2014-2016)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Mídias e Práticas Socioculturais.

Orientador: Prof. Dra. Juliana Fernandes Teixeira.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S223c Santana, Deivid Mota.
Comunicação terrorista do Estado Islâmico : análise de conteúdo das capas da revista Dabiq (2014-2016) / Deivid Mota Santana. – 2024.
125 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Juliana Fernandes Teixeira.
1. ciberterrorismo. 2. Estado Islâmico. 3. revista Dabiq. I. Título.

CDD 302.23

DEIVID MOTA SANTANA

COMUNICAÇÃO TERRORISTA DO ESTADO ISLÂMICO: ANÁLISE DE CONTEÚDO
DAS CAPAS DA REVISTA *DABIQ* (2014-2016)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Mídias e Práticas Socioculturais.

Aprovada em: 20/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Juliana Fernandes Teixeira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Cristiane Portela de Carvalho
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

À minha família.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

À Prof. Dra. Juliana Fernandes Teixeira, pela valiosa orientação, suporte e estímulo durante todo o processo de construção do trabalho. Agradeço pela paciência, pelas importantes sugestões e pela constante disposição em ajudar a vencer os obstáculos.

Aos professores participantes da banca examinadora: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas e Prof. Dra. Cristiane Portela de Carvalho pelo tempo, pelas consideráveis colaborações e sugestões.

Aos colegas da turma, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

“Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso ou pessoas fracassadas. O que existe são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles”. (Augusto Cury)

RESUMO

A luta contra o terrorismo ganhou novas ramificações com o advento da internet (Medeiros, 2020). Grupos terroristas como Hamas, Hezbollah, Al-Qaeda e Estado Islâmico passaram a ter visibilidade de forma rotineira nos meios de comunicação. Desse modo, o trabalho analisa as estratégias do Estado Islâmico (EI), em específico, para difundir comunicação terrorista através da sua revista digital *Dabiq* (2014-2016). O trabalho se justifica devido à necessidade de se combater o extremismo e toda forma de violência, marcas registradas do terrorismo. Além disso, um dos objetivos da Agenda 2030 é a promoção de sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento. Com isso, a dissertação discute o papel da internet para organizações terroristas, destacando o uso da tecnologia para disseminar terror. Por meio de uma análise de conteúdo (Bardin, 2011) das 15 edições da Revista *Dabiq*, questiona-se: quais recursos textuais, visuais e de design são utilizados nos conteúdos produzidos? O objetivo central do trabalho é dimensionar quais conteúdos estão presentes nas capas das 15 edições da Revista *Dabiq* (2014-2016). Propõe-se, assim, apresentar reflexões e analisar aspectos das capas das revistas para quantificar suas ocorrências e utilizações, a considerar: topologia, tipografia, qualidades eidéticas e cromáticas e imagens (Cunha, 2011). Sob essa ótica, a utilização de tipografias e imagens sofisticadas nas capas tende a mostrar uma pseudo profissionalização dos grupos terroristas na construção de conteúdo midiático.

Palavras-chave: ciberterrorismo; Estado Islâmico; revista *Dabiq*.

ABSTRACT

The fight against terrorism gained new ramifications with the advent of the internet (Medeiros, 2020). Terrorist groups such as Hamas, Hezbollah, Al-Qaeda and the Islamic State became routinely visible in the media. In this way, the work analyzes the strategies of the Islamic State (IS), specifically, to disseminate terrorist communication through its digital magazine *Dabiq* (2014-2016). The work is justified due to the need to combat extremism and all forms of violence, hallmarks of terrorism. Furthermore, one of the objectives of the 2030 Agenda is the promotion of peaceful and inclusive societies for development. With this, the dissertation discusses the role of the internet for terrorist organizations, highlighting the use of technology to spread terror. Through a content analysis (Bardin, 2011) of the 15 editions of *Dabiq* Magazine, the question is: what textual, visual and design resources are used in the content produced? The central objective of the work is to determine which contents are present on the covers of the 15 editions of *Dabiq* Magazine (2014-2016). It is therefore proposed to present reflections and analyze aspects of magazine covers to quantify their occurrences and uses, considering: topology, typography, eidetic and chromatic qualities and images (Cunha, 2011). From this perspective, the use of sophisticated typography and images on covers tends to show a pseudo-professionalization of terrorist groups in the construction of media content.

Keywords: cyberterrorism; Islamic State; *Dabiq* magazine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Casa de shows perto de Moscou é alvo de ataque do EI	16
Figura 2	– Capas das 15 edições da Revista <i>Dabiq</i>	18
Figura 3	– Ataque em Jerusalém, em 28 de janeiro de 2023	27
Figura 4	– Ataques a Mumbai	29
Figura 5	– Linha do tempo do Estado Islâmico	34
Figura 6	– Geolocalização do Estado Islâmico	37
Figura 7	– Captura de tela de vídeo do Canal Nostalgia	39
Figura 8	– Manchete do Massacre de Munique (1972)	42
Figura 9	– <i>World Trade Center</i> em chamas	51
Figura 10	– Segunda aeronave atinge torre	54
Figura 11	– Notícia da <i>BBC News Brasil</i> sobre Revista <i>Dabiq</i>	65
Figura 12	– Tipos de <i>grid</i> na diagramação	70
Figura 13	– Classificação tipográfica	73
Figura 14	– Montagem da capa da 1ª edição	78
Figura 15	– Montagem da capa da 2ª edição	79
Figura 16	– Montagem da capa da 3ª edição	80
Figura 17	– Montagem da capa da 4ª edição	82
Figura 18	– Montagem da capa da 5ª edição	83
Figura 19	– Montagem da capa da 6ª edição	84
Figura 20	– Montagem da capa da 7ª edição	85
Figura 21	– Montagem da capa da 8ª edição	87
Figura 22	– Montagem da capa da 9ª edição	88
Figura 23	– Montagem da capa da 10ª edição	90
Figura 24	– Montagem da capa da 11ª edição	91
Figura 25	– Montagem da capa da 12ª edição	93
Figura 26	– Capa da 13ª edição	95
Figura 27	– Montagem da capa da 14ª edição	96
Figura 28	– Montagem da capa da 15ª edição	98
Figura 29	– Exemplo de capas com fontes mescladas	103
Figura 30	– Exemplo da tipografia <i>Majesty Display</i>	104
Figura 31	– Exemplo da tipografia <i>Anavio Regular</i>	104

Figura 32 – Exemplo de capas com diferença entre minúsculo e maiúsculo	106
Figura 33 – Edições com caixa de texto na parte inferior	108
Figura 34 – Exceção de capa com o nome “ <i>Dabiq</i> ” em cor preta	110
Figura 35 – Exemplo de capas sem recurso de vinheta	111
Figura 36 – Exemplo de capas com teor ilustrativo	114
Figura 37 – Exemplo de capas adulteradas/editadas/criadas	115
Figura 38 – Exemplo de capas informativas	117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Relatório anual do terrorismo na União Europeia (2010-2021)	28
Gráfico 2	–	Principais países alvo do Estado Islâmico no Oriente Médio	56
Gráfico 3	–	Tipografias utilizadas nos títulos das capas	100
Gráfico 4	–	Título que diferencia letras maiúsculas de minúsculas	105
Gráfico 5	–	Localização do título das capas das revistas	106
Gráfico 6	–	Qualidade cromática (principal cor da imagem da capa)	109
Gráfico 7	–	Cor da caixa de texto “ <i>Issue</i> ”	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Classificação do terrorismo organizado	32
Tabela 2	– Título das 15ª edições da Revista <i>Dabiq</i>	64
Tabela 3	– Propriedades <i>CSS font-weight</i> dos títulos das capas	101
Tabela 4	– Utilização de fonte com serifa no título das revistas	101
Tabela 5	– Utilização de mais de uma tipografia na composição do título	102
Tabela 6	– Tendências em recursos tipográficos (peso) no nome “ <i>Dabiq</i> ”	103
Tabela 7	– Caixa de texto por trás da palavra “ <i>Dabiq</i> ”	107
Tabela 8	– Linha horizontal abaixo da palavra “ <i>Dabiq</i> ”	107
Tabela 9	– Caixa de texto na parte inferior da capa	108
Tabela 10	– Cor presente no nome “ <i>Dabiq</i> ”	110
Tabela 11	– Uso de vinheta na capa das revistas	111
Tabela 12	– Categoria da imagem da capa	113
Tabela 13	– Localização das imagens originais das capas	114
Tabela 14	– Imagem principal da capa sofreu manipulação/edição	115
Tabela 15	– Imagens fotojornalísticas	116

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANP	Autoridade Nacional Palestina
AP	Autoridade Palestina
CDC	Centro de Prevenção e Controle de Doenças
EI	Estado Islâmico
EUA	Estados Unidos
FBI	<i>Federal Bureau of Investigation</i>
IO	<i>Operations of Information</i>
ISIS	Estado Islâmico do Iraque e da Síria
LeT	<i>Lashkar-e-Taiba</i>
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
ONU	Organização das Nações Unidas
PSOE	Partido Socialista Operário Espanhol
WTC	<i>World Trade Center</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	TERRORISMO: O QUE É	20
2.1	<i>Modus operandi</i> do terrorismo	24
2.2	Tipos de terrorismo	32
2.3	Estado Islâmico	33
2.3.1	<i>Terrorismo islâmico</i>	35
2.3.2	<i>Crenças e rejeição de outras religiões</i>	38
2.4	Publicação na mídia e uso de propaganda	39
3	COBERTURA MIDIÁTICA DO TERRORISMO	41
3.1	Al-Qaeda	43
3.2	Ciberterrorismo e ciberespaço	46
3.3	11 de Setembro de 2001	51
3.4	Desmantelamento de um grupo terrorista	54
3.5	Terrorismo como espetáculo midiático	57
3.5.1	<i>Capital midiático</i>	59
3.6	Revista <i>Dabiq</i> : Califado Virtual	61
4	METODOLOGIA	67
4.1	Categorias de análise	68
4.1.1	<i>Topologia</i>	69
4.1.2	<i>Tipografia</i>	71
4.1.3	<i>Qualidades eidéticas e cromáticas</i>	74
4.1.4	<i>Imagem e multimídia</i>	76
4.2	Descrição das Capas da Revista <i>Dabiq</i>	78
5	ANÁLISE: TENDÊNCIAS E SIMILARIDADES	99
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
	REFERÊNCIAS	120

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a temática do terrorismo sob a perspectiva da comunicação digital. Grupos terroristas continuam em atividade nos dias atuais, tais como Hamas, Boko Haram, Hezbollah e Estado Islâmico. Esse último, por sua vez, é conhecido pela sua presença no meio digital. O grupo possui uma revista *on-line*, intitulada “*Dabiq*”, na qual o Estado Islâmico deixa registradas suas ações e intenções de propagar o terrorismo.

A pesquisa objetiva perpassar pelas características do terrorismo moderno, seu *modus operandi* e sua propagação do estado de terror. Ademais, disserta-se sobre o terrorismo como espetáculo midiático e sua influência no capital midiático. Como metodologia, realiza-se uma análise de conteúdo da Revista *Dabiq* (2014-2016): como o Estado Islâmico (EI) utiliza esta mídia digital na propagação do terrorismo.

De acordo com o TIC Domicílios 2023, cerca de 84% dos brasileiros com 10 anos ou mais se conectaram à internet neste ano, em comparação com o ano de 2022, quando o índice era de 81%. Os dados divulgados fazem parte da pesquisa TIC Domicílios 2023, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação¹ (Cetic.br).

Diante desse elevado número de usuários conectados, existe uma gama incalculável de ideologias e polarização a circular no meio digital. Com isso, não se pode negar a existência de grupos extremistas, como Ku Klux Klan² e terroristas, como Estado Islâmico, foco deste trabalho. Organizações terroristas, por sua vez, estão investindo em ferramentas tecnológicas e recrutando profissionais de informática e tecnologia da informação devido ao grande uso da internet, principalmente por jovens. Dessa forma, os grupos terroristas estão se capacitando em tecnologia para aproveitar as possibilidades que a internet oferece.

Desse modo, a justificativa do trabalho recai sobre a necessidade de se estudar o fenômeno do terrorismo islâmico, tendo em vista atentados recentes. Um dos mais recentes e que ganhou visibilidade midiática ocorreu na casa de show na Rússia. Este atentado matou mais de 140 pessoas no *Crocus City Hall*, perto de Moscou, no dia 22 de março de 2024.

¹ Fonte: *GI*. Disponível em:

<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/11/16/acesso-a-internet-cresce-no-brasil-e-chega-a-84percent-da-popolacao-em-2023-diz-pesquisa.ghml>. Acesso em: 30 mar. 2024.

² A organização terrorista conhecida como Ku Klux Klan foi criada por supremacistas brancos nos Estados Unidos após a Guerra Civil Americana (1861-1865) com o propósito de perseguir e atacar afro-americanos e seus aliados na luta por direitos. Reconhecido por seus trajes distintos e prática de violência física, o grupo contou com até quatro milhões de membros na década de 1920 e continua ativo, ainda que em declínio significativo nos dias atuais.

Figura 1 – Casa de shows perto de Moscou é alvo de ataque do EI



Fonte: Reprodução. Imagens de Reuters/Yulia Morozova³

Esse foi o atentado mais devastador que a Rússia já viu desde a invasão de uma escola em Beslan em 2004. Em seu canal no *Telegram*, o Estado Islâmico reivindicou a autoria do ataque. Além disso, o trabalho se justifica pela factualidade do conflito entre Israel e Hamas desde 2023, originado da disputa por territórios historicamente ocupados por diversos povos, incluindo hebreus e filisteus, dos quais descendem israelenses e palestinos.

Nesse contexto, o confronto entre Israel e Hamas remonta a 7 de outubro de 2023, quando o grupo extremista islâmico lançou uma intensa chuva de foguetes a partir da Faixa de Gaza em direção ao território israelense. Houve movimentos militares por terra e mar. A tensão entre Israel e Palestina envolve questões políticas e religiosas, perdurando por mais de 70 anos e resultando em um grande número de vítimas em ambos os lados.

Em 1947, a ONU (Organização das Nações Unidas) propôs a divisão da região em dois estados distintos: um judeu; outro, árabe. De acordo com o plano, os judeus governariam Israel, enquanto os palestinos teriam a posse de Gaza e da Cisjordânia. Os árabes rejeitaram a proposta, alegando que suas terras possuíam menos recursos naturais.

Em 1948, foi proclamado o Estado de Israel, o que provocou indignação no lado palestino, desencadeando a Guerra árabe-israelense de 1948. Gaza passou ao controle egípcio. Na Guerra dos Seis Dias, em 1967, Israel conquistou a Cisjordânia e Jerusalém Oriental,

³ Fonte: *CNN Brasil*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/nono-suspeito-de-ataque-a-casa-de-shows-na-russia-tem-prisao-prev-entiva-decretada/>. Acesso em: 16 set. 2024.

região onde se encontram símbolos religiosos de grande significado para judeus, árabes e cristãos⁴.

O confronto se prolongou com vários momentos de tensão. Em 1987, houve o início da primeira Intifada, um levante dos palestinos contra as forças israelenses. Em 1993, com os Acordos de Oslo, a Autoridade Nacional Palestina (ANP) foi estabelecida para liderar a gestão política dos territórios palestinos, porém Israel só se retirou da Faixa de Gaza em 2005. Em 2012, a ONU reconheceu a Palestina (englobando a Faixa de Gaza e a Cisjordânia) como um Estado-observador permanente.

Várias iniciativas internacionais para alcançar acordos de paz na região fracassaram. O impasse persiste até os presentes dias: o Hamas não reconhece Israel como um Estado e, por isso, reivindica o território israelense para a Palestina. A Palestina, por sua vez, solicita a interrupção da colonização de seus territórios e o fim do bloqueio imposto por Israel contra a Faixa de Gaza. Por sua vez, Israel exige o reconhecimento como um estado judeu.

O Hamas é uma organização islâmica com uma ala militar. O grupo surgiu em 1987, derivando da Irmandade Muçulmana, grupo islâmico sunita estabelecido no Egito no final dos anos 1920. O termo “Hamas” é, em si mesmo, um acrônimo para “*Harakat Al-Muqawama Al-Islamiyya*”, que, traduzido livremente, significa “Movimento de Resistência Islâmica”.

Diferentemente de outros grupos palestinos, o Hamas se recusa a negociar com Israel. Em 1993, foi contra os Acordos de Oslo, um acordo de paz entre Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que renunciava à luta armada contra Israel em troca da promessa de um Estado palestino independente ao lado de Israel. Além disso, os acordos resultaram na criação da Autoridade Palestina (AP) na Cisjordânia ocupada por Israel.

Ao longo da História, houve guerras e ocupações que resultaram em expulsões, retomadas de terras, ampliações e perdas por ambos os lados. Um balanço divulgado⁵ mostrou que mais de 10 mil pessoas perderam suas vidas em bombardeios aéreos e operações terrestres como resposta ao ataque do Hamas. Os números não param de crescer desde quando o conflito no Oriente Médio se intensificou em 2023.

⁴ Fonte: *CNN Brasil*. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-a-guerra-entre-israel-e-hamas/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

⁵ Fonte: *BBC*. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv2y4m4eez4o#:~:text=Os%20militares%20israelenses%20afirmam%20ter,de%201%2C2%20mil%20mortos>. Acesso em: 30 mar. 2024.

Dessa forma, a situação, historicamente já fragilizada, sofreu agravamento nos últimos meses. Grupos terroristas como Hamas, Hezbollah e Estado Islâmico no Oriente Medio receberam destaques na mídia recentemente. Este último, por sua vez, é conhecido pela sua presença ativa no meio digital. Por isso, o objetivo geral é analisar e dimensionar quais conteúdos estão presentes nas capas das 15 edições da Revista *Dabiq* (2014-2016), publicação digital do grupo terrorista Estado Islâmico.

A intenção é analisar como a temática do terrorismo é abordada pela Revista, para entender como o Estado Islâmico utiliza esta comunicação digital como forma de divulgar seus atentados e ampliar o estado de terror. Quanto aos objetivos específicos, são eles: apresentar as tendências de imagens utilizadas na Revista *Dabiq*; categorizar as capas da Revista, destacando que, se algo está presente ou ausente, pode ser mais significativo para a análise do que o quão frequentemente ocorre; identificar padrões, semelhanças e diferenças entre capas das 15 edições da Revista *Dabiq* (2014-2016).

Figura 2 – Capas das 15 edições da Revista *Dabiq*



Fonte: Medeiros (2020)

A pesquisa utiliza a Análise de Conteúdo como metodologia, uma técnica reconhecida para a análise de dados qualitativos. A obra “Análise de Conteúdo”, de Lawrence Bardin, é frequentemente citada como referência, destacando-se por sua didática e clareza nas etapas necessárias para realizar essa análise (Bardin, 2011).

Esse método consiste em um conjunto de ferramentas que são continuamente aprimoradas e aplicadas a diversos conteúdos, envolvendo desde o cálculo da frequência de dados criptografados até a extração de estruturas que podem ser transformadas em padrões. Um dos principais elementos presentes nesses métodos é a hermenêutica controlada, que se baseia em inferência (Bardin, 2011).

Na fase da análise preliminar, é realizada a coleta de dados e a preparação para a codificação. Antes de iniciar a análise propriamente dita, é crucial organizar o material e identificar o que está disponível. Essa etapa permite avaliar o que pode ser analisado e o que ainda requer coleta adicional. Segundo Bardin (2011), nesta fase, deve-se: ler o material para descobrir seu conteúdo; selecionar os documentos para análise, seja antecipadamente (a priori) ou após a coleta (a posteriori); construir um *corpus* levando em consideração a concentração, representatividade, homogeneidade e relevância; e formular hipóteses e objetivos.

Na interpretação dos resultados, a análise pode ser feita por meio de inferências, levando em conta elementos do modelo clássico de comunicação, como a mensagem, seu significado e código, além do remetente e do canal de transmissão. É importante considerar o criador da mensagem, o receptor, o relatório em si e o meio de comunicação utilizado.

A Análise de Conteúdo possibilita a comparação das categorias formuladas a partir do *corpus* do trabalho, a considerar topologia, tipografia, qualidades eidéticas e cromáticas, imagem e multimídia. A comparação será feita por meio de gráficos e tabelas, que são ferramentas visuais que servem para facilitar a compreensão e leitura de informações, além de organizar os dados e apresentar as informações de forma visual, tornando-as mais claras.

Enquanto estrutura, o trabalho está dividido em quatro capítulos. Para embasamento teórico, o primeiro capítulo explora conceitos, características e tipos de terrorismo. O segundo capítulo apresenta como é realizada a cobertura midiática de atentados terroristas, a citar o 11 de Setembro de 2001, a origem da Al-Qaeda, precursora do Estado Islâmico, e como o terrorismo ocorre no ciberespaço. O terceiro capítulo descreve as capas das 15 edições da Revista *Dabiq*, *corpus* do trabalho. Por fim, o quarto capítulo analisa as tendências, padrões, similaridades e diferenças entre os conteúdos das capas.

2 TERRORISMO: O QUE É

Ao longo da história da humanidade, o terrorismo tem sido um meio de luta presente desde os tempos antigos de Roma e Cartago, entre 264 a.C. e 146 a.C. Na época medieval, por volta do século XI, a Ordem dos Assassinos ismaelitas chamou atenção pelos membros que tinham disposição para sacrifício próprio na tentativa de eliminar seus adversários políticos, sob o comando de Rashi al-Din (Pinheiro, 2010).

O surgimento do terrorismo fundamentalista está relacionado à fundação da Ordem dos Assassinos⁶. O século XIX viu emergir o terrorismo, através da adoção da violência extrema, logo com a ascensão da filosofia anarquista de Miguel Bakunin, que almejava a criação de uma sociedade através da queda do Estado. A definição de “terrorismo”, então, ganhou novo sentido ao buscar intimidar um Estado e incitar a população contra suas estruturas (Visacro, 2009).

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o terrorismo se disseminou consideravelmente, principalmente nos países do Terceiro Mundo, por meio de lutas de libertação nacional, revoluções e grupos de extrema-direita. Esse período foi caracterizado pelo cenário histórico da guerra irregular nos confrontos indiretos da Nova Ordem Mundial, pós-grandes conflitos bélicos, em que as táticas recorriam ao terrorismo como instrumento de guerra, evitando confrontos militares formais entre as nações (Munhoz, 2018).

Na Revolução Iraniana no final dos anos 1970, temos a aparição de um novo tipo de terrorismo: o religioso. A luta contra o terrorismo religioso foi uma estratégia importante que marcou o surgimento do terrorismo moderno. A Revolução transformou o Irã, de uma monarquia autocrática pró-Occidente liderada pelo Xá Mohammad Reza Pahlevi, em uma república islâmica teocrática liderada por Ruhollah Khomeini. Essa forma de combate é parte de um fenômeno em constante evolução até os dias atuais, destacando-se o extremismo religioso.

Diante disso, o termo “terrorismo”, por ser amplamente utilizado e subjetivo, suscitou diversas preocupações políticas e psicossociais ao longo do tempo. Sua definição pode variar de acordo com as partes envolvidas em conflito. Diferentes agentes envolvidos apresentam interpretações distintas para justificar atos violentos, o que dificulta estabelecer termos claros e uniformes (Munhoz, 2018).

A essência dessas questões está na diferença entre o conceito prático de

⁶ A Ordem dos Assassinos foi uma seita fundada no século XI por Haçane Saba, conhecido como “O Velho da Montanha”. Seu objetivo era difundir uma nova corrente do ismaelismo.

terrorismo, focado nos resultados obtidos pelas organizações militantes, e a perspectiva do Estado e da sociedade civil, que enquadram atividades terroristas sob um viés político utilizando um arcabouço jurídico específico. Dessa forma, os conceitos devem abranger aspectos políticos, legais e princípios éticos e morais para uma compreensão mais abrangente dessa realidade complexa (Visacro, 2009).

A definição de terrorismo varia dependendo das partes envolvidas no conflito. Por exemplo, a distinção entre revolucionários e terroristas está na motivação por trás de cada luta. Assim, aqueles que lutam não são rotulados como terroristas (Hoffman, 2006). De modo geral, os próprios terroristas agem acreditando que suas ações estão contribuindo para uma causa maior ao utilizar a violência como meio para alcançar objetivos superiores através dela.

Até mesmo organizações internacionais, como as Nações Unidas, enfrentam dificuldades para chegar a um consenso sobre a definição de terrorismo (Pinheiro, 2010). Isso se deve às instabilidades do cenário político internacional. A interpretação é diversa, com alguns países rotulando certas ações como terroristas, ao passo que outros as consideram atos justificáveis de resistência. Mesmo diante de episódios de violência indiscriminada, a base legal é questionada de acordo com as perspectivas das partes envolvidas.

Dessa forma, a definição de terrorismo é frequentemente insatisfatória, pois varia de acordo com os sistemas legais de cada país, visando combater o terrorismo específico de cada nação. Segundo Gómez (2004), é impossível chegar a uma definição que agrade a todos e abarque todas as facetas do fenômeno do terrorismo. Cada país ou instituição, por um lado, tem sua própria interpretação desse fenômeno, apesar das dificuldades em busca de segurança jurídica e proteção contra ataques terroristas.

A Convenção de Genebra de 1937 caracteriza o terrorismo como atos cometidos de forma cruel e bárbara com fins políticos, sociais, filosóficos, ideológicos ou religiosos, em violação às normas do direito humanitário que proíbem a prática. Assim, qualquer forma de violência armada pode ser considerada um ato de terrorismo (Nações Unidas, 1937), sugerindo que atos terroristas equivalem a atos de guerra.

Na legislação de diferentes países, as definições de terrorismo divergem amplamente quanto aos seus limites de interpretação, devido à rica variedade cultural, política e religiosa da sociedade. Esses elementos, somados à definição do conceito de terrorismo, costumam ampliar o debate. Diversas definições desse fenômeno são propostas. Por isso, cada especialista, seja ele militar, político, psicólogo, historiador ou jurista, busca elaborar uma definição a partir de sua perspectiva científica, culminando em conclusões semelhantes (Munhoz, 2018).

Pesquisadores têm contribuído para a compreensão do terrorismo. Por exemplo, Hoffman (2006) define o terrorismo como a criação deliberada ou o uso do medo através de violência ou ameaça de violência para alcançar objetivos políticos. Nesse caso, visa-se alcançar metas psicológicas para além dos resultados imediatos, criando ou fortalecendo poder onde necessário.

Nesse contexto, pode-se afirmar que ataques terroristas são atos de violência premeditados e politicamente motivados direcionados a alvos não combatentes, perpetrados por grupos ou indivíduos clandestinos, com o objetivo de influenciar determinado público. Essa prática envolve o uso ilegítimo da força ou violência contra pessoas ou propriedades, com a finalidade de coagir ou intimidar um governo, civis ou qualquer outro segmento da sociedade, visando atingir metas sociais, religiosas ou ideológicas (Hoffman, 2006).

Com isso, o terrorismo busca manipular indivíduos ou grupos para realizarem ações específicas, exibindo uma certa influência coercitiva. O terrorismo se caracteriza como uma demonstração de poder por uma minoria agressiva e determinada a fazer o necessário para alcançar suas metas.

O terrorismo tem como alvo objetivos políticos, exercendo pressão sobre grupos afetados por atos terroristas. Em algumas situações, a intenção é incentivar a implementação de medidas de segurança preventivas, o que pode resultar na limitação das liberdades individuais ou desencadear uma resposta violenta do governo, iniciando um ciclo de violência em cascata (Visacro, 2009).

Visto que o termo “terrorismo” é um rótulo político, ele também representa um conceito estruturado, descrevendo um fenômeno existente ao mesmo tempo em que faz juízos morais (Whittaker, 2005). Com base nessa abordagem, buscamos identificar o conjunto de atividades subjacentes ao fenômeno para auxiliar na compreensão de seus elementos, em vez de adotar uma definição puramente acadêmica. Visacro (2009) destaca que os ataques terroristas englobam os seguintes elementos:

a) Executor: qualquer organização extremista ou criminosa, independentemente de ser qualificada como terrorista ou não. No caso do terrorismo de Estado, isso pode incluir agências governamentais responsáveis pelo uso ilegal da força.

b) Sigilo: característica de ilegalidade ou ocultação que define um crime. É fundamental ressaltar a ilegalidade desse aspecto para diferenciá-lo das operações militares que também fazem uso de sigilo, como as ações das Forças Especiais.

c) Violência real ou suspeita: a utilização coordenada ou a ameaça de força em determinadas circunstâncias para promover atos de terrorismo, como quando gangues

criminosas recorrem à violência em situações diversas, como na segurança pública.

d) Alvo principal: refere-se ao alvo imediato da ação. Pode ser uma pessoa ou um grupo de pessoas, um segmento específico da sociedade, profissionais como juízes, policiais, militares, servidores públicos, instalações privadas ou militares, propriedades públicas ou privadas, veículos, entre outros. O público-alvo normalmente coincide com o próprio observador.

e) Propaganda: os terroristas buscam, conscientemente, obter cobertura midiática para associar seus alvos aos impactos de seus ataques sobre eles. Os ataques terroristas perdem sua eficácia se os atos violentos e suas consequências imediatas não forem divulgadas. Exemplo disso foi o ataque terrorista durante os Jogos Olímpicos de Munique⁷.

f) Público-alvo: refere-se à parcela da população ou governante que o grupo deseja influenciar ou atingir.

g) Objetivo psicológico: busca gerar impacto psicológico nos alvos, alterando atitudes e comportamentos, como demonstrar a incompetência do Estado, a falha da presença militar e o fracasso em conter a violência. Em resumo, os ataques terroristas têm como meta influenciar diferentes grupos e gerar impacto psicológico nos indivíduos (Munhoz, 2018).

O terrorismo, desse modo, é uma forma de guerra psicológica que causa baixas mortais e leva a população não-combatente a emergir (Pinheiro, 2010). A compreensão das táticas e estratégias de combate ao terrorismo começa a ser estabelecida com base em suas definições e componentes. Eugenio Diniz (2004) entende o terrorismo como um fenômeno social e destaca a importância de considerar tanto os fins quanto os meios das ações terroristas.

Com isso, a definição de terrorismo envolve o uso da força para gerar terror como forma de atingir objetivos políticos. Assim, grupos terroristas promovem o medo para alcançar esses objetivos, criando uma sensação de vulnerabilidade e medo nas vítimas. O terrorismo se diferencia de guerrilhas e guerras tradicionais, uma vez que seu propósito é causar terror indiscriminadamente, ao passo que guerrilhas visam enfraquecer o inimigo e guerras regulares focalizam em danos materiais nos recursos do oponente (Diniz, 2004).

A guerrilha, também conhecida como “pequena guerra”, é um tipo de guerra não

⁷ No dia 5 de setembro de 1972, durante os Jogos Olímpicos de Munique, um ataque terrorista foi conduzido pelo grupo Setembro Negro, que era composto por palestinos. Oito combatentes adentraram o prédio onde a delegação israelense estava hospedada e mantiveram 11 atletas como reféns. Eles exigiram a soltura de 250 prisioneiros palestinos, porém, o governo de Israel se recusou a ceder às demandas. Esses fatos ocorreram durante as Olimpíadas de Verão de 1972, sediadas em Munique e essa cidade pertencia à Alemanha Ocidental naquela época, devido à Guerra Fria (1947-1991). O intuito da operação era atrair a atenção global atacando um alvo de valor inestimável. Os terroristas precisavam direcionar seus ataques às pessoas mais proeminentes, pois não tinham acesso aos líderes mundiais (Hoffman, 2006).

convencional que ocorre principalmente nas áreas rurais. O principal método de combate é a ocultação e a mobilidade extraordinária dos combatentes, conhecidos como guerrilheiros, que incluem, mas não se limitam a civis armados ou “irregulares”. As guerras tradicionais, por sua vez, são caracterizadas por um conflito armado entre estados, governos, sociedades ou grupos paramilitares, como mercenários, insurgentes e milícias. Na maioria das vezes, é marcada por extrema violência, agressão, destruição e mortalidade, tanto com o uso de forças militares convencionais quanto irregulares.

Isso dito, cabe destacar as diferenças entre terroristas e guerrilheiros. Os terroristas e guerrilheiros têm algumas semelhanças, como buscar apoio da população e, por isso, buscam causar impacto em seus opositores. No entanto, há diferenças importantes entre eles. Enquanto os guerrilheiros evitam atacar civis e focam mais em combatentes, os terroristas não hesitam em atingir alvos civis.

Ambos sofrem repressão do governo, mas os grupos guerrilheiros são mais fáceis de identificar. Às vezes, os governos criam padrões de violência para reprimir guerrilhas, o que pode gerar raiva e desejo de vingança. Nesses casos, os grupos guerrilheiros podem mudar suas táticas para manter o controle e apoio da população civil (Pereira, 2006).

Já o terrorismo pode também ter uma movimentação híbrida. Isso significa que pode centralizar uma postura bélica que pode ser colaboracionista com as forças regulares em determinadas áreas, enquanto pode enfrentar sem a presença de qualquer força armada regular. O sucesso tático de uma ação terrorista está relacionado à quantidade de terror gerado, independentemente do alvo imediato ou dos efeitos produzidos.

Já o sucesso estratégico depende da capacidade da ação em quebrar barreiras para reunir forças do grupo terrorista através da indução de comportamentos de terror. É importante definir os fins do terrorismo para não limitá-lo apenas ao uso do medo como meio de realizar suas ações (Santos, 2020). À vista das características do terrorismo, pode-se avançar, no próximo tópico, em direção ao seu funcionamento.

2.1 *Modus operandi* do terrorismo

Grupos terroristas não exploram seus atos para persuadir as forças adversárias. Ao invés disso, buscam provocar choque na sociedade e chamar atenção para sua causa. A intenção é mobilizar apoio das pessoas, instituições e governos à sua causa por meio da utilização do terror. Os grandes ataques planejados por esses grupos têm como objetivo difundir a imagem da organização e promover sua causa (Diniz, 2004).

Para suprir as necessidades logísticas de um grupo terrorista, é fundamental considerar a aquisição e estocagem de armas, explosivos e munições. Esses recursos são essenciais para a execução de atos terroristas. Além disso, é válido ressaltar que o recrutamento e treinamento dos membros de uma célula terrorista constituem processos meticulosos e prolongados que abrangem desde a admissão até a atribuição de funções dentro da estrutura (Santos, 2020).

A fonte primária de financiamento do terrorismo deriva usualmente de atividades ilícitas e doações, podendo ser facilitada por agentes estatais. A arquitetura operacional do esquema é essencial para viabilizar as diversas operações dos grupos terroristas. Alguns grupos terroristas consideram o apoio político como o fator mais crucial, já que as ações de governos, organizações civis politicamente ativas e figuras influentes são fundamentais para fortalecê-los. Esse suporte proporciona ajuda logística, financeira e organizacional, dificultando, assim, os esforços de combate ao terrorismo (Santos, 2020).

Figuras proeminentes podem oferecer apoio político para frustrar iniciativas de combate ao terrorismo, porém essa estratégia nem sempre é eficaz. A base social contribui com novos recrutas, esconderijo, recursos financeiros e pressiona os governos em busca de apoio político. Redes de influência detêm mais recursos e conseguem moldar decisões políticas e até mesmo iniciar conflitos (Diniz, 2004).

O advento dos meios de comunicação e a ampla disseminação da informação via internet tornam os terroristas particularmente relevantes. Por isso, a compreensão das diferentes subdivisões e classificações do terrorismo permite a identificação e compreensão das motivações e estruturas organizacionais dos grupos terroristas contemporâneos (Munhoz, 2018).

O impacto do terrorismo vai além dos ataques em si. Ele não se limita a um ato, mas se configura como uma ferramenta; por isso, a moralidade, os propósitos e as justificativas para o seu uso não podem ser plenamente compreendidos somente através da análise dos atos cometidos. O terrorismo contemporâneo se diferencia do terrorismo clássico por sua natureza transnacional, visando a ordem vigente em vez de governos ou estruturas de poder. Atualmente, os grupos terroristas se organizam em redes complexas, ágeis e multifacetadas, utilizando meios tecnológicos para se manterem quase invisíveis (Visacro, 2009).

Eles operam como uma franquia sem uma hierarquia de comando clara, mas ideologicamente conectados por um objetivo comum. A diversidade de métodos terroristas inclui desde armas de destruição em massa até ataques suicidas em locais públicos. A

sociedade atual possibilita diversas formas de comportamento terrorista, como ataques cibernéticos que podem comprometer o funcionamento de uma cidade inteira (Santos, 2020).

Diante disso, pode-se perceber a conexão entre o crime organizado transnacional, como o narcotráfico e o tráfico de pessoas, com o neoterrorismo, enfatizando a infiltração em estruturas estatais, sociais e religiosas. Além disso, a globalização, o turismo e a imigração oferecem oportunidades para os terroristas se infiltrarem e arrecadarem recursos.

Os avanços tecnológicos ampliaram o alcance das ações terroristas, facilitando o acesso às armas, financiamento e treinamento, com a disseminação da internet sendo uma mudança significativa nesse cenário. O Estado-nação tem preocupações sobre como o dinheiro obtido pode financiar ataques terroristas (Munhoz, 2018).

Dessa forma, a internet é vista como um meio de comunicação que possibilita a rápida troca de informações e mobilização de pessoas a grandes distâncias de forma instantânea. A utilização de tecnologias modernas e estratégias para influenciar a opinião pública fazem parte do terrorismo contemporâneo, em que os terroristas buscam ampliar sua influência por meio da propaganda gerada pela violência (Hoffmann, 2006).

Com isso, o acesso às novas tecnologias digitais e à informação facilita a amplificação de ataques e a disseminação de alvos para organizações terroristas, além de proporcionar recrutamento de indivíduos, como no caso dos atentados durante a Maratona de Boston em 2013, evidenciando o fenômeno do “lobo solitário”, conhecido por ser alguém que prepara e comete atos violentos sozinho, fora de uma estrutura de comando e sem assistência material de terceiros.

Sobre a Maratona de Boston, cabe lembrar que os irmãos Tsarnaev, quirguistanês-americanos de origem chechena, foram condenados por plantar bombas em panelas de pressão na Maratona em 15 de abril de 2013. O atentado matou quatro pessoas e feriu, aproximadamente, 280 outras. Eles não tinham vínculos com organizações terroristas externas, exceto por informações disponibilizadas em uma revista *on-line* chamada *Inspire*, publicada e distribuída por uma organização terrorista internacional, filiada à Al-Qaeda no Iêmen. Isso incluía instruções sobre como fazer e usar explosivos.

A terminologia “lobo solitário” ganhou notoriedade durante o pico dos atentados terroristas na Europa e nos Estados Unidos na década passada. Com a crescente influência do *Daesh*⁸, conhecido como Estado Islâmico, em áreas do Iraque e da Síria, resultado da

⁸ Fonte: *Gazeta do Povo*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/crescente-atuacao-dos-terroristas-lobos-solitarios/>. Acesso em: 16 set. 2024.

desestabilização nesses países devido à invasão americana ao Iraque em 2003 e ao início da guerra civil síria em 2011, indivíduos de várias partes do mundo, sem qualquer ligação aparente com o grupo, começaram a realizar ataques terroristas por conta própria. Essa nova abordagem levou à categorização dessas pessoas pela mídia como “lobos solitários”.

Em 13 de agosto de 2022, Israel foi alvo de mais um ataque. Desta vez, o incidente ocorreu em Jerusalém, onde um atirador feriu oito pessoas, caracterizando mais uma ação atribuída ao que tem sido denominado como “lobo solitário”. Essa expressão já foi utilizada anteriormente tanto no contexto do terrorismo internacional quanto em relação ao terrorismo em Israel.

No dia 28 de janeiro de 2023, outro ataque a tiros ocorreu em Jerusalém. Um palestino disparou contra civis nas proximidades do centro histórico da cidade. Esse tiroteio ocorreu menos de 24 horas após outro atentado que resultou na morte de sete pessoas e deixou outras dez feridas em uma sinagoga nos arredores de Jerusalém.

Figura 3 – Ataque em Jerusalém, em 28 de janeiro de 2023



Fonte: Reprodução. Foto: Ammar Awad/Reuters⁹

A imagem acima exemplifica como a pauta do terrorismo é constante e atual, o que traz relevância social para a sociedade. Nesse contexto, cabe mencionar que a principal característica que distingue os ataques realizados por “lobos solitários” de outras formas de ações terroristas é a ausência de um comando central. Esses ataques não envolvem o

⁹ Fonte: *GI*. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/01/28/apos-atentado-terrorista-novo-ataque-deixa-dois-feridos-em-jerusalem.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2024.

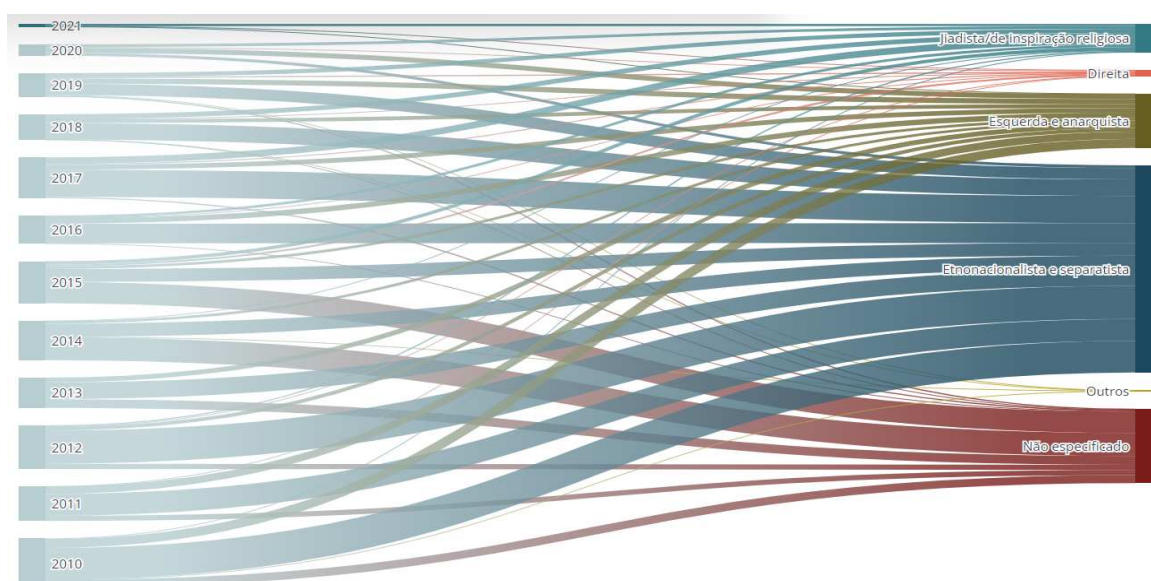
planejamento coletivo de várias pessoas. À época, esse fenômeno foi associado à propaganda do EI, que utilizava plataformas como *Facebook* e *YouTube* para espalhar sua ideologia e glorificar seus atos. Era comum ver decapitações transmitidas ao vivo nestes canais.

Contudo, não são apenas aqueles que se reconhecem como parte do Estado Islâmico que empregam essa abordagem de terrorismo isolado. Desde 2015, Israel tem sido palco de incidentes desse tipo (Figura 3).

As estratégias modernas de terrorismo visam atividades hostis, intimidação de autoridades e do público, provocação de medidas por meio da exposição na mídia para dominar seus oponentes. De acordo com Visacro (2009), os terroristas direcionam suas ações para a mídia, para a opinião pública e para os tomadores de decisão. O ataque às Olimpíadas de Munique em 1972, a ser apresentado mais adiante, exemplifica essa evolução, evidenciando a transição do terrorismo de um escopo tático para estratégico ao chamar a atenção mundial para o drama palestino (Hoffman, 2006).

A partir do ano de 1990, a ameaça terrorista deixou de estar associada às lutas revolucionárias da Guerra Fria para estar ligada à religião, foco deste trabalho, tornando-se um dos principais métodos de guerra identificados por Huntington (1997). Com o avanço tecnológico e as vulnerabilidades da sociedade globalizada, os atentados suicidas de extremistas estão crescendo em número e tornando-se mais frequentes.

Gráfico 1 – Relatório anual do terrorismo na União Europeia (2010-2021)



Fonte: Conselho da União Europeia¹⁰

¹⁰ Fonte: Conselho da União Europeia. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/infographics/terrorism-eu-facts-figures/>. Acesso em: 26 jun. 2024.

O Gráfico 1 exemplifica a tendência de atentados terroristas na Europa. Com base na imagem, existem cinco enquadramentos de atentados: *jihadista* (de inspiração religiosa), direita; esquerda e anarquista; etnonacionalista e separatista; outros; não especificados.

Os terroristas se enxergam como combatentes que são impelidos pelo desespero e pela falta de alternativas viáveis para confrontar os Estados opressores. Esses elementos estão em grande parte independentes do estado da organização terrorista, de sua estrutura e de sua capacidade de realização. Nesse contexto, encontram-se envolvidos os perpetradores de atos terroristas (Hoffmann, 2006).

Uma investigação sobre um atentado terrorista, realizada pelo tenente-coronel Andrew Smith do Exército Australiano, revelou que um ataque terrorista ocorrido há vários anos provocou uma crise de curto prazo e posteriormente uma crise de longo prazo. Os ataques de 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos (EUA) exemplificam isso. Com base nessas ocorrências, foram delineadas as etapas de um ato terrorista, as quais incluem: crise, ataque e resultado (Munhoz, 2018).

A fase inicial, denominada crise, é marcada por eventos decorrentes dos próprios atos terroristas, não ligados a crises políticas, militares ou religiosas. Caracteriza-se pela aquisição de recursos, conhecimentos e habilidades necessárias para a execução dos ataques. Tomemos como exemplo os ataques em Mumbai em 2008, cujos preparativos levaram vários anos.

Figura 4 – Ataques a Mumbai



Fonte: Reprodução¹¹

¹¹ Fonte: Reprodução. Disponível em: <https://pbrasil.wordpress.com/2010/01/03/ataques-a-mumbai-completam-um-ano/>. Acesso em: 24 set. 2024.

No dia 26 de novembro de 2008, Mumbai, uma cidade na Índia, foi palco de uma série de ataques armados com rifles e granadas realizados por um grupo de dez homens pertencentes ao *Lashkar-e-Taiba* (LeT), uma organização extremista baseada no Paquistão. O estado de emergência se estendeu por três dias, resultando em centenas de feridos.

Ainda na fase da “crise”, preparar-se envolve recrutamento, treinamento, angariação de fundos, coleta de materiais e informações, planejamento estratégico, estabelecimento de contatos, reconhecimento, contraespionagem e atividades de inteligência. É importante destacar que não se pode determinar com precisão a duração de cada uma dessas etapas.

Ou seja, cada fase demanda um período específico para ser considerada “concluída”. A etapa preparatória é muito intrincada. No entanto, uma vez finalizada, torna-se mais ágil e viabiliza ataques em múltiplas frentes. Como essa é a base das organizações terroristas, ela está profundamente enraizada na complexidade dos ataques. Acima de tudo, os princípios de prevenção e combate ao terrorismo estão centrados nessa fase.

A fase conhecida como “ataque” engloba, essencialmente, os preparativos finais para a ação, como organização e obtenção de recursos, montagem de equipamentos, último reconhecimento do local, execução do plano e retirada. Tomando, ainda, como exemplo os atentados de 11 de Setembro, a duração das operações terroristas foi aproximadamente duas horas, o que dificultou a resposta das autoridades diante da gravidade da situação (Munhoz, 2018).

O ataque ocorrido em Mumbai¹², na Índia, em 26 de novembro de 2008, foi considerado relativamente prolongado, com duração de cerca de 60 horas. Nesse fato em particular, o desafio da fraca resposta policial também afetou significativamente o desdobramento dos eventos. Por fim, a avaliação do “resultado” leva em consideração os méritos e o objetivo final almejado pela organização terrorista.

O alvo primário de um ataque terrorista raramente são as vítimas diretas do evento. A partir daí, grupos terroristas colhem os supostos “benefícios” das ações realizadas ao ganharem destaque na mídia global. Porém, o aspecto mais relevante é assegurar que suas pautas sejam amplamente discutidas mundialmente. Embora pareça simplista e racional, o conceito de terrorismo nos possibilita enxergar as organizações terroristas sob diferentes

¹² Em 26 de novembro de 2008, dez atentados terroristas sincronizados atingiram a cidade indiana de Mumbai, conhecida como maior cidade do país. Alguns dos ataques só foram encerrados três dias depois, quando as forças de segurança locais assumiram o controle dos locais atacados. 195 pessoas, incluindo vinte e dois estrangeiros, foram confirmadas como mortas. Cerca de 327 pessoas ficaram feridas.

perspectivas para desenvolver estratégias eficazes na prevenção e combate a esses atos (Munhoz, 2018).

Para Paiero (2012), o medo do desconhecido, por exemplo, cria um ambiente de desordem, sendo reforçado pela ação terrorista. Com isso, o terrorismo traz sentimento de vulnerabilidade e instabilidade para os afetados, não se limitando às vítimas diretas, impactando suas vidas de diversas maneiras. Por isso, a propagação de imagens terroristas pela mídia contribui para aumentar a sensação de desordem, afetando até mesmo aqueles que estão fisicamente protegidos contra os ataques diretos. A repetição na cobertura jornalística não apenas amplia o alcance, mas também intensifica a percepção da frequência e quantidade dos atos terroristas.

Ademais, a imprevisibilidade da vida e o receio do fim do mundo são fundamentais para compreender por que dias assustadores permanecem gravados em nossa memória. Essas ocasiões evidenciam a fragilidade do que parecia estável e confortável, apontando para a desordem e a ruína das estruturas estabelecidas. Surgem, com isso, temores profundos, como o da proximidade da morte, seja a nossa própria ou a daqueles que amamos, e o pavor à extinção do mundo conhecido, revelando o medo diante do desconhecido (Paiero, 2012).

Desse modo, fica claro que o terror contemporâneo se caracteriza pela vitimização arbitrária, o que contribui para aumentar a sensação de insegurança generalizada. Qualquer indivíduo pode acabar se tornando alvo do terrorismo de forma imprevisível, tornando os ataques indiscriminados. Essa aleatoriedade causa medo sobre quem pode ser atingido. Esse receio aproxima as pessoas das vítimas reais, levando-as a demonstrar solidariedade e compartilhar o sofrimento de suas famílias (Paiero, 2012).

Face ao exposto, não se pode negar a estreita relação entre terrorismo e mídia, uma vez que os terroristas podem depender dos veículos de comunicação para disseminar seus feitos e causar sensação de pânico e terror. O jornalismo, ao exercer sua função social de noticiar, dá aos terroristas ferramentas das quais dependem para se tornarem conhecidos. A título de exemplo, pode-se mencionar o *YouTube* e o *X* (conhecido por *Twitter*). Apesar de não se caracterizarem como mídia tradicional, exceto quando apropriados pelos veículos tradicionais de comunicação, eles contêm contas de usuários integrantes do Estado Islâmico, um dos grupos terroristas de maior visibilidade nos dias de hoje.

No entanto, o EI não precisa necessariamente da mídia convencional para se tornar conhecido. Isso porque eles têm redes sociais digitais próprias, utilizadas para divulgar e recrutar “lobos solitários”, sobretudo do Ocidente. Além disso, o EI tem veículos de

comunicação próprios: páginas na internet e revistas digitais, que estimulam e convidam usuários a aderir à sua causa terrorista. Os principais alvos são adolescentes de origem islâmica, que não se identificam com a cultura ocidental e, por isso, tornam-se mais suscetíveis aos convites do grupo (Anaz, 2021). Com isso em mente, no próximo tópico, abordamos os diferentes tipos de terrorismo moderno.

2.2 Tipos de terrorismo

O estudo do terrorismo aborda a importância crucial de compreender sua evolução ao longo da história, apesar de ser um tema que pode causar desconforto, já que uma de suas características é a capacidade de se transformar e se adaptar com o passar do tempo. A essência não está na origem ou no desenvolvimento do terrorismo, mas sim na estrutura organizacional dos grupos envolvidos, que utilizam uma variedade de métodos para alcançar seus objetivos, sejam eles de natureza religiosa, política ou social (Munhoz, 2018).

Em virtude disso, as organizações terroristas são categorizadas de diferentes maneiras conforme seus motivos, escala, tipos e objetivos dos ataques, bem como sua forma de organização. Guimarães (2007) classifica o terrorismo em subgrupos para facilitar o entendimento: a) Terrorismo organizado; b) Terrorismo de Estado; c) Terrorismo político revolucionário; d) Terrorismo ideológico e/ou religioso. De acordo com Visacro (2009), as organizações terroristas são classificadas conforme diferentes critérios, tais como amplitude, propósito ou tipo de ataque, e motivação. A primeira classificação, dentro do terrorismo organizado, é a seguinte:

Tabela 1 – Classificação do terrorismo organizado

Terrorismo internacional	Terrorismo doméstico
1 - Ataques que ultrapassam as fronteiras nacionais em termos de financiamento, preparação, consequências e impactos; 2 - Envolve múltiplos países e nacionalidades das vítimas, nos perpetradores, no local do ataque e até nos métodos utilizados.	1- Caracterizado por ataques de terroristas em nível local; 2 - Geralmente, ocorre dentro das suas próprias delimitações geográficas: mesma rua, avenida, bairro, município, cidade, estado, país.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Ainda dentro do “terrorismo organizado”, o próximo desdobramento ocorre entre terrorismo seletivo e indiscriminado. O primeiro diz respeito ao ato em que os ataques ou

campanhas de terror são direcionados a alvos específicos, visando reduzir os danos colaterais a vítimas inocentes e evitar a condenação pública. Já o terrorismo indiscriminado consiste na realização de atentados visando alcançar o maior número possível de civis. É um dos modelos mais comuns nos dias atuais (Munhoz, 2018).

O terrorismo de Estado é caracterizado pelo uso da força coercitiva por agências de segurança estatais para suprimir a oposição interna e garantir a continuidade do regime vigente. Existe também uma variante conhecida como “terrorismo apoiado pelo Estado”, que envolve o apoio a organizações terroristas para promover interesses estatais de forma camuflada no cenário internacional (Visacro, 2009).

Formas extremas de terrorismo político-ideológico ou secular são exemplificadas por ações subversivas, promovidas por grupos separatistas ou organizações revolucionárias. O terrorismo político religioso, por sua vez, consiste em uma série de ataques terroristas coordenados por organizações militantes, cuja base institucional é a devoção religiosa.

Ainda de acordo com Visacro (2009), a motivação para essas formas de terrorismo também se aplica ao terrorismo narcótico, uma vertente de terrorismo que é financiada pelo tráfico de drogas e visa, principalmente, manter ou aumentar os lucros provenientes dessa atividade. Normalmente, é empregado em confrontos entre facções concorrentes pelo controle de territórios de produção e refino em áreas rurais, além de ser utilizado em ataques a estabelecimentos comerciais em áreas urbanas.

Além disso, existe também o terrorismo autotélico, que se refere a atos de terrorismo desprovidos de motivos políticos, religiosos ou ideológicos sólidos. Em geral, esse tipo de terrorismo está relacionado a fenômenos como banditismo, racismo, fanatismo extremista ou conflitos locais de poder entre tribos ou grupos étnicos diversos (Munhoz, 2018). Também se enquadra nessa categoria o fenômeno mais recente conhecido como “lobo solitário”. Com isso em mente, no próximo tópico, tratamos da origem do grupo terrorista foco deste trabalho: Estado Islâmico.

2.3 Estado Islâmico

O Estado Islâmico (EI), anteriormente conhecido como Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS), que já se declarou um califado, é uma organização terrorista extremista transnacional. O objetivo do grupo é estabelecer um novo califado islâmico que siga uma versão mais rigorosa da lei islâmica. O grupo fez esforços sustentados para conquistar terras

significativas no Iraque e na Síria, a partir das quais planejavam liderar o resto do mundo (Gill *et al*, 2017).

A nível internacional, o Estado Islâmico aterrorizou e lançou ataques na Europa e em outras áreas no auge do seu poder em 2015. Os seus membros são de várias etnias, mas a maioria dos indivíduos do seu grupo é muçulmana sunita. O grupo ganhou nome próprio e ganhou destaque em 2014, quando cortou, oficialmente, relações com a Al-Qaeda. Desde a queda do seu califado em 2019, as suas atividades operacionais diminuíram e regrediram para um processo de guerrilha não mapeado pelas Nações Unidas, que proibiu o grupo. Devido às operações violentas do governo contra os cidadãos e à brutalidade do regime de Hussein, ganharam o favor das comunidades no Iraque (Gomes, 2019).

Figura 5 – Linha do tempo do Estado Islâmico



Fonte: Guia do Estudante¹³

A imagem acima ilustra uma linha temporal das principais fases do EI, com início em 2003 e término em 2016. O infográfico foi elaborado conforme dados do Instituto para o Estudo da Guerra, Departamento de Defesa dos EUA, *The Guardian* e *Folha de S. Paulo*.

¹³ Fonte: Guia do Estudante. Disponível em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/curso-enem/dossie-estado-islamico-por-dentro-do-estado-islamico>. Acesso em: 24 set. 2024.

O grupo foi estabelecido em 1999 e foi reconhecido pela primeira vez como *Jamā'at al-Tawhīd wa-al-Jihād*, que se traduz como “A Organização do Monoteísmo e da Jihad”. O objetivo do grupo era remover o governo de Saddam Hussein e criar um novo governo provincial no Iraque. Mesmo assim, fundiram-se com a Al-Qaeda em 2004 e renomearam-se Estado Islâmico do Iraque. Embora a organização tenha perdido poder durante a ocupação americana do Iraque, recuperou-se e foi vista como uma ameaça para os americanos residentes no Iraque, bem como para a minoria iraquiana em 2010 (Gomes, 2019).

O EI segue propostas incorporadas em manuais multilíngues de trabalho manual, em grupos de discussão mundiais na internet, em revistas sobre o Cristianismo e o Islamismo. A “constituição de Allah” dita a vida sob o seu governo. Segundo eles, os soldados do Estado Islâmico deveriam praticar rigorosamente a lei islâmica. Esses atos incluem orar cinco vezes ao dia, governar de maneira justa e honesta e quebrar restrições normativas.

A denominação “Estado Islâmico” para o grupo extremista gera debates entre especialistas e governos engajados em seu combate. Por se tratar de um grupo terrorista e não de um verdadeiro Estado, muitos afirmam que se referir a ele pelo nome que adotou é uma forma de legitimação. Além disso, a associação com o Islamismo é rejeitada pela maioria dos muçulmanos, que não se identificam com suas ações (Gomes, 2019).

Diversos países, como a França, preferem o termo *Daesh*, originado da versão abreviada de um dos nomes anteriores do grupo (Estado Islâmico do Iraque e do Levante) em árabe: *Al-Dawla al-Islamiya fil Iraq wa'al-Sham*. Esse termo, que não é aceito pelo EI, é utilizado por seus opositores devido à semelhança sonora com uma palavra árabe que significa “destruidor”, servindo, assim, como uma estratégia para desmerecer a organização.

As autoridades dos Estados Unidos frequentemente usam a sigla ISIL, equivalente em inglês ao mesmo nome anterior; no entanto, tanto o ex-presidente Barack Obama quanto o ex-secretário de Estado, John Kerry, já chamaram o grupo pelo nome *Daesh*. Há também a expressão ISIS, que é uma tradução alternativa referindo-se ao Estado Islâmico do Iraque e da Síria. Com este embasamento teórico em mente, abordamos como o terrorismo islâmico atua no próximo subtópico.

2.3.1 Terrorismo islâmico

A morte de Osama bin Laden, em maio de 2011, durante uma operação militar dos Estados Unidos realizada em solo paquistanês, gerou um sentimento de alívio em países que vinham sendo alvo de ataques coordenados pela Al-Qaeda. O líder responsável pelos

eventos de 11 de Setembro e diversos outros atentados havia sido morto, impedindo, assim, a continuidade de sua violenta campanha. Muitos não previam que, em uma região não muito distante, Iraque, uma ameaça, possivelmente, mais grave estava prestes a surgir.

Apesar de muitas vitórias das forças aliadas sobre os grupos terroristas islâmicos, diversos *jiihadistas*, os que defendem a “guerra santa” muçulmana, remanescentes da Al-Qaeda no Iraque, organizaram-se. Em 2013, com isso, surgiu o Estado Islâmico no Iraque e no Levante, que passou a controlar e amedrontar regiões do Iraque e da Síria, além de propagar seus atos violentos por diferentes partes do mundo (Loureiro, 2019).

Durante a presença das tropas dos Estados Unidos e do Reino Unido no Iraque, uma das principais preocupações tanto para as forças de ocupação quanto para o novo governo iraquiano eram as ações da Al-Qaeda no país. Sob a liderança de Abu Musab al-Zarqawi, originário da Jordânia, o grupo foi responsável por grande parte dos atos cometidos pela insurgência sunita, incluindo uma série de ataques a bombas contra a população xiita, assim como sequestros e execuções de estrangeiros.

Zarqawi foi abatido pelas forças norte-americanas em 2006, juntamente com outros líderes subsequentes, porém a Al-Qaeda no Iraque permaneceu ativa. Após a sucessão de diferentes líderes, as operações dos *jiihadistas* passaram para as mãos de Abu Bakr al-Baghdadi, líder religioso que muitos conhecem como “o xeque invisível” (Gomes, 2019).

Entretanto, os Estados Unidos já tinham conhecimento dele. Baghdadi foi capturado pelas forças americanas no Iraque em 2004. Ele permaneceu detido por dez meses na prisão de Camp Bucca, onde estabeleceu laços com futuros líderes do seu movimento *jiihadista*¹⁴. Após ser liberado por ser considerado de baixa periculosidade, ele assumiu a liderança de um conselho de Sharia¹⁵ (Lei Islâmica) da Al-Qaeda no Iraque, que, após a morte de Zarqawi, mudou seu nome para Estado Islâmico no Iraque.

Baghdadi ascendeu à liderança da organização após a morte de outros líderes e, em 2013, tomou uma decisão ousada. Diante do cenário da guerra civil na Síria, optou por

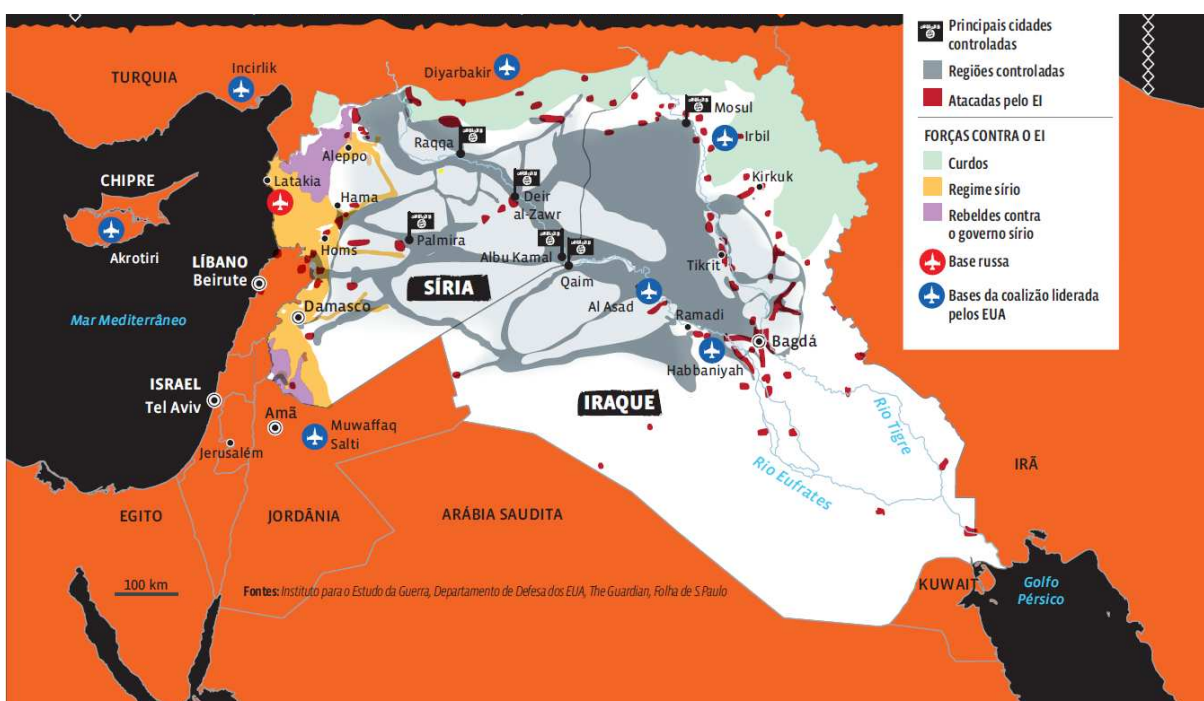
¹⁴ Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58251684>. Acesso em: 27 jun. 2024.

¹⁵ A Lei Islâmica, conhecida como Sharia, é um sistema jurídico baseado nas diretrizes do Alcorão, nos ensinamentos e exemplos do profeta Maomé e na jurisprudência emitidas por estudiosos muçulmanos. Uma tradução literal da “Sharia” para o português seria “caminho claro para a água”. A Sharia funciona como um guia de conduta que todos os seguidores do Islã são orientados a seguir. Ela abrange práticas como as cinco orações diárias, o jejum durante o Ramadã e a caridade aos necessitados. Esse código legal contempla todos os aspectos da vida cotidiana, desde questões familiares até assuntos comerciais e financeiros. De acordo com a lei, homens e mulheres são instruídos a se vestirem com modéstia. Para as mulheres, isso implica, no mínimo, em cobrir seus cabelos. É comum haver uma segregação por gênero em determinados lugares. Além disso, a Sharia prevê punições rigorosas. Por exemplo, o roubo pode resultar na amputação da mão do culpado, enquanto adultério pode ser punido com a pena de morte por apedrejamento.

transformar o autointitulado Estado Islâmico em uma entidade regional. Não mais restrito ao Iraque, mas também abarcando a Síria ou Levante, como é conhecida aquela região.

Foi assim que surgiu o Estado Islâmico no Iraque e no Levante/Síria, conhecido pelas siglas ISIL, ISIS ou EI, denominado “*Daesh*” no mundo árabe. Este acontecimento intensificou a já existente rivalidade entre os militantes *jihadistas* atuantes no Iraque e a tradicional Al-Qaeda, que, após a morte de Bin Laden, passou a ser liderada pelo egípcio Ayman al-Zawahiri. Inicialmente, Baghdadi desejava que o EI incorporasse também a Frente al-Nusra, grupo que atuava na guerra civil síria como um ramo da Al-Qaeda.

Figura 6 – Geolocalização do Estado Islâmico



Fonte: Guia do Estudante¹⁶

A imagem acima representa os territórios ocupados pelo EI: principais cidades controladas; regiões controladas; cidades atacadas pelo EI. Além disso, também mostra as forças atuantes contra o EI: curdos, regime sírio, rebeldes contra o governo sírio, base russa e bases da coalizão liderada pelos EUA.

A rede de Zawahiri se opunha à ideia de regionalização do autointitulado Estado Islâmico e também condenava parte dos métodos violentos do grupo, especialmente o massacre de muçulmanos. A Al-Nusra permaneceu leal à Al-Qaeda e distante do EI. No

¹⁶ Fonte: Guia do Estudante. Disponível em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/curso-enem/dossie-estado-islamico-por-dentro-do-estado-islamico>. Acesso em: 24 set. 2024.

entanto, isso não evitou que Baghdadi e seu grupo avançassem e conquistassem território¹⁷. Diante disso, no próximo subtópico, abordamos sobre as principais crenças e rejeições do EI.

2.3.2 Crenças e rejeição de outras religiões

O EI considera os cristãos como seus principais inimigos. Da mesma forma, os arianos, os shabak, os assírios, os turcomanos, os curdos, os yazidis, os mandeanos, os kakais e os zoroastrianos se opõem ao EI. O grupo segue a doutrina do Islamismo e da *Jihad*. Ele pretende estabelecer o imperialismo islâmico no mundo através das suas operações. O grupo busca cumprir seu objetivo de controlar o Globo, terras geográficas distantes, sistemas tributários e regulamentações. Pretende também ganhar grande consciência e provar que são lutadores verdadeiramente devotos e valentes (Gomes, 2019).

Além disso, pretende também provar que todos os países e serviços árabes federais que estão sob o seu controle, bem como os seus compatriotas, são manifestamente descrentes. Adicionalmente, o seu objetivo final é expandir os seus ataques para a Europa e para além dela. A compreensão do objetivo do Estado Islâmico alimenta a urgência de desmilitarizar os terroristas no Oriente Médio através de operações militares.

A visão do grupo sobre as mulheres é bilateral. Consideram-nas como sexo mais frágil e mantêm outras restrições humanas comuns em outras culturas. O grupo é conhecido por fazer uso de escravas sexuais e punir mulheres casadas que desafiam as regras legais estabelecidas na Lei Sharia. Eles permitem que as mulheres participem de batalhas como soldados ou homens-bomba, mas ainda as restringem de áreas que frequentemente enfrentam operações, como os fuzileiros navais dos EUA (Laqueur, 1999).

As crianças, por sua vez, desempenham um papel crucial para o EI. O grupo encaminha as crianças do seu território para as escolas. Além disso, o governo também cobra das escolas que mantenham registros atualizados sobre os alunos, mas sublinha que os alunos não devem pagar taxas. O grupo impõe penalidades aos professores que consideram estarem vestidos de forma provocativa ou que se misturam com terceiros do sexo oposto.

O grupo dá importância às crianças, visto que as fazem lutarem nos campos de batalha. Eles acreditam que o investimento bélico e militar em crianças e adolescentes desenvolverá, na próxima geração, combatentes para ajudar em guerras no futuro. Somado a isso, não se pode negar a influência midiática do EI no meio digital. Isso porque o grupo

¹⁷ Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379503>. Acesso em: 29 abr. 2024.

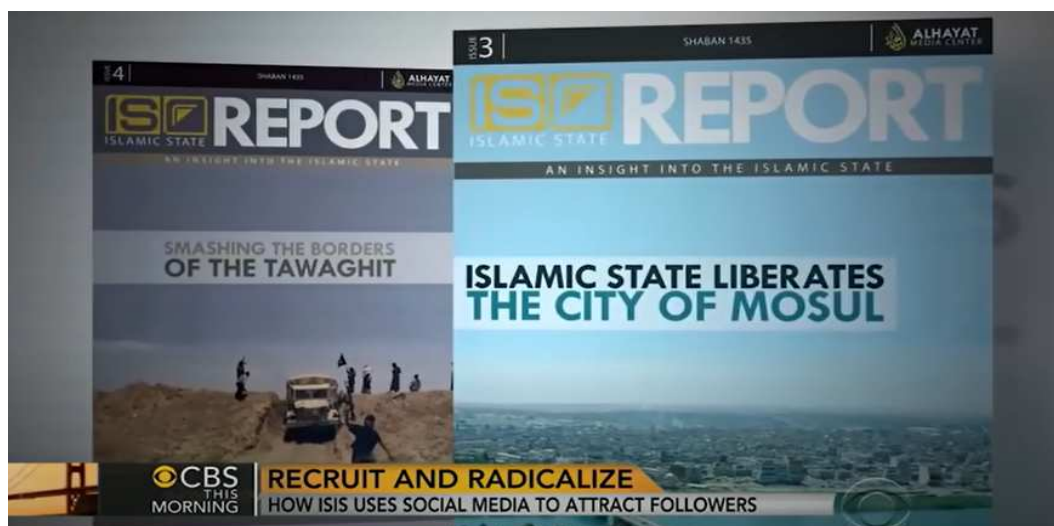
possui vídeos no *YouTube* e conteúdo digital para fins de militarização e divulgação de seus atentados, tema a ser apresentado no próximo tópico.

2.4 Publicação na mídia e uso de propaganda

O Estado Islâmico formou uma estrutura de mídia e também de propaganda por diversas razões. Inicialmente, eles usaram as campanhas de propaganda para dar a conhecer a sua existência a outras nações. Por exemplo, gastam grandes somas de dinheiro em anúncios públicos na televisão, na rádio e em outros equipamentos sociais, como calendários e relógios. Eles também se esforçam para retratar os aspectos positivos do seu regime para que possam atrair os habitantes de outras regiões a unirem suas forças em nome do imperialismo expansionista e matar aqueles que desafiam as suas doutrinas (Kydd, 2006).

Com o propósito de buscar mais negociações internacionais, o EI divulgou suas próprias fontes de mídia como revistas, boletins de notícias em vários idiomas e mídias sociais digitais como o *Twitter*, atualmente conhecido como “X”. Na rede, eles conquistam maior audiência tanto dos que seguem o grupo quanto dos que são contra suas ideologias como forma de preparar novos integrantes (Soriano, 2012).

Figura 7 – Captura de tela de vídeo do Canal Nostalgia



Fonte: *YouTube*¹⁸ (2017)

A internet é a principal aliada do EI. Eles possuem suas próprias redes sociais digitais, aplicativos e revistas que defendem as ações do grupo, incentivando outros a se

¹⁸ Fonte: Canal Nostalgia: “Por que é impossível acabar com Estado Islâmico”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x7K9IYfVmvA>. Acesso em: 27 jun. 2024.

juntarem a eles. Suas revistas são redigidas em inglês para alcançar um público mais amplo. Redes sociais digitais tradicionais como *Instagram*, *Facebook*, *TikTok* e *X* não são deixadas de lado. O governo dos Estados Unidos revelou que há mais de 45 mil membros ativos do EI no *X*. Estima-se que eles publiquem cerca de duzentas mil mensagens diariamente na tentativa de atrair novos seguidores.

Assim, fica clara a influência *on-line* do grupo. Além disso, é importante ressaltar que eles se distinguem por serem pró-sunitas, anti-xiitas e distribuem a morte aos apóstatas e a todos os grupos não-muçulmanos. O grupo classifica os cruzados, isto é, os europeus, como um grande inimigo que deve ser atacado. Entre os objetivos do EI listados acima, o grupo visa atacar os países europeus e derrotar os seus líderes.

É importante ressaltar, nesse contexto, a diferença entre sunitas e xiitas. Os xiitas e os sunitas representam dois segmentos que emergiram dentro do Islamismo, uma religião fundada pelo profeta Muhammad no século VII. A divisão entre eles está ligada à questão da liderança após a morte do profeta, em 632. Os xiitas sustentam que apenas os descendentes de Muhammad, começando por Ali Bin-Abu Talib, têm o direito de liderar os muçulmanos.

Por outro lado, os sunitas acreditam que qualquer muçulmano virtuoso está apto a suceder o profeta e apoiaram Abu Bakr nessa função. Hoje em dia, o Irã e a Arábia Saudita se destacam como as principais potências xiita e sunita, respectivamente. Tanto os xiitas quanto os sunitas enfrentam divergências em várias áreas, incluindo crenças religiosas, doutrinas, rituais e interpretações das leis islâmicas. Essas diferenças começaram a se delinear logo após a morte de Muhammad, que é considerado o mensageiro de Allah na tradição islâmica e responsável pela fundação do Islamismo no século VII.

A revelação ocorreu por volta do ano 610, enquanto o surgimento do Islamismo é datado em 622, conforme os historiadores, quando Muhammad deixou Meca e se refugiou em Medina. A partir desse momento, Muhammad conduziu uma série de campanhas para expandir o Islamismo por toda a Península Arábica, conseguindo, assim, dominar a região e estabelecer o Islamismo como a religião oficial. Ele faleceu em 632, e sua morte marcou o início da divisão entre os dois principais ramos do Islamismo: xiismo e sunismo.

Depois do falecimento de Muhammad em 632, seus seguidores tiveram que lidar com o problema da liderança do Islamismo. Duas tendências emergiram: uma que defendia *Ali Bin-Abu Talib*, primo e genro do profeta, como líder, alegando que somente um descendente do profeta poderia liderar a comunidade. A corrente contrária, que apoiou uma proposta distinta, originou os sunitas. Com esta contextualização feita, o próximo capítulo trata de como os meios de comunicação veiculam a pauta do terrorismo.

3 COBERTURA MIDIÁTICA DO TERRORISMO

A cobertura midiática de ataques terroristas levanta questionamentos sobre sua extensão e abordagem, com diversos atores sociais se envolvendo nesse debate. A interrupção da normalidade causada por esses atos afeta aspectos sociais e psicológicos profundos, nos quais jornalistas e veículos de comunicação estão inseridos. Além da produção de notícias em tempo real, a cobertura do terrorismo exige habilidades analíticas para compreender sua complexidade política, social, econômica e religiosa. A maneira como a mídia retrata esses eventos revela seus princípios éticos e valores, assim como o impacto da representação da violência (Sanches, 2019).

Antes da quarta onda¹⁹ de terrorismo, os atos terroristas eram influenciados pela conjuntura histórica, política e ideológica. Com a Revolução Islâmica no Irã em 1979 e o fim da Guerra Fria, o terrorismo passou a ter um viés religioso, aumentando a perspectiva do “choque de civilizações”. Nesse contexto, para se cobrir um atentado, os jornalistas devem buscar e checar rigorosamente as informações, ao invés de apenas esperar por comunicados oficiais (Rapoport, 2004).

O Jornalismo não deve ser um órgão auxiliar do governo, mas sim manter sua independência e distância das influências da opinião pública e interesses políticos para cumprir seu dever de informar de forma democrática. A comoção causada por atentados terroristas pode ameaçar esse princípio, levando a mídia a suspender sua relação crítica com o poder (Sanches, 2019).

Os meios de comunicação e as esferas políticas costumam focar em diferentes formas de terrorismo ao longo do tempo. Entre 1960 e 1980, as notícias destacavam o terrorismo de extrema direita e esquerda, bem como movimentos pró-independência. Atualmente, os ataques terroristas de inspiração religiosa, em especial os ligados a organizações que afirmam seguir o Islamismo, recebem mais atenção da mídia (Unesco, 2018).

Apesar das análises contraditórias sobre a relação entre terrorismo e religião, a referência ao Islamismo é amplamente contestada, inclusive por países islâmicos. Em uma

¹⁹ Rapoport (2004) descreve a evolução do terrorismo moderno em quatro ondas distintas: a “Onda Anarquista” iniciada na Rússia em 1808, seguida pela “Onda Anticolonial” a partir de 1920, a “Nova Onda Esquerdista”, que perdeu força no final do século XX e ainda tem alguns grupos ativos em países como Nepal, Espanha, Reino Unido, Peru e Colômbia. Por fim, a atual “Onda Religiosa”, que começou em 1979 e se prevê que termine por volta de 2025. As três primeiras ondas de legitimidade política buscavam o direito à autodeterminação do povo, enquanto a quarta onda baseia-se em textos sagrados para estabelecer o Islamismo como única forma de salvação e busca reconstituir e expandir o Califado Islâmico (Rabelo, 2018).

reunião do Conselho de Segurança da ONU em 2016, o representante do Kuwait, em nome da Organização de Cooperação Islâmica, declarou que a expressão “grupos terroristas de inspiração religiosa” estava incorreta, afirmando que nenhuma religião tolera ou inspira o terrorismo, embora existam grupos terroristas que exploram crenças religiosas (Marthoz, 2018).

A mídia internacional destaca que grupos envolvidos em atos violentos frequentemente afetam populações majoritariamente muçulmanas, seja diretamente em países como Iraque e Síria, seja indiretamente em ataques como os de Bruxelas (2016) e Nice (2016). Após uma onda de ataques, as referências ao Islamismo se tornam frequentes na mídia, como ocorreu após o atentado em Munique²⁰, em que a menção ao Irã desviou o foco do crime ter sido cometido por ideologia de extrema direita com raízes em teorias arianas e na cultura de violência das sociedades ocidentais.

Figura 8 – Manchete do Massacre de Munique (1972)



Fonte: *O Estado de S. Paulo*²¹

O Massacre de Munique é considerado o maior atentado terrorista registrado em uma competição esportiva até hoje. Na época do ataque, os Jogos Olímpicos já estavam em

²⁰ O Massacre de Munique, também reconhecido como Tragédia de Munique, foi um ataque terrorista que aconteceu durante os Jogos Olímpicos de 1972, na cidade de Munique, Alemanha. No dia 5 de setembro, membros da equipe olímpica israelense foram feitos reféns e mortos pelo grupo terrorista palestino conhecido como Setembro Negro.

²¹ Fonte: *O Estado de S. Paulo*. Disponível: <https://manchetempo.uff.br/?p=2357>. Acesso em: 11 set. 2024.

sua segunda semana e a segurança havia sido reduzida pelo Comitê Organizador das Olimpíadas da Alemanha Ocidental, com o objetivo de evitar uma imagem militarizada nas cidades alemãs. O Comitê desejava evitar repetir a percepção negativa deixada pelos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Havia críticas sobre a insuficiência da segurança na vila olímpica, onde os atletas se hospedavam.

Os competidores conseguiam facilmente contornar as falhas na segurança durante a noite e visitavam outros edifícios para interagir com colegas, muitas vezes pulando as cercas da vila. A ausência de segurança armada preocupava a delegação israelense antes mesmo de sua chegada a Munique. Os atletas estavam alojados em um apartamento relativamente isolado na vila olímpica, situado no térreo próximo ao portão, o que tornava o grupo vulnerável a possíveis ataques (Sanches, 2019).

Nesse cenário, podemos mencionar outros atentados terroristas que ganharam visibilidade nos meios de comunicação. Foram eles: os incidentes de 11 de Setembro de 2001, que causaram danos ao *World Trade Center* em Nova York e ao Pentágono em Washington. Os ataques às representações diplomáticas dos Estados Unidos em Nairobi, Quênia, e Dar es Salaam, Tanzânia, ocorridos em 7 de agosto de 1998. Em 12 de outubro de 2000, ocorreu o ataque ao *USS Cole*, ancorado no Iêmen. Em 7 de julho de 2005, ocorreram ataques ao metrô de Londres. Estes atentados foram conduzidos pela Al-Qaeda, precursora do Estado Islâmico, foco do nosso trabalho. Isso dito, para contextualizar sobre o grupo terrorista Al-Qaeda, no próximo tópico, detalhamos um pouco sobre sua formação.

3.1 Al-Qaeda

A Al-Qaeda ganhou notoriedade após os ataques de 11 de Setembro nos EUA, quando atingiu o *World Trade Center* em 2001. Isso levou as autoridades a questionarem a segurança do país diante do terrorismo. Após os ataques, a dinâmica de vigilância no Oriente Médio foi modificada e, com isso, medidas foram tomadas para manter a Al-Qaeda em funcionamento. A interação com o mundo virtual tornou-se importante, gerando, assim, novos desafios e dilemas relacionados à segurança internacional para o grupo (Lormel, 2007).

Essa notoriedade foi conferida pela própria mídia. Afinal, foi dado aos terroristas justamente o que eles queriam: visibilidade para se fazerem conhecidos e temor pela sua existência. O Jornalismo, na sua função de noticiar, acaba entregando aos terroristas esta visibilidade nos meios de comunicação quando aborda um atentado.

De forma não proposital, a mídia nos apresenta a realidade por trás dos atentados: as ações, os envolvidos e as consequências dos seus atos. Imagens de explosões, tumultos e gritarias ficam registradas em nossas memórias pelo fato de terem sido veiculadas em um canal televisivo, por exemplo. Diante disso, não se pode negar o dilema ético existente entre o fenômeno do terrorismo e a mídia, já que a própria mídia acaba gerando conteúdo para outros grupos terroristas. Esta problematização será discutida posteriormente no tópico sobre terrorismo como espetáculo midiático (Weimann, 2009).

Como consequência, vários esforços ocorreram para reduzir o alcance dos terroristas. A guerra ao terror²² enfraqueceu a centralidade de poder da Al-Qaeda, levando a organização a descentralizar e fragmentar suas operações em células regionais. Isso ocorreu devido à atenção global voltada para ameaças terroristas, que causaram instabilidade na segurança internacional (Lormel, 2007).

A Al-Qaeda é pioneira em utilizar tecnologias de computador para fins mal-intencionados e se destaca como uma organização terrorista diversa que aproveita as infraestruturas do espaço virtual. Este ambiente oferece possibilidades para criar espaços de interação organizacional do grupo, independentemente dos atos terroristas propriamente ditos, incluindo ferramentas internas administrativas, bem como propagandas feitas à causa do medo (Rudner, 2016).

Nesse contexto, outra ferramenta utilizada pelo grupo é a *jihad* eletrônica, responsável pela radicalização dos muçulmanos ocidentais por meio do ciberespaço, um ambiente propício para o extremismo. Desse modo, os servidores e *sites* disponibilizam conteúdos e práticas violentas que favorecem grupos terroristas islâmicos na construção do seu califado global. Ao se valerem da internet como ferramenta internacional, o grupo consegue exercer grande impacto em sua inserção mundial (Rudner, 2016).

Com isso, a propaganda *on-line* se tornou essencial para grupos terroristas como a Al-Qaeda e Estado Islâmico, que usam a internet para promover suas ideologias e arrecadar fundos para suas campanhas. Isso ajuda a manter sua estrutura organizacional e financeira, além de fortalecer sua imagem e impacto. Dessa forma, a disseminação da identidade de um grupo terrorista é o fator que mantém em destaque o objetivo do terrorismo (Rudner, 2016).

Com a internet, os terroristas consideram essencial e prioritário adaptar sua organização ao ambiente virtual, incorporando as principais características do mundo real.

²² Guerra ao Terror é uma campanha militar ordenada pelos EUA, em resposta aos ataques de 11 de Setembro. O então Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, declarou a “Guerra ao Terror” como parte de sua estratégia de combate ao terror (Mendes, 2014).

Através do formato *on-line*, eles conseguem alcançar um público maior, ampliando a atuação de indivíduos isolados em diferentes partes do mundo e rompendo com estereótipos, tornando, assim, o terrorismo uma ameaça mais difundida na sociedade (Santos, 2020).

A Al-Qaeda utiliza três tipos diferentes de operações via internet, com subcategorias que diferenciam a forma como as atividades são conduzidas dentro do ambiente *on-line*. A primeira categoria se destaca pelo funcionamento de *sites* que divulgam e disseminam conteúdo para os seguidores do grupo. A segunda categoria inclui *sites* financiados por apoiadores de grupos terroristas, que facilitam o acesso e a visibilidade das informações relacionadas ao terrorismo (Rogan, 2006).

Além disso, esses *sites* também compartilham atualizações de mídias internacionais. A terceira categoria engloba diferentes tipos de mídia não vinculados à mesma organização, como conteúdos de várias fontes que podem entreter os seguidores do tema ou abordar questões relevantes sobre o terrorismo. Essa ideia pode ser comparada com jornais internacionais, mas foca em relatos, histórias e notícias provenientes do extremismo islâmico (Rogan, 2006).

Os terroristas utilizam ferramentas de criptografia para manter a segurança de suas operações táticas *on-line*. Em 2007, foi lançado o *software Mujahideen Secrets*, que permitia apagar os rastros da comunicação do grupo com mais agilidade e segurança. Uma nova versão, o *Mujahideen Secrets 2*, foi lançada posteriormente com ainda mais recursos (Denning, 2010). *Mujahideen Secrets* protege comunicações *on-line*, incluindo e-mails, dispositivos móveis e mensagens instantâneas (Santos, 2020). Dessa forma, a Al-Qaeda serviu de modelo para o desenvolvimento de ferramentas de criptografia (Paganini, 2014).

O grupo recruta membros através de conteúdos radicais em suas células e filiações locais, incentivando o alistamento. O recrutamento via internet permite alcançar locais remotos e de difícil acesso, incluindo territórios inimigos e em conflito. Isso representa um avanço na capacidade dos grupos terroristas de expandir suas operações sem levantar suspeitas.

Por isso, campanhas podem ser lançadas globalmente sem a necessidade de expor bandeiras visíveis aos oponentes (Rudner, 2016). Essa contextualização sobre a Al-Qaeda é necessária para se debater sobre como eles usam o ciberterrorismo. O modo como o grupo faz uso do ciberterrorismo serviu de influência para outros grupos terroristas. Desse modo, no próximo tópico, aborda-se sobre o conceito de ciberterrorismo, terrorismo atrelado ao mundo virtual, importante para se compreender o *corpus* do presente trabalho.

3.2 Ciberterrorismo e ciberespaço

O ciberterrorismo é a convergência do terrorismo e do ciberespaço, envolvendo ataques a computadores e redes com o objetivo de causar medo para alcançar objetivos políticos. Para ser considerado ciberterrorismo, um ataque deve resultar em violência, danos ou ameaças significativas que causem terror (Denning, 2001). A internet é utilizada como ferramenta para atividades terroristas, incluindo recrutamento, radicalização, incitação ao terror e treinamento (Santos, 2020).

O conhecimento técnico específico é importante para a comunicação das células terroristas e disseminação de informações. No entanto, as oportunidades oferecidas no ciberespaço também podem ser usadas para o contraterrorismo, como a inteligência cibernética que auxilia nas investigações (Unodoc, 2012).

O ciberespaço é amplamente utilizado, sendo definido como um conjunto de dispositivos conectados via rede para armazenar e utilizar informações (Clark, 2010). Os atores, nesse meio, buscam processar e manipular informações, facilitar a comunicação e interação entre indivíduos, podendo até mesmo projetar poder. Apesar da presença de negócios e empresas no ciberespaço, ele não é altamente regulado e não pertence a ninguém (Curran, 2010).

Isso dito, é importante ressaltar que grupos terroristas também marcam presença no ciberespaço para promoção do terrorismo. Nesse contexto, pode-se perceber o terrorismo como um fenômeno social que utiliza a ameaça ou força para causar terror e medo. Nesse cenário, tem-se uma estreita relação entre meios e fins, em que o terror é o meio do terrorismo e o objetivo político é o seu fim (Santos, 2020).

Grupos terroristas utilizam o ciberespaço como uma ferramenta importante para manter suas operações e atividades terroristas no século XXI, apesar dos esforços globais de combate ao terrorismo. Assim, a logística, organização, financiamento e apoio político são fundamentais para estes grupos. Por isso, o espaço virtual se tornou essencial para sua atuação e manutenção (Diniz, 2004).

Os terroristas também utilizam a internet para além do ciberterrorismo, aproveitando-se da infraestrutura e oportunidades oferecidas pelo ciberespaço. Eles buscam, na internet, um meio de propagar suas ideias, atividades e organização, à medida que a comunicação se torna cada vez mais digitalizada. O Estado Islâmico surgiu entre alguns remanescentes da Al-Qaeda no Iraque. No entanto, romperam relações em 2014.

A Al-Qaeda foi fundada por Osama bin Laden em 1988 durante a Guerra do Afeganistão. Inicialmente criada para atuar nesse conflito, o grupo expandiu seus objetivos para outras regiões do mundo, visando difundir suas ideias e oferecer apoio à *jihad* através de sua imagem na mídia, operações militares e assistência aos muçulmanos com interesses semelhantes. A Al-Qaeda desempenhou um papel fundamental no treinamento, financiamento e inspiração do terrorismo islâmico (Scheuer, 2011).

A internet fortalece o sistema de grupos terroristas ao permitir a disseminação de propaganda terrorista e facilitar o acesso às ideias, conceitos e práticas do grupo. As redes sociais digitais, *sites* dos grupos e fóruns *on-line* desempenham um papel crucial na absorção de novos membros em busca de experiências relacionadas ao terrorismo (Santos, 2020).

A estrutura da Al-Qaeda impactou os métodos de treinamento do grupo, que, tradicionalmente, concentravam-se no Afeganistão e em outras regiões. Após o atentado de 11 de Setembro e as retaliações dos Estados Unidos, novos locais de treinamento tiveram que ser organizados para reerguer e reabilitar os campos de capacitação afetados. Diante disso, o ciberespaço se tornou uma opção viável para treinar um grande número de pessoas, incluindo militantes individuais e ativistas, espalhando técnicas de terrorismo de forma ampla (Scheuer, 2011).

Os principais *sites* de propagação de atividades terroristas distribuem arquivos variados, como enciclopédias e manuais militares, além de vídeos e fotos. Para combater essa ameaça, empresas de redes sociais digitais implementam mecanismos para identificar e remover conteúdo inadequado. Órgãos internacionais também adotam contramedidas, desencorajando o apoio à *jihad* através de comunicação assertiva em fóruns *on-line* em vários idiomas (Unodoc, 2012).

Neste ambiente virtual, o treinamento *on-line* é focado em preparações específicas, incluindo instruções relacionadas a alvos de ataque, armas e explosivos. As regras são apresentadas em várias línguas, principalmente o inglês, para garantir o bom funcionamento do sistema e alcançar um público mais amplo. Isso torna a rede abrangente e, com isso, atrai mais interessados (Rudner, 2016).

Após o atentado às Torres Gêmeas, tópico a ser apresentado na sequência, a Al-Qaeda passou a explorar meios financeiros alternativos devido às investigações sobre suas atividades. Eles estabeleceram um sistema de pagamentos baseado na confiança dos envolvidos, utilizando dinheiro físico sem destino nomeado, semelhante a bancos comuns, mas considerado lavagem de dinheiro por ser realizado por agentes terroristas (Kimmage,

2010). A internet é essencial para a arrecadação do grupo, que obtém renda através de roubos, estelionato, comércio ilegal e doações (Lormel, 2007).

Nesse cenário, manter transações financeiras ocultas facilita a prática do ciberterrorismo, pois esconde a identidade dos participantes e permite transferências sem deixar rastros bancários. As moedas virtuais atuam nesse cenário, oferecendo suporte técnico para a manutenção financeira de grupos terroristas no mundo *on-line* (Rogan, 2006).

A Al-Qaeda usa instituições de caridade, ajuda humanitária e *sites* de *crowdfunding*²³ para desviar dinheiro e arrecadar fundos para suas atividades terroristas. Exemplos incluem a *Global Relief Foundation*, considerada uma organização terrorista, e outras mídias sociais digitais para promover projetos de financiamento da *jihād*. *Sites* patrocinados também são utilizados para vender produtos que incentivam as atividades do grupo (Rudner, 2016).

Com a logística de uma estrutura descentralizada, indivíduos se justificam pela obrigação de defender um ideal e realizam ataques terroristas sem a necessidade de uma hierarquia centralizada. Isso resulta no aumento de casos individuais, nos quais os terroristas solitários adquirem conhecimentos virtualmente para criar bombas indetectáveis, planejar ataques e ameaçar a segurança sem serem ligados a grandes organizações (Thomas, 2003).

Nesse contexto, cabe citar o atentado terrorista a bomba em maio de 2017. Uma explosão, após o show da cantora *pop* Ariana Grande na Manchester Arena, no Reino Unido, resultou na morte de 22 pessoas e deixou outras 59 feridas. A polícia local considera o incidente como um ataque terrorista, com crianças entre as vítimas fatais. A polícia de Manchester iniciou uma investigação para identificar o responsável pelo ataque e determinar se agiu sozinho ou como parte de uma rede terrorista²⁴.

A Al-Qaeda, organização responsável por grandes ataques terroristas no início do século passado, perdeu sua influência, mas não deve ser subestimada pelos governos. Duas décadas atrás, ao entrar em um avião, era comum sentir medo de um ataque da Al-Qaeda. Ainda estávamos lidando com o impacto dos atentados de 11 de Setembro. O receio pairava nas ruas diante dos ataques em cidades como Londres e Madri. Mesmo nos anos seguintes,

²³ Obtenção de capital para iniciativas de interesse coletivo por meio da agregação de múltiplas fontes de financiamento.

²⁴ Fonte: *GI*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/estouro-e-ouvido-perto-de-arena-de-manchester.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2024.

havia temor em relação ao Estado Islâmico²⁵, que realizou uma série de ataques ao redor do mundo, incluindo os eventos simultâneos em Paris em 13 de novembro de 2015.

O terrorismo pode surgir de entidades individuais em qualquer parte do mundo, sem necessidade de preparo anterior ou recursos grandiosos. Isso torna mais difícil detectar e desmantelar suas ameaças, que podem passar despercebidas até causarem surpresa às autoridades. Assim, o terrorismo continua a evoluir e a enfrentar novos desafios, como o uso crescente da internet em suas operações. Apesar de ser uma ameaça constante e alvo de vigilância, sua trajetória é influenciada pelo avanço dos agentes que trabalham para combatê-lo (Santos, 2020).

A atuação *jihadista* na internet é flexível e interativa, o que fortalece a distribuição de conteúdo dos grupos e dificulta a remoção de *sites* e fóruns inteiros. Isso permite que informações persistam *on-line* mesmo após reduções, pois estão presentes em várias partes do ciberespaço (Lia, 2006). Apesar da atenção dos oficiais de segurança nacional e especialistas em políticas relacionadas à internet, pouco foi feito para criar um ambiente seguro na internet capaz de afastar a atividade terrorista. Com isso, grupos terroristas continuam a explorar a internet para doutrinação, financiamento, apoio logístico e comunicação, representando, assim, risco tanto no espaço físico quanto virtual (Davis, 2006).

A internet é utilizada tanto por grupos terroristas quanto por agentes de combate ao terrorismo. Estratégias vantajosas incluem a coleta de inteligência, negação, subversão e envolvimento. A coleta envolve monitorar os canais de comunicação dos terroristas na internet (Santos, 2020). A negação consiste em retirar o conteúdo terrorista da rede. A subversão envolve infiltrados minando informações falsas nos grupos terroristas. O envolvimento, por sua vez, visa convencer potenciais recrutas extremistas a se radicalizarem através do diálogo. É importante coordenar essas estratégias para garantir eficácia no combate ao terrorismo *on-line* (Denning, 2010).

É sabido que os grupos terroristas utilizam a internet para coletar informações, planejar e executar ataques. As autoridades de segurança podem monitorar essas atividades *on-line* para prevenir atos terroristas e reunir evidências para julgar os responsáveis (Santos, 2020). O aumento do uso da internet por terroristas resultou em um grande volume de dados disponíveis para análise pelas instituições de combate ao terrorismo. Desse modo, agentes

²⁵ Fonte: *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/guga-chacra/post/2022/08/quem-ainda-teme-a-al-qaeda.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2024.

policiais e de inteligência têm desenvolvido métodos sofisticados para detectar e impedir as atividades terroristas *on-line* (Unodoc, 2012).

Nesse contexto, a habilidade importante para o contraterrorismo na internet envolve a combinação de métodos tradicionais de investigação com conhecimento de ferramentas *on-line*, bem como o desenvolvimento de meios para identificar, apreender e processar atos terroristas (Santos, 2020). A condução de investigações especializadas é necessária para garantir que todo o material recolhido não seja adulterado desde sua apreensão até ser apresentado como prova em julgamento (Unodoc, 2012).

Os terroristas coletam informações de código aberto em diversos meios, como mídia, contatos pessoais e relatórios governamentais, com o objetivo de adaptar suas ações e impedir as forças combatentes. Além disso, eles analisam documentos da imprensa, justiça e relatórios oficiais para identificar alvos, fraquezas e métodos que possam facilitar ataques. No plano da inteligência, a preparação de ataques terroristas depende das informações coletadas, sendo essencial, assim, agilidade para aproveitar o tempo da melhor forma (Haberl, 2019).

Os terroristas devem organizar e classificar as informações relevantes para analisar e executar os planos com precisão. Além do serviço interno de inteligência, eles também se inspiram em notícias de ataques bem sucedidos divulgados pela mídia para propagar sua imagem. À vista disso, fica clara a importância de informações confidenciais na luta contra o terrorismo. Por conseguinte, mecanismos foram desenvolvidos, ao longo do tempo, para ajustar métodos de contraterrorismo e, assim, garantir a segurança das informações (Haberl, 2019).

Grupos terroristas, como Al-Qaeda, do qual o Estado Islâmico é proveniente, possuem um departamento de espionagem chamado Seção Central, responsável por identificar agentes espiões, penetrar nos sistemas de inteligência inimiga e conduzir operações de inteligência. Esse departamento também é responsável pela segurança operacional, proteção do ambiente virtual, conferência de antecedentes e proteção aos líderes do grupo, auxiliando no combate às infiltrações e mantendo o grupo em crescimento (Haberl, 2019).

Desse modo, o conhecimento dos oponentes de grupos terroristas é divulgado *on-line* através de materiais acessíveis na internet, como a Enciclopédia *Al-aqsa Jihad* e outras fontes que fornecem informações sobre fundamentos religiosos, ideológicos e militares (Santos, 2020). Esses materiais incluem detalhes sobre operações secretas, sequestros e métodos de coleta de inteligência. Os terroristas utilizam a infiltração em instituições governamentais para captar bens e indivíduos suscetíveis à chantagem e suborno, por consequência, enfraquecendo, assim, os projetos contra eles (Haberl, 2019).

A Al-Qaeda e o EI são exemplos de ciberterrorismo ativo, infiltrando-se nos Emirados Árabes Unidos e operando em casas para atividades secretas e armazenamento de materiais terroristas. Uma das medidas de segurança *on-line* para alguns membros da *jihād* é não usar informações pessoais na internet e navegar anonimamente. Por isso, evitam serviços como *Gmail* e *Facebook*, optando por dispositivos de código aberto para comunicação (Holzgruber, 2019). Não podemos falar da Al-Qaeda sem mencionar um dos seus atentados mais famosos: o “11 de Setembro de 2001”, a ser apresentado no próximo tópico.

3.3 11 de Setembro de 2001

Não há muitos eventos na história que recebem o nome de sua data. O marco no calendário sugere uma nova realidade, independentemente do evento que ocorreu naquele dia. Por isso, muitos marcos nacionais são conhecidos dessa forma, como “o 4 de Julho” (Dia da Independência dos Estados Unidos) ou o “7 de Setembro no Brasil”. O 11 de Setembro é o nome de um evento do século XXI. O nome se refere ao dia 11 de setembro de 2001, um dos maiores ataques ao território dos Estados Unidos. Na manhã daquela terça-feira de setembro, quatro aviões comerciais americanos foram sequestrados na costa leste do país²⁶.

Figura 9 – *World Trade Center* em chamas



Fonte: Reprodução. Foto: Chao Soi Cheong/AP/Arquivo

²⁶ Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>. Acesso em: 11 set. 2024.

A imagem acima pode ser encontrada no site do *GI*²⁷. Dois dos aviões foram direcionados às torres gêmeas do *World Trade Center* (WTC), localizado na ilha de Manhattan, em Nova York. Um terceiro colidiu com o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em Washington D.C., enquanto um quarto caiu em uma área deserta na Pensilvânia.

O total de vítimas fatais nos ataques chegou a 2.977, incluindo os 19 sequestradores das aeronaves. O 11 de Setembro é marcado como o ataque mais mortal da história e trouxe mudanças significativas para diversos aspectos do mundo, como segurança nos aeroportos, aviação civil e turismo (Oliveira, 2019).

Um detalhe importante a ser considerado é que o choque de um dos aviões a uma das Torres Gêmeas foi transmitido ao vivo. Muitos telespectadores acharam na hora que se tratava de uma reprise, e não algo ocorrendo ao vivo; sem saber exatamente o que estava ocorrendo e o que iria ocorrer em seguida.

Os atentados tiveram início às 08h46, no horário local, quando o primeiro avião, um *Boeing 767* operando o voo 11 entre Boston e Los Angeles, atingiu a torre Norte do *World Trade Center*. À época, o complexo era formado por sete edifícios, sendo que as duas torres tinham alturas de 417 e 415 metros, respectivamente, tornando-se os prédios mais altos do mundo desde sua inauguração em 1973. O evento rapidamente dominou as transmissões ao vivo de canais de televisão ao redor do planeta, que exibiam imagens impactantes de Nova York com uma densa fumaça escura escapando das laterais da torre Norte.

Às 09h03, dezessete minutos após o primeiro ataque, um segundo *Boeing 767*, o voo 175, que também partiu de Boston com destino a Los Angeles, colidiu com a torre Sul, em uma cena assistida ao vivo por milhões de pessoas ao redor do planeta. As suspeitas de um ataque foram confirmadas e o caos se espalhou em Nova York, enquanto a população tentava deixar urgentemente a área do distrito financeiro da ilha de Manhattan.

Às 09h37, um terceiro avião, um *Boeing 757* na rota do voo 77, ligando Washington a Los Angeles, atingiu uma das laterais do Pentágono. O quarto avião, um *Boeing 757* que partiu de Newark, em Nova Jersey, com destino a San Francisco no voo 93, caiu na Pensilvânia às 10h03. As investigações inicialmente sugeriram que ele tinha como alvo a Casa Branca, residência oficial do presidente dos Estados Unidos em Washington D.C.

²⁷ Fonte: *GI*. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/09/11/como-os-ataques-de-11-de-setembro-mudaram-o-mundo.ghtml>. Acesso em: 11 set. 2024.

No entanto, relatos posteriores fornecidos por membros da Al-Qaeda indicaram que o verdadeiro alvo seria o Capitólio, sede do Congresso, também localizado em Washington. A aeronave se despenhou após os passageiros lutarem contra os sequestradores dentro da cabine.

Além das fatalidades causadas pelos atentados, os eventos de 11 de Setembro resultaram em centenas de milhares de outras vítimas. As operações de ajuda e resgate em Nova York envolveram cerca de 80 mil pessoas, incluindo bombeiros, policiais, profissionais da saúde e outros colaboradores. Muitas outras pessoas que estavam nas proximidades foram expostas à fumaça tóxica gerada pelos ataques, especialmente pelo colapso das duas torres gêmeas do WTC.

Os atentados e as horas subsequentes colocaram os presentes em contato com diversos materiais nocivos e até cancerígenos, como chumbo e amianto. Anos após os ataques, o Centro de Prevenção e Controle de Doenças (CDC) dos EUA estimou que aproximadamente 400 mil pessoas tinham sido feridas ou expostas a substâncias tóxicas no dia 11 de setembro.

Até o final de 2018, mais de 2 mil pessoas haviam falecido devido às doenças relacionadas à exposição a materiais perigosos naquele dia, com destaque para o câncer. Até 2019, 241 membros do departamento de polícia de Nova York morreram devido às enfermidades associadas ao seu trabalho durante os eventos do 11 de Setembro. Esse número é dez vezes superior ao total de policiais que perderam a vida naquele dia, que foi de 23.

Os voos comerciais ficaram paralisados no país por um período de três dias. Os ataques também modificaram a rotina dos americanos, levando ao fechamento de monumentos, atrações turísticas e sistemas de transporte, com o país em estado de alerta máximo. Quando as operações aéreas foram retomadas, a preocupação com a segurança tornou-se intensa, resultando na implementação de medidas adicionais que não existiam antes, muitas das quais permanecem vigentes até hoje em aeroportos ao redor do mundo (Oliveira, 2019).

As investigações sobre os atentados iniciaram-se imediatamente. Uma mala deixada no aeroporto de Boston pelo egípcio Mohamed Atta continha informações sobre ele e seus cúmplices, servindo como ponto inicial para identificar os responsáveis. O FBI (*Federal Bureau of Investigation*) rapidamente identificou 19 sequestradores, organizados em grupos de cinco por aeronave, exceto no caso do voo 93, que foi tomado por quatro militantes. Entre os 18 sequestradores restantes, 15 eram da Arábia Saudita, dois dos Emirados Árabes Unidos e um do Líbano.

Figura 10 – Segunda aeronave atinge torre



Fonte: Reprodução. *Correio Braziliense*²⁸

As informações coletadas pela polícia americana revelaram quem, além dos 19 sequestradores, era o principal responsável pelos ataques. As autoridades identificaram Osama bin Laden, líder da Al-Qaeda, como o idealizador da operação. Bin Laden já era o militante islâmico mais perigoso e conhecido do mundo na época. Ele estava baseado no Afeganistão sob a proteção do então regime do Talebã. Ele estava entre os dez fugitivos mais procurados pelo FBI por ser responsável pelos atentados a bomba em 1998 contra as embaixadas americanas em Nairóbi, no Quênia e em Dar es Salaam, na Tanzânia, que causaram mais de 200 mortes (Oliveira, 2019).

Ao longo deste capítulo, abordamos sobre o conceito de ciberterrorismo e como Al-Qaeda e EI se beneficiam das facilidades do ciberespaço. No entanto, é importante ressaltar que existem estratégias que podem reduzir, combater e até frustrar essas ações. Face ao exposto, no próximo tópico, discute-se formas de enfraquecer estes grupos.

3.4 Desmantelamento de um grupo terrorista

O tema do terrorismo volta à tona à medida em que atentados ocorrem ao redor do globo. Ou seja, experimenta-se um determinado prazo sem noticiar ataques terroristas, mas, de repente, o assunto vira manchete de jornais e é noticiado em canais televisivos. O assunto

²⁸ Fonte: *Correio Braziliense*. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2023/09/5124353-11-de-setembro-apos-22-anos-relembre-o-atentado-as-torres-gemeas.html>. Acesso em: 11 set. 2024.

não é linear nem constante, mas recorrente, visto que existem ataques terroristas que ocorrem rotineiramente em certas localidades, como nos continentes africano e asiático (Thomas, 2003).

Logo, é importante pensar em formas para desarticular as ações terroristas. O desbaratamento de um grupo, por exemplo, pode ser o primeiro passo. Consiste em desarticulá-lo para que não seja mais capaz de planejar e executar atentados (Diniz, 2004). Grupos como a Al-Qaeda e EI demonstram possuir elementos necessários para se manter ativos ainda no século XXI, incluindo práticas, sistema logístico e operacional eficientes no ciberespaço (Thomas, 2003).

A credibilidade desses grupos pode ser desafiada por falsas reivindicações de ataques feitas por “grupos fantasmas” no ciberespaço (Soriano, 2012). Por outro lado, o ciberespaço também facilita a comunicação direta entre ativistas e líderes terroristas, permitindo acesso a simpatizantes e rompendo fronteiras nacionais (Dion-Schwarz; Manheim; Johnston, 2019). Além disso, governos que apoiam o terrorismo podem desenvolver capacidades para desafiar as informações dos agentes antiterrorismo (Weimann, 2005).

Nesse cenário, Diniz (2004) propõe alguns fatores que podem levar ao desmantelamento de um grupo terrorista, relacionados a variáveis internas e externas ao grupo. Esses determinantes podem influenciar as atividades da organização terrorista e também ser utilizados por agentes externos para acabar com a operação do grupo (Choi; Lee; Cadigan, 2018). Nesse sentido, o primeiro passo para combater um grupo terrorista é compreender suas atividades, os mecanismos utilizados e o impacto causado por suas ações na sociedade. Isso é essencial para desbaratar o grupo e sua infraestrutura *on-line* (Jacobson, 2010).

Outro fator que pode levar ao desmantelamento é compreender a logística financeira: a arrecadação de fundos para grupos terroristas é feita principalmente por meio de doações *on-line*, evitando transações bancárias monitoradas. No entanto, o combate ao terrorismo tem reduzido essas fontes de financiamento, levando os grupos a realizar transações anonimamente (Davis, 2006). Por isso, a quebra dos esquemas no espaço virtual pode ajudar a conter o acesso às doações e aos pagamentos por moedas virtuais, neutralizando, assim, as atividades dos terroristas (Dion-Schwarz; Manheim; Johnston, 2019).

Após o 11 de Setembro, Al-Qaeda e Estado Islâmico ficaram fragilizados devido ao aumento da complexidade na infraestrutura dos grupos, comprometendo suas capacidades operacionais. Por isso, os terroristas precisaram substituir os recursos que foram perdidos ao longo do tempo para garantir a continuidade da organização (McAllister, 2004).

Outro fator que pode enfraquecer grupos terroristas é o apoio político. Nesse contexto, a perda de apoio político pode ocorrer devido à baixa credibilidade do grupo perante a sociedade, especialmente quando assume posições arriscadas ou que geram desconfianças entre seus seguidores. Com isso, a fragmentação e atuação da organização também impedem a existência de um componente político interno capaz de promover expansão de contatos e influência (McAllister, 2004).

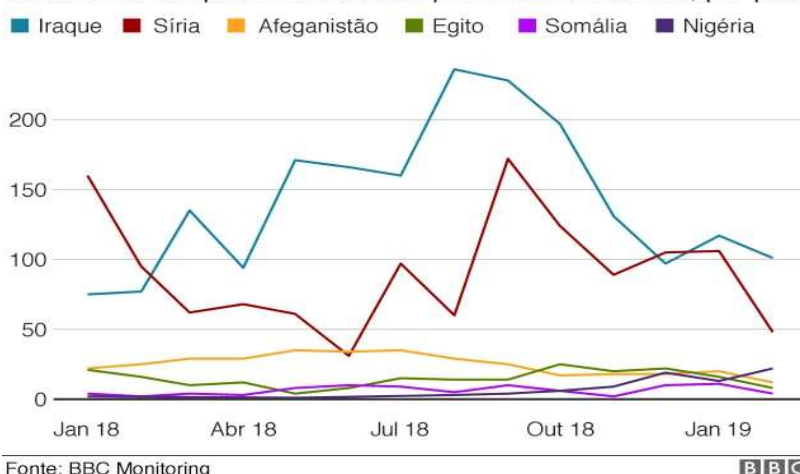
Além disso, ferramentas on-line estão sendo utilizadas para investigar e conter o uso terrorista da internet, com profissionais especializados empregando recursos avançados para identificar diretrizes no ciberespaço (Unodoc, 2012). A neutralização de grupos terroristas requer avanços na inteligência de combate ao ciberterrorismo, devendo se adaptar às estratégias em constante evolução das organizações. O terrorismo, embora possa ter raízes locais, tende a se espalhar globalmente, impactando as relações internacionais, especialmente em um mundo globalizado (Pereira, 2006).

O Oriente Médio é frequentemente relacionado a terroristas islâmicos, mas essa visão é simplista. A região enfrenta ataques, conflitos e problemas econômicos que afetam a realidade dos povos muçulmanos. Muitos desses males são atribuídos às potências ocidentais, o que gera desconforto em relação ao Ocidente, particularmente os Estados Unidos, resultando em conflitos internos que podem se propagar para outras áreas do mundo (Anaz, 2021).

Gráfico 2 – Principais países alvo do Estado Islâmico no Oriente Médio

Países mais atacados pelo EI

Número de ataques reivindicados pelo Estado Islâmico, por país



Fonte: *BBC Monitoring*²⁹

²⁹ Fonte: *BBC*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47740738>. Acesso em: 24 set. 2024.

O gráfico acima nos mostra quais são os países mais atacados pelo EI entre os anos de 2018 e 2019. Conforme análise, Iraque e Síria, respectivamente, possuem o maior número de atentados reivindicados pelo grupo durante o período. Os dados são provenientes da *BBC Monitoring*. As imagens dos atentados destes países podem ser transmitidas pela televisão ou pela internet, o que gera, involuntariamente, visibilidade para os grupos terroristas. Face ao exposto, no próximo tópico, discute-se sobre como o terrorismo pode ser transformado em um espetáculo midiático.

3.5 Terrorismo como espetáculo midiático

Os meios de comunicação oferecem explicações rápidas, soluções para necessidades e respostas para questionamentos variados. No entanto, é importante saber discernir a confiabilidade da informação recebida e manter um senso crítico ao absorver essas informações. Nesse sentido, o terrorismo se tornou um espetáculo ao criar eventos para a mídia, citando o ataque às Torres Gêmeas em Nova York como exemplo. O atentado foi noticiado em canais televisivos, jornais impressos e em rádio, estando, assim, vivo em nossas memórias mais de duas décadas após o ocorrido (Pereira, 2006).

A violência desperta a atenção das pessoas, tirando-as de sua rotina e fazendo com que se voltem para o que está sendo mostrado na mídia. A televisão impressiona ainda mais, com avanços tecnológicos que permitem ver, em tempo real, eventos violentos ao redor do mundo, parecendo um filme de ficção. No entanto, a cobertura da violência acaba transformando os fatos em espetáculo, distorcendo, às vezes, a realidade. A mídia é, assim, sensível ao impacto que atos violentos têm de chamar a atenção das pessoas, pois a atenção do público é limitada. A violência consegue despertar essa percepção de forma eficaz (Wainberg, 2005).

Os meios de comunicação influenciam o imaginário das pessoas ao apresentarem constantemente afirmações e generalizações sobre problemas sociais, como o terrorismo. O medo causado por esses acontecimentos faz com que as notícias relacionadas a esse assunto sejam frequentes, aumentando a procura por jornais e revistas e, conseqüentemente, o lucro. Bombas, tiroteios, massacres e guerras são temas destacados pelo Jornalismo, mesmo sem os terroristas pedirem por esta “mídia espontânea” (Pereira, 2006).

A violência pode se tornar um tipo de terrorismo quando os atores percebem que a publicidade pode facilitar o alcance de seus objetivos. Alguns grupos escolhem o terror como

meio de ação, transmitido rapidamente pela mídia para gerar repercussão. Nesse contexto, o objetivo não é vencer o inimigo no momento, mas sim amedrontá-lo e, assim, mostrar ao público sua causa (Paiero, 2012). À vista disso, é válido citar a sociedade do espetáculo, conceito defendido por Guy Debord (1997), uma crítica contundente à sociedade consumista e à cultura do entretenimento, evidenciando como esses aspectos colaboram para a alienação e a superficialidade nas interações humanas.

A mídia pode amplificar o impacto de assassinatos ou tentativas contra alvos estratégicos, disseminando o medo nas pessoas e influenciando a percepção da sociedade sobre esses eventos. A questão da moral da ação terrorista é complexa e pode variar, mas o que importa é a legalidade dos meios utilizados. Com isso, é difícil determinar qual causa é “justa”, pois cada um defenderá seu objetivo como sendo o correto (Pereira, 2006).

Na atualidade, temos uma sociedade em que a interação social é influenciada pela cultura visual e pelo ato de consumir (Debord, 1997). Por isso, é possível que a mídia lucre ao veicular atentados terroristas, visto que geram mais “likes”, “shares” e visualização dos conteúdos, o que monetiza o sistema midiático. Ao deixar o conteúdo repercutir, espera-se que o usuário procure mais sobre aquele tema, dando, assim, maior visibilidade à temática.

As notícias sobre atentados terroristas, por sua vez, vão além do acontecimento em si e podem influenciar o cenário político de um país. Um exemplo nacional disso foi o caso de quatro crianças mortas em um ataque à creche em Blumenau (SC) em abril de 2023. Um homem invadiu a escola com uma machadinha, matou crianças e, depois, se entregou à polícia. Cinco crianças ficaram feridas, deixando um rastro de luto e perplexidade no país³⁰.

Nesse contexto, cabe também reforçar o exemplo do *Grupo Globo de Comunicação*. Por anos, os veículos pertencentes à *Globo* mantiveram a política de publicar somente uma vez o nome e a foto dos autores de massacres como o que ocorreu em Blumenau. O intuito sempre foi evitar dar destaque aos criminosos para não incentivar a realização de novos ataques. Esta política está sendo alterada e se tornará, por isso, ainda mais rigorosa: os nomes e as imagens dos autores de ataques não serão mais divulgados, assim como os vídeos das ações.

Essa decisão está alinhada com as mais recentes recomendações de especialistas renomados no assunto, que alertam que dar visibilidade aos agressores pode funcionar como um estímulo para futuros ataques. Se não houver alguém disponível para noticiar o ato

³⁰ Fonte: *GI*. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2023/04/05/grupo-globo-muda-politica-sobre-cobertura-de-massacres.ghtml>. Acesso em: 28 jun. 2024.

terrorista, ele poderia deixar de existir (Wainberg, 2005). A meta foi evitar a exposição dos assassinos para não inspirar novos massacres. Esta política foi alterada e se tornou ainda mais restrita. Não serão divulgados ataques frustrados que ocorram posteriormente.

Trata-se de uma decisão tomada também pelo *Jornal da Band*: não revelar o nome nem o rosto dos criminosos. Apesar de parecer absurdo, frequentemente esses indivíduos buscam isso: a fama e o destaque. Eles apreciam este cenário sombrio. Por outro lado, a *Record* escolheu divulgar o nome e a imagem do assassino tanto em seus programas televisivos quanto no seu portal de notícias³¹, o *R7*.

Em outras palavras, o Jornalismo pode optar por não veicular notícias sobre atentados terroristas do EI. Ao veicular, atende ao seu papel social de noticiar fatos e, ainda que não seja seu objetivo, gera um conteúdo espetacularizado, com imagens de sangue, gritaria, correria e pânico, com monetização em jogo, a ser melhor desenvolvido no próximo tópico. Com isso, discute-se sobre o capital midiático embutido em notícias de terroristas.

3.5.1 Capital midiático

A relação entre mídia e comunicação é cada vez mais integrada, com aparelhos eletrônicos como celulares oferecendo novas formas de interação e consumo. Rádio e televisão também se adaptaram à era digital, enquanto a internet surgiu como um meio de divulgação instantânea de eventos.

A informação atual é, muitas vezes, tratada como uma mercadoria pelas empresas de comunicação, perdendo qualidade em prol da velocidade e do lucro. Isso dificulta a reflexão e estudo sobre o conteúdo apresentado, pois logo ele fica desatualizado diante da constante produção de novas informações. Desse modo, a informação fica cada vez mais acessível através da televisão, rádio e internet, mas é a publicidade que paga por isso (Pereira, 2006).

Assim, torna-se necessário citar que o conceito de capital midiático está relacionado ao poder do Jornalismo, representando a capacidade que o Jornalismo tem de ocupar um espaço na sociedade e influenciar o público. As estratégias identificadas por Charaudeau e Maingueneau (2004) são utilizadas para estabelecer legitimidade frente aos leitores e autoridade para o emissor. Assim, o conteúdo é potencializado pela autoridade

³¹ Fonte: *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/imprensa-brasileira-debate-e-redefine-cobertura-de-ataques-para-evitar-efeito-contagio.shtml>. Acesso em: 29 out. 2024.

acumulada pelo falante. Com isso, os grupos de mídia buscam ser ouvidos, respeitados e exercer influência por meio de seus editoriais no ambiente social em que atuam (Bourdieu, 2001).

Nesse contexto, existe uma estreita relação entre poder simbólico e capital na comunicação. O poder simbólico é capaz de moldar e influenciar a visão de mundo e as ações das pessoas por meio dos meios de comunicação. Logo, o capital simbólico está diretamente ligado ao poder de impor visões sociais e depende da autoridade adquirida em interações comunicativas (Silva, 2015).

Além disso, a contemporaneidade destaca a ligação entre comunicação e economia, sendo o capital financeiro e midiático fundamentais nesse contexto. O cenário atual é descrito como cada vez mais midiaticizado e mercantilizado, com as mídias sendo parte integrante da realidade industrial dominada pelo mercado (Silva, 2015).

Assim, é válido mencionar que a opinião pública também sofre influência devido ao capital midiático. Nesse sentido, a definição de opinião pública varia entre autores, mas aqui é considerada como a expressão do pensamento da maioria de uma coletividade sobre um determinado assunto em certo momento. A opinião pública é volátil e pode mudar rapidamente (Pereira, 2006).

O público busca ser ouvido através de diversas formas, como passeatas, manifestações e pressões aos políticos. A opinião pública é formada pelo impacto individual de imagens em determinado grupo social, influenciando atitudes e comportamentos. Influenciar, na opinião pública, é crucial para vender produtos, ideais políticos e buscar mudanças sociais (Pereira, 2006).

As empresas de comunicação possuem poder para promover ideias alinhadas aos seus interesses e silenciar opiniões contrárias. Os monopólios midiáticos, com isso, buscam influenciar o imaginário coletivo e os valores aceitos pela sociedade. A mídia utiliza conteúdos alinhados a determinados interesses econômicos e políticos (Silva, 2015).

Os campos financeiro e midiático possuem um mecanismo de capitalização que confere poder sobre os outros. Compreender esse processo, por isso, é essencial para analisar o funcionamento das empresas de comunicação e seus produtos culturais na esfera pública (Moraes, 2013). Dessa forma, cabe citar a teoria de Sodré (2012), para quem o capital financeiro viabiliza o capital midiático; enquanto que, para Bourdieu (2001), o capital linguístico viabiliza o capital simbólico.

Ainda conforme Bourdieu (2008), o capital é uma relação social que só existe e gera efeitos no ambiente onde é gerado e reproduzido. Cada atributo vinculado à classe é

determinado pelo valor e efetividade das leis específicas de cada área. É uma lógica particular de cada área que estabelece as que possuem valor no mercado.

O capital cultural, por outro lado, só existe e se manifesta no âmbito da produção cultural. A sua aquisição implica habilidades que não são disponibilizadas a todos. Trata-se de um bem exclusivo, que adquire distinção e legitimidade. Com o crescimento do número de indivíduos capazes de apropriar-se dela, seu poder distintivo se reduz (Bourdieu, 2008). Assim, a mídia atua como suporte de uma estrutura de poder, determinando as formas de representar a realidade (Silva, 2015).

Em síntese, fica claro que os veículos de comunicação conferem valor financeiro às notícias e aos conteúdos transmitidos. Enquanto espetáculo midiático, o terrorismo geralmente é associado às guerras, desastres, ataques e explosões, o que auxilia na formação da opinião pública sobre como os terroristas atuam. Face ao exposto, o próximo tópico apresenta a Revista *Dabiq* (2014-2016): o que é e em qual contexto midiático ela está inserida.

3.6 Revista *Dabiq*: Califado Virtual

O suposto sucesso do Estado Islâmico, particularmente entre 2014 e 2016, é atribuído não apenas à violência, mas também à presença midiática com uma série de publicações, que incluem vídeos, uma estação de rádio, anúncios publicitários, jornais e revistas (Medeiros, 2020). Principalmente devido à sua presença em plataformas digitais e redes sociais digitais, o EI é comumente referido como “Califado Virtual”.

Nesse contexto, vamos examinar a revista *Dabiq*, principal publicação do Estado Islâmico, para entender os recursos visuais e de design empregados nas capas. Para contextualizar, é importante mencionar que o termo “Califado Virtual” sugere três considerações iniciais:

- a) Historicamente, a posição de sucessor do Profeta Muhammad é marcada por tensões e desacordos, incluindo a dúvida sobre a legitimidade do Califa.
- b) O virtual é uma abstração condicionada e inseparável de elementos reais.
- c) O virtual representa um potencial, um objetivo, que requer ações de atualização do presente para a realização do processo de virtualização e, por fim, pode ter sua existência levada em conta em certos contextos (Gomes, 2019).

A revista *Dabiq* é permeada por imagens de combatentes da *jihad*, destruindo templos sagrados como parte do processo de libertação das cidades. Existem fotografias que

mostram a destruição de igrejas; outras, mostram a ruína de templos. Ao se debruçar na leitura das revistas, é possível perceber um conteúdo distorcido da realidade, além do uso de imagens fortes, derramamento de sangue, entre outros aspectos, no mínimo, considerados perturbadores.

Após essas breves considerações iniciais, uma das missões da revista é atrair novos membros e representar assassinos como heróis. Paradoxalmente, o EI usa ferramentas do século XXI para promover um retorno à vida da primeira geração de muçulmanos do século VII, de acordo com a visão totalitária que defendem do Islamismo.

Os extremistas têm se destacado nas plataformas *on-line*, estabelecendo uma variante exclusiva do *Facebook* e lançando jogos com o objetivo de atacar soldados ocidentais. Eles também compartilham vídeos de alta resolução, que servem como diários visuais. A revista *Dabiq*, em particular, retrata uma imagem atraente de um lugar onde todos se sentem unidos e pertencentes como “irmãos” ou “irmãs” (Winter, 2015).

Quanto à comunicação, os *jihadistas* desenvolveram gírias específicas nas redes sociais digitais, combinando termos islâmicos com linguagem de rua com o objetivo de criar uma figura de “*jihadista* legal”. Mesmo diante dos esforços globais para detê-los, os extremistas podem estar ganhando a guerra digital, trabalhando com uma pseudo organização.

Isso ocorre porque eles postam milhares de mensagens todos os dias e se comunicam por meio de plataformas como o *Telegram*. Como as redes sociais digitais estão intensificando o combate ao conteúdo extremista, o *Telegram*, que facilita a troca instantânea de mensagens, tem sido uma ferramenta muito utilizada pelo EI.

Apesar de medidas severas, como o bloqueio de contas e a remoção de conteúdo relacionado ao Estado Islâmico, os extremistas ainda estão transmitindo suas mensagens. No último tempo, o *Telegram* suspendeu 78 canais relacionados ao EI. Isso contrasta com o fato de que o governo dos Estados Unidos havia deletado 45 mil contas relacionadas a esses grupos em 2014. Os números mostram como as agências de inteligência têm dificuldade em monitorar e neutralizar as ações dos extremistas na internet, que tratam suas atividades como uma missão (Gomes, 2019).

O Centro Internacional para Estudos da Radicalização da universidade *King's College* de Londres descobriu que os usuários que divulgam informações sobre o EI também transmitem propaganda terrorista. Esses disseminadores enviam conteúdo em tempo real para *smartphones* em todo o mundo, combinando imagens de operações militares e execuções.

Além do apoio *on-line*, alguns simpatizantes vão além e se unem aos fundamentalistas de cidades como Londres e Paris. Os extremistas atraem esses jovens com

promessas de um paraíso e salvação, utilizando conteúdos elaborados para manipular aqueles que não concordam com os valores ocidentais e distorcendo o Alcorão para seus fins (Winter, 2015).

É sabido que o EI tem raízes e ramificações na Al-Qaeda. No entanto, uma das diferenças entre a Al-Qaeda e o Estado Islâmico é que o primeiro priorizou a vingança contra os EUA e seus aliados. A geração mais recente de terroristas, que emergiu no vácuo de poder na Síria, tem como objetivo propagar o caos entre o maior número possível de “infiéis”, a fim de expandir sua perspectiva radical do Islamismo. Uma ferramenta importante para isso é a tecnologia (Zelin, 2014).

Eles contam com especialistas que trabalharam para os governos autoritários, além de contratar militantes no Ocidente que são educados e ativos nas mídias sociais digitais. Nesse sentido, o EI não é um novo grupo, visto que, enquanto Bin Laden dependia de canais de terceiros para transmitir seu conteúdo, o EI já aproveitava a agilidade de *sites* como o *YouTube* com muito mais liberdade.

A habilidade tecnológica do EI também torna mais fácil a manipulação de recursos financeiros. A mídia britânica noticiou que o grupo já teria acumulado uma grande quantia em *bitcoins*, uma moeda virtual que pode ser transacionada sem a intermediação de instituições financeiras. O próximo movimento nesse conflito virtual poderia ser um ciberataque direcionado a alvos como o Pentágono, por exemplo (Winter, 2015).

Dentre as estratégias utilizadas por grupos terroristas, podemos também mencionar a revista *Inspire* de Al-Qaeda. Ela serviu como inspiração para a publicação *Dabiq*. Embora pretendesse ser mensal, *Dabiq* foi lançada em 15 edições, entre julho de 2014 a julho de 2016. De acordo com Silva (2017), o formato da *Dabiq* é semelhante ao de uma revista que usa ferramentas jornalísticas como entrevistas, reportagens, perfis e fotografias para mostrar o grupo dentro da revista.

Apesar de sua natureza principalmente propagandística, a abordagem da *Dabiq* aumenta sua popularidade porque a cobertura da mídia ocidental sobre o Estado Islâmico geralmente é feita a partir de uma perspectiva externa. Um dos únicos conteúdos significativos e acessíveis produzidos dentro do Estado Islâmico por um veículo ocidental é proveniente de Medyan Dairieh, jornalista britânico vinculado ao *Vice News*. Desde 2013, ele produz reportagens e documentários em seu *site*³² e canal no *YouTube*³³.

³² Disponível em: <https://medyandairieh.com/en/>. Acesso em: 29 out. 2024.

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/@medyandairieh5301/videos>. Acesso em: 29 out. 2024.

Para compreender a *Dabiq*, deve-se primeiro entender como as Operações de Informação (IO) funcionam. IO é o termo em inglês para o departamento responsável pelas operações de informação do Estado Islâmico. Esta seção é muito estratégica para os objetivos da empresa. O EI uniu sua produção de mídia global em uma única estrutura. A utilização desta estratégia permitiu que suas equipes de comunicação operassem com a mesma disciplina e rapidez que as forças armadas (Zelin, 2014). Isso dito, a próxima tabela enumera as 15 edições da revista *Dabiq*, com suas datas de publicação.

Tabela 2 – Título das 15ª edições da Revista *Dabiq*

Edição	Título (original em inglês)	Tradução (livre)	Data de publicação (gregoriana)
1º	<i>The Return of Khilafah</i>	O Retorno do Califado	05/07/2014
2º	<i>The Flood</i>	O Dilúvio	27/07/2014
3º	<i>A Call to Hijrah</i>	Um Chamado à Hégira	10/09/2014
4º	<i>The Failed Crusade</i>	A Cruzada Fracassada	11/10/2014
5º	<i>Remaining and Expanding</i>	Permanecendo e Expandindo	21/11/2014
6º	<i>Al Qa'idah of Waziristan: A Testimony from Within</i>	Al Qaeda do Waziristão: um testemunho de dentro	29/12/2014
7º	<i>From Hypocrisy to Apostasy: The Extinction of the Grayzone</i>	Da hipocrisia à apostasia: a extinção da zona cinzenta	12/02/2015
8º	<i>Shari'ah Alone Will Rule Africa</i>	A Sharia sozinha governará a África	30/03/2015
9º	<i>They Plot and Allah Plots</i>	Eles conspiram e Allah conspira	21/05/2015
10º	<i>The Law of Allah or the Laws of Men</i>	A Lei de Allah ou as Leis dos Homens	13/07/2015
11º	<i>From the Battles of Al-Ahzāb to the War of Coalitions</i>	Das Batalhas de Al-Ahzāb à Guerra das Coligações	09/09/2015
12º	<i>Just Terror</i>	Apenas Terror	18/11/2015
13º	<i>The Rafidah from Ibn Saba' to the Dajjal</i>	A Rafidah de Ibn Saba' ao Dajjal	19/01/2016
14º	<i>The Murtadd Brotherhood</i>	A Irmandade apóstata	13/04/2016
15º	<i>Break the Cross</i>	Quebre a Cruz	31/07/2016

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A tabela acima é importante para compreender o nome original das publicações, sua tradução e data de divulgação no calendário gregoriano. Com isso em mente, a burocracia midiática do EI exigiu treinamento e recursos adicionais, bem como uma estrutura de

comando unificada para permitir uma operação supostamente ágil e adaptável. O aparato de mídia colaborou com instituições militares e religiosas. Assim, a *Dabiq* é vista primeiro como um instrumento que conecta a comunicação, militarismo e religião no Estado Islâmico (Silva, 2017).

A revista *Dabiq*, do Estado Islâmico, se inspira na *Inspire* da Al-Qaeda, mas há uma diferença fundamental entre elas, refletindo suas estratégias distintas. A Al-Qaeda promove ações descentralizadas e isoladas, enquanto o Estado Islâmico atua de forma coesa e centralizada, semelhantes a um estado. A Al-Qaeda foca na guerrilha, enquanto o Estado Islâmico se concentra em guerras convencionais. Ambas as revistas incorporam esses enfoques militares em seus conteúdos. A *Inspire*, por exemplo, apresenta matérias sobre como fabricar bombas caseiras e descarrilar trens.

Por outro lado, a *Dabiq* dedica-se ao recrutamento de combatentes voluntários provenientes do exterior e à disseminação política e ideológica de suas doutrinas. Essa abordagem fez com que o EI destacasse a força da sua marca. Não é muito diferente do que fazem publicações tradicionais no mercado editorial para se diferenciar e atrair, supostamente, o mesmo público-alvo. A *Dabiq* busca evidenciar as distinções entre si e a Al-Qaeda (Silva, 2017). Até os dias de hoje, é possível localizar as publicações integrais da *Dabiq*, sem a necessidade de uma busca refinada ou profunda. Prova disso está na imagem abaixo.

Figura 11 – Notícia da *BBC News Brasil* sobre Revista *Dabiq*



Fonte: *BBC News*³⁴

³⁴ Fonte: *BBC News Brasil*. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150607_revistas_amazon_estado_islamico_rb. Acesso em: 09 set. 2024.

A *Amazon*³⁵ cessou a venda da revista *Dabiq*, utilizada pelo grupo EI para promover suas ideias e ações. Quatro volumes da edição estavam disponíveis no *site* da empresa, mas a *Amazon* confirmou à *BBC* que removeu esses produtos de sua plataforma. O autor das publicações era identificado como *al-Hayat Media Centre*, o departamento de mídia do “Estado Islâmico” na região ocidental.

As edições estavam disponíveis em formato encadernado nos *sites* da *Amazon* no Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha, França, Itália e Espanha. Elas também podiam ser baixadas gratuitamente em outros mercados. Além de comunicar que as revistas não estão mais à venda, a *Amazon* não forneceu mais informações à *BBC*.

A *Dabiq* é apresentada na *Amazon* como uma “revista periódica focada em temas como *tawhid* (unicidade), *manhaj* (busca pela verdade), *hijrah* (migração), *jiyah* (guerra santa) e *jama'ah* (comunidade)”. A publicação foi nomeada “*Dabiq*” em homenagem a uma pequena cidade na Síria ao ser lançada em 2014, refletindo um simbolismo relevante, já que o país tem enfrentado intensos conflitos causados por extremistas.

Para o estudo da presente dissertação, optou-se por analisar somente as capas das 15 edições da Revista *Dabiq* (2014-2016). É crucial examinar a capa da revista para entender o conteúdo não verbal e as relações visuais que a constituem. A capa é a primeira impressão que o leitor tem da revista, atuando como um atrativo visual e um recurso de persuasão para a leitura do conteúdo. Ela é uma modalidade que combina informação e publicidade. Além disso, pode ser examinada por meio da análise das imagens e do conteúdo transmitido por elas.

Ela também desempenha um papel crucial, pois representa a primeira impressão que o leitor forma sobre a publicação. Seu propósito é captar a atenção do público e refletir sobre a identidade e o conteúdo da revista. Em geral, nas revistas “tradicionais”, a importância da capa se dá por vários motivos: destacar as principais matérias da edição, informar o nome da revista, a editora, data de publicação, número da edição, site e preço do exemplar; manter a coerência da marca; revelar o tipo de conteúdo abordado; comunicar rapidamente a mensagem desta edição e atuar como uma ferramenta de vendas. Portanto, nesse sentido, a capa deve ser atraente, persuasiva e informativa. Com isso em mente, no próximo capítulo, discutimos sobre a metodologia utilizada na pesquisa.

³⁵ *Amazon* é uma corporação de tecnologia dos Estados Unidos, com sua sede localizada em Seattle, Washington. A empresa foca em comércio eletrônico, serviços de computação em nuvem, transmissão online e inteligência artificial. É reconhecida como uma das principais gigantes da tecnologia, ao lado de *Google*, *Apple*, *Microsoft* e *Meta*.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, é traçada a metodologia de análise da capa das revistas das 15 edições da *Dabiq*, visando identificar as principais tendências e similaridades. A abordagem utilizará análise de conteúdo. Os resultados serão organizados em categorias analíticas e incluirão um *corpus* de 15 edições, disponíveis na internet.

Em geral, a capa de uma revista representa a primeira conexão do leitor com a publicação, sendo um aspecto crucial para atrair atenção e convencer o consumidor a adquirir a revista. Entre os componentes da capa estão: o logotipo da revista, a imagem principal, a chamada principal, outras chamadas ou imagens, o preço e o código de barras (Cunha, 2011). No caso da *Dabiq*, não existe “preço” e o “código de barras” por ser uma publicação digital.

A imagem da capa é um dos elementos mais significativos e precisa ser cuidadosamente planejada, em sintonia com o conceito editorial da revista. Normalmente, essa parte é impressa em papel de maior gramatura para proporcionar mais durabilidade à publicação (Zappaterra, 2009). Mais uma vez, no caso de *Dabiq*, por ser uma revista digital, não existe aqui a preocupação com a impressão do papel.

A análise focou nos padrões de identidade visual utilizados nas edições digitais da Revista *Dabiq*, permitindo a seleção das 15 edições disponíveis (2014-2016). A identidade visual abrange o conjunto de elementos gráficos e visuais que simbolizam uma marca, produto ou serviço, comunicando sua missão, valores, propósito e conceito.

Entre os elementos que compõem a identidade visual, destacam-se: logotipo, *slogan*, paleta de cores, tipografia, embalagens, ícones, estilo de fotografia, filtros, grafismos e infográficos. A construção de uma marca é fortemente influenciada pela sua identidade visual, pois ela desempenha um papel crucial na distinção em relação à concorrência e na criação de uma conexão com o público (White, 2006).

Na análise de conteúdo, os conceitos discutidos foram organizados em quatro eixos de análise, que contemplam aspectos a serem observados nas revistas para quantificar suas ocorrências e utilizações. Os aspectos a serem observados nas revistas para quantificação de ocorrências e suas utilizações incluem (Cunha, 2011):

- a) Topologia: organização do conteúdo na página, utilizando *grids*³⁶, colunas e margens, tanto na leitura horizontal quanto vertical.

³⁶ Malha, *grid* ou grelha, no contexto do design gráfico, refere-se a uma estrutura geométrica formada por eixos que serve como guia para o alinhamento de elementos textuais e visuais em uma composição.

- b) Tipografia: elemento fundamental no design editorial, abrangendo a análise dos tipos de letra, tamanhos de fonte, espaçamentos e entrelinhas, especialmente quando o texto ocupa grande parte da diagramação de um produto.
- c) Qualidades eidéticas e cromáticas: conforme definido por Regina Gomes (2008), referem-se aos sintagmas visuais, como linhas e formas (eidéticos), e às cores (cromáticos), incluindo características como matiz, saturação, temperatura e valor.
- d) Imagem e multimídia: destacam-se nas revistas digitais, que mantêm a apelação visual das versões impressas, mas com a adição de elementos interativos, como imagens animadas e vídeos, permitindo uma exploração mais dinâmica dos recursos visuais como fotos, vídeos e infográficos (Cunha, 2011).

A análise de conteúdo, conforme definida por Herscovitz (2008), é um método de pesquisa que coleta e analisa diversos formatos de comunicação, como textos, sons, símbolos e imagens, presentes na mídia, utilizando amostras aleatórias ou não. O objetivo é inferir sobre os conteúdos e formatos, organizando-os em categorias testadas, que sejam mutuamente exclusivas e replicáveis.

Esse método é eficaz para identificar sistematicamente tendências e representações, utilizando abordagens quantitativas, como a contagem de frequência, e qualitativas, que buscam entender o sentido e o contexto dos conteúdos (Herscovitz, 2008). Na pesquisa em questão, a análise é aplicada predominantemente de forma quantitativa, focando na frequência de elementos de design que evidenciem a tendência dominante na diagramação, especificamente nos eixos de composição e imagem.

4.1 Categorias de análise

Antes de apresentar os resultados da análise de conteúdo sobre as tendências das revistas, é essencial explicar a classificação utilizada para essa apresentação. A avaliação do plano de expressão é feita por meio da descrição de seus elementos, categorizados em quatro grupos específicos: topológicos, tipográficos, qualidades eidéticas e cromáticas e imagem/multimídia.

Esses termos são utilizados nesta pesquisa para identificar os principais aspectos a serem analisados no design (Gomes, 2008). Decidiu-se incluir a tipografia, um componente

crucial do design editorial, bem como a imagem, que se integra à multimidialidade, uma característica essencial do apelo visual nas revistas (Cunha, 2011).

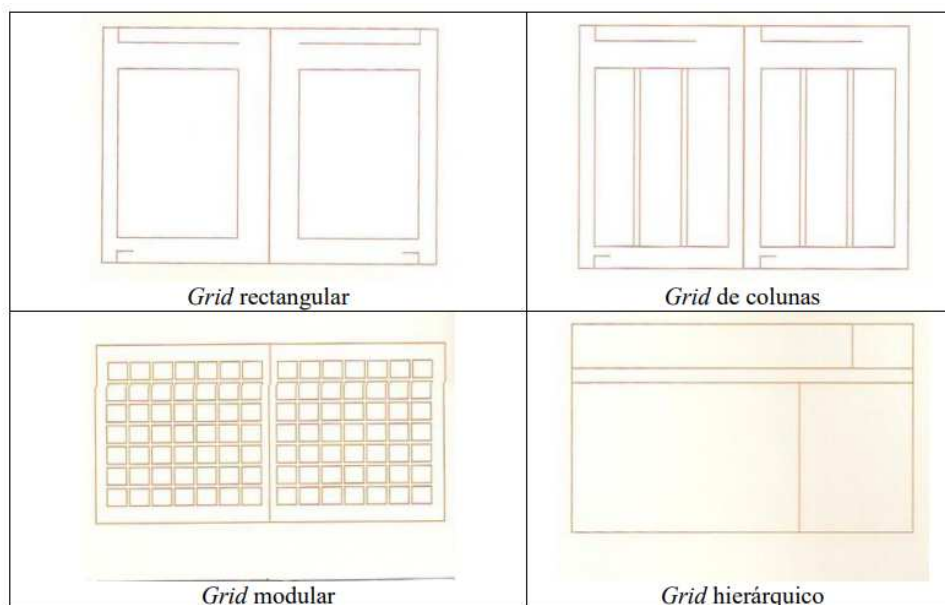
4.1.1 Topologia

No design editorial, o *grid* se tornou uma parte fundamental das publicações. É a ferramenta principal capaz de solucionar questões visuais, organizando todos os elementos na página, incluindo títulos, textos, tabelas e imagens, para transmitir a informação desejada. Conforme Samara (2007), o *grid* estabelece uma estrutura sistemática em um *layout*, distinguindo diferentes tipos de informação e simplificando a movimentação entre elas. Esta rede proporciona rapidez ao designer ao diagramar grandes quantidades de informação, algo frequente em livros, revistas e jornais (Cunha, 2011).

Embora exista uma vasta gama de modelos disponíveis para criar um *grid*, todos compartilham os mesmos elementos essenciais, cada um com funções específicas conforme as necessidades do projeto. Esses elementos fundamentais incluem: margens (espaços vazios entre os limites do *layout* e a área de texto), linhas de fluxo (alinhamentos dispostos em faixas horizontais), colunas (alinhamentos dispostos em faixas verticais), módulos (unidades individuais separadas por intervalos regulares), zonas espaciais (agrupamentos de módulos que definem áreas distintas) e marcadores, isto é, sinais que indicam a localização de textos secundários e permanentes, como títulos de seções e/ou numeração das páginas (Samara, 2007).

Antes de definir a estrutura que organizará o conteúdo da publicação, é fundamental que o designer analise as características e exigências informativas dela, além de antecipar possíveis problemas que possam surgir durante o processo editorial. O *grid* é um sistema rígido, mas não impede adaptações quando necessário. Com o avanço dos *softwares* de edição, tornou-se fácil sua aplicação, visto que existem várias maneiras de criar um *grid*. Desse modo, tanto o *InDesign* quanto o *Photoshop* tem a capacidade de fazê-lo de forma automática (Cunha, 2011).

Mais uma vez, reforçamos que o *grid* analisado neste trabalho se refere apenas à capa das Revistas. Isso porque o *grid* pode assumir outra característica quando se considera a parte interna de uma revista. Em resumo, existem quatro principais *grids*: retangular, de colunas, modular e hierárquico, conforme imagem abaixo para exemplificação.

Figura 12 – Tipos de *grid* na diagramação³⁷

Fonte: Cunha, 2011, p. 84

A imagem acima (reprodução) trata dos *grids* mais comuns em materiais editoriais. Nesse contexto, cabe detalhar cada um deles, conforme Cunha (2011):

a) *Grid* retangular: trata-se da configuração mais básica, composta por uma vasta área retangular que ocupa a maior parte da página. É ideal para abrigar grandes extensões de texto contínuo, como em livros ou ensaios. Tem suas origens na tradição dos manuscritos.

b) *Grid* de columnas: esta estrutura é composta por várias columnas verticais interligadas, permitindo tanto o alinhamento de texto contínuo quanto a separação de diferentes tipos de informações. A largura das columnas é determinada pela fonte utilizada no texto principal, possibilitando testar tamanhos de letra, espaçamento entre linhas e margens até se chegar à medida ideal para o conteúdo.

c) *Grid* modular: refere-se a projetos mais elaborados que proporcionam um controle superior em comparação ao *grid* de columnas. Esta estrutura se divide em columnas e faixas horizontais, formando módulos e áreas específicas. Esse tipo de malha é comumente utilizado em jornais e revistas, que optam por módulos menores para garantir um melhor gerenciamento da informação enquanto mantêm flexibilidade.

d) *Grid* hierárquico: caracteriza-se por uma configuração em que os elementos são dispostos em diversas proporções sem intervalos repetitivos. É frequente na disposição das páginas da internet, nas quais a largura das columnas pode variar conforme necessário.

³⁷ Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5959/1/Rodrigo%20Cunha.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

Conforme Samara (2007), a determinação das áreas do *grid* é estabelecida pela avaliação do conteúdo, que não deve ser limitado de forma arbitrária à malha. Para a imagem, a comparação das suas proporções, como a altura ou a profundidade, determina o *grid*. Também é necessário determinar se as imagens terão diferentes formatos (quadrados, verticais ou horizontais) ao longo da publicação.

No que diz respeito ao *grid* para texto, o volume de informações a serem exibidas na página é um elemento fundamental, já que isso determina a quantidade de colunas, a largura da fonte, o espaço interno e as margens. Também é importante levar em conta a relação entre os blocos de texto e o espaço negativo (brancos), bem como a forma de alinhamento das colunas, que pode ser tanto na parte superior quanto na inferior, com margens irregulares. Essas decisões impactam diretamente na linguagem utilizada pelo conteúdo (Cunha, 2011).

4.1.2 Tipografia

A tipografia desempenha um papel crucial em qualquer projeto gráfico, sendo essencialmente funcional. Contudo, ela também pode impactar a essência da publicação através dos diferentes estilos presentes no formato de cada letra. A tipografia vai além de ser apenas um elemento visual; sua tarefa é respeitar o texto (Cunha, 2011).

Para os profissionais de design, o maior desafio é assegurar a legibilidade do conteúdo textual, ao mesmo tempo que se resolvem problemas de hierarquia e clareza. A legibilidade é um requisito tanto para as mídias impressas quanto para as digitais, juntamente com a visibilidade e a compreensão, relacionadas ao suporte usado (Freire, 2009). Em relação às revistas, a tipografia é igualmente relevante como elemento visual, particularmente nos títulos das publicações, que adquirem uma natureza bastante simbólica (Samara, 2011).

Antes da invenção da prensa tipográfica no século XV, as letras eram criadas manualmente, utilizando instrumentos como o cinzel ou o cálamo chato. Embora a precisão dos tipos produzidos em chumbo a partir da prensa de Gutemberg não seja a mesma, os princípios de legibilidade e desenho das letras não sofreram alterações significativas, inclusive nos tempos modernos (Cunha, 2011).

Alguns tipos, criados através de fundições digitais e aplicados em livros, jornais e revistas, têm o mesmo formato de fontes criadas por tipógrafos dos séculos XV ao XVIII, como *Garamond*, *Sabon*, *Baskerville* e *Bodoni*, entre outros (Cunha, 2011).

Existe um paradoxo da tipografia contemporânea: enquanto é necessário chamar a atenção para o conteúdo em um mundo repleto de apelos visuais, a tipografia deve ser discreta para preservar a legibilidade da mensagem. Nesse contexto, a tipografia deve expressar o pensamento do escritor e seus estados de espírito. Em outras palavras, a avaliação do conteúdo da mensagem é crucial para a seleção da tipografia a ser empregada (Freire, 2009).

Não existe um acordo entre os escritores sobre as categorizações da tipografia, mesmo com os esforços dos impressores desde o século XIX de vincular a atividade tipográfica ao progresso da história da arte. Historiadores e tipógrafos desenvolveram sistemas de classificação fundamentais para estruturar a variedade de letras, destacando suas particularidades e contextos históricos.

Por isso, continuam a ser produzidas fontes modernas que se assemelham aos tipos criados nos séculos XV e XVI, destacando-se pela legibilidade e sofisticação, atributos que permanecem inalterados ao longo do tempo e dos movimentos artísticos (Bringinghurst, 2006).

No estudo em questão, utilizamos a categoria que agrupa as tipografias de acordo com suas particularidades e tendências. As obras de Ellen Lupton (2006) e Robert Bringhurst (2006) proporcionam uma fundamentação robusta para essas categorizações. Certas terminologias se tornam comuns no contexto da tipografia. A mais frequente diz respeito às serifas, que são os detalhes nas extremidades de cada letra. Jornais e revistas costumam empregar fontes serifadas em seus textos, como *Sabon*, *Garamond*, *Minion* e *Times*.

Esses tipos de letra evocam tradição e confiança, além de garantirem boa legibilidade, mesmo em tamanhos reduzidos. Nos títulos, é possível observar variações dependendo do tipo de publicação: geralmente, as publicações mais respeitáveis utilizam fontes serifadas para os títulos, enquanto jornais voltados para o público geral optam por estilos com um peso menor. Nesse contexto, podemos mencionar algumas revistas que utilizam fontes serifadas na sua logomarca: *Vogue*, *Time*, *IstoÉ* e *Bravo* (Cunha, 2011).

Em contrapartida, outras revistas optam pela fonte sem serifa na sua logomarca. São elas: *Época* (em algumas edições), *Veja*, *Shape*, *InStyle*, entre outras. Portanto, fica claro que a seleção da tipografia apropriada é uma das etapas iniciais no desenvolvimento de um projeto de design editorial, fundamentada nas características da publicação e do conteúdo textual, não sendo apenas uma questão de preferência pessoal.

Cada tipografia possui uma personalidade que melhor se adapta a diferentes formatos de revista e/ou jornal. A exemplo de jornais, o *New York Times* opta por uma fonte com serifa, enquanto *O Globo* opta por uma fonte sem serifa em sua logomarca. O jornal

Folha de S. Paulo também opta por uma fonte com serifa em sua composição gráfica (Freire, 2009). Isso dito, a imagem abaixo nos apresenta a classificação tipográfica e alguns exemplos.

Figura 13 – Classificação tipográfica

Classificação	Exemplo
Humanista ou renascentista Desenvolvidos entre os séculos XV e XVI, são tipos que lembram as letras caligráficas clássicas, com terminais precisos, como se fossem desenhados a pena. Ex. Sabon (Jan Tschichold, 1966; Claude Garamond, 1532).	Quizzical t AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlM
Transicional ou neoclássica Possuem serifa mais afiadas que as humanistas. Foram desenvolvidas principalmente em meados do século XVIII; altos contrastes e formas precisas. Ex. Baskerville (John Baskerville, 1757).	Crazy Fred AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMn
Moderna ou romântica Fontes desenhadas entre os séculos XVIII e XIX, com serifa finas e retas, aberturas pequenas, eixo vertical e forte contraste entre traços grossos e finos. Ex. Bodoni (Giambattista Bodoni, 1790).	Cozy sphin AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlM
Egípcia Fontes pesadas e decorativas, adotados principalmente no século XIX para utilização em propaganda; com serifa pesadas e retangulares. Ex. Clarendon (Herman Eidenbens, 1953).	Cozy sphi AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLl
Realista Fontes sem serifa, comuns a partir do final do século XIX. Possuem características humanistas como as variações caligráficas nos traços. Ex. Gill Sans (Eric Gill, 1928).	Sympathizin AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMmNr
Modernista geométrica Tipos desenvolvidos a partir de formas geométricas, com aberturas moderadas, serifa ausentes e peso igual ao traço principal. Ex. Futura (Paul Renner, 1928).	Fake bugs AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMm

Fonte: Cunha, 2011, p. 89

Algumas tipografias são compostas por uma variedade de fontes com diferentes pesos e espessuras, conhecidas como família tipográfica. Essa diversidade permite encontrar tipos mais apropriados para textos corridos e outros mais adequados para títulos. Tipografias que possuem famílias mais amplas são vantajosas para atender diversas necessidades, como escolher espessuras ideais para textos pequenos e tipos mais pesados para títulos (Samara, 2011).

As fontes podem ser classificadas por peso em variações como *thin* (leve), *extra light* (extra claro), *light* (claro), *book* (regular), *medium* (médio), *bold* (negrito), *black* (pesado) e *ultra* (ultra pesado). Quanto à largura, existem os tipos *ultra extended* (ultra estendida), *extended* (estendida), *condensed* (condensada) e *ultra condensed* (ultra

condensada). Quanto à posição, cada uma dessas opções pode ser encontrada em estilos regulares e oblíquos (itálicas) (Cunha, 2011).

Há uma ligação direta entre o alinhamento e o espaçamento das palavras. No caso do alinhamento à esquerda, à direita ou centralizado, o espaçamento é considerado padrão. Por outro lado, no alinhamento justificado, o *software* de editoração tenta ajustar esse espaçamento para que as palavras fiquem alinhadas nas margens da coluna. Isso pode ocasionar problemas, como hifenização indesejada ou grandes lacunas conhecidas como “caminhos de rato”, que podem resultar em combinações de palavras dentro do mesmo parágrafo (Samara, 2011).

Nos alinhamentos irregulares, é necessário que as margens sejam discretas, com suaves ondulações que sejam imperceptíveis ao leitor. O parágrafo é moldado pelo espaço entre as linhas, cuja altura é calculada a partir da base de cada frase, sendo crucial para a clareza do texto. Para uma leitura suave e um visual organizado, as partes ascendentes e descendentes das letras precisam estar separadas (Cunha, 2011).

A distância entre as linhas é fundamental para a leitura fácil. É crucial ajustar a entrelinha, já que as partes que excedem a altura padrão das letras minúsculas não devem se encontrar. Tipos que possuem um “x” mais alto necessitam de uma entrelinha ampliada para assegurar a clareza (Cunha, 2011).

4.1.3 Qualidades eidéticas e cromáticas

Gomes (2008) chama de sistema semi-simbólico o conjunto de qualidades eidéticas e cromáticas, que constituem os componentes visuais dos textos plásticos. Estas categorias simbolizam a dimensão mais profunda do plano da expressão. O termo eidético, derivado da fenomenologia, alude à essência das coisas. No design, pode ser categorizado em atributos como reto/curvo, longo/curto, entre outros que definem os componentes fundamentais da comunicação visual: ponto, linha e plano (Kandinsky, 2006).

Em contrapartida, a qualidade cromática está ligada à cor, abrangendo contrastes como claro/escuro e saturado/não saturado. Essas propriedades visuais estão intimamente associadas às qualidades fundamentais da nossa percepção das cores, que, de acordo com Samara (2011), são matiz, saturação, temperatura e valor.

Ponto, linha e plano são os elementos fundamentais do design, essenciais para a criação de diferentes componentes, desde ícones simples até animações complexas. Na evolução do design gráfico, essas interações foram utilizadas em processos de impressão

como xilogravura, litografia e impressão a laser. A retícula, desenvolvida na década de 1880 e empregada na impressão *offset*, transforma fotografias em pontos, simulando variações tonais.

O ponto é o elemento mais básico na composição visual, contudo, também é intrincado, já que pode apontar para um ponto em um espaço com coordenadas “x” e “y”. No design, atua como um guia visual em comparação com outras formas. Ao expandir-se, o ponto modifica seu entorno, podendo assumir outras formas.

A posição e proporção de um ponto em relação às fronteiras o destacam, e a inclusão de um segundo ponto direciona a atenção para a ligação entre eles, provocando tensão. Com o aumento de pontos, a dinâmica espacial se modifica, gerando novas propriedades como distância e configuração. Os pontos podem formar linhas, simbolizando a conexão ou o percurso de um ponto em movimento (Cunha, 2011).

A linha é uma representação gráfica com variados pesos, texturas e espessuras, representando movimento e direção, sem estabelecer um foco definido. No design, as linhas têm a função de delimitar espaços, estruturar elementos e estabelecer limites. As linhas finas são vistas como mais permeáveis, enquanto as linhas grossas são percebidas como mais distintas (Samara, 2011).

Por outro lado, o plano tem largura e altura, formando uma superfície plana e delimitada, com limites que podem ser simples ou complexos, podendo ser sólido ou texturizado. Figuras geométricas como círculos, quadrados e triângulos são vistas como linhas ao delimitarem um espaço, tornando-se planas quando seu volume influencia o espaço negativo em sua volta. Também é possível representar planos através de áreas de texto, compostas por diversos elementos tipográficos (Cunha, 2011).

Ajustes na entrelinha, no tamanho e no alinhamento colaboram para formar diferentes estilos tipográficos. As cores têm um potencial estimulante que as torna ferramentas poderosas de comunicação. Embora o processo de percepção das cores seja uniforme para todos, as diferenças culturais e experiências pessoais geram várias interpretações (Guimarães, 2003).

Existem algumas direções sobre como uma mensagem cromática pode transmitir significados diversos dependendo da região, com base em estudos sobre psicologia da cor: enquanto o vermelho é altamente visível e atraente no Ocidente, na África do Sul ele está associado ao luto e teria um valor simbólico similar ao preto no Ocidente (Zappaterra, 2009).

Nesse contexto, não se pode negar a relevância da cor como um elemento informativo em material digital. A utilização das cores deve ser concebida como uma estrutura que se adapta ao tipo de veículo ou suporte da comunicação, aos objetivos e

intenções dos meios de comunicação, além do contexto cultural em que se insere. Em outras palavras, a utilização das cores está ligada não apenas às dinâmicas culturais de cada período, mas também aos avanços tecnológicos e às técnicas de impressão disponíveis. O termo “cor informação” indica que a cor vai além da simples função estética, desempenhando um papel significativo na hierarquização e na atribuição de significado à informação, a partir das características de cada tonalidade (Guimarães, 2003).

4.1.4 Imagem e multimídia

A imagem, por sua vez, funciona como um ambiente emocional e simbólico, substituindo a vivência física ou sua lembrança na mente do contemplador. As imagens transcendem a função de meras representações de ações humanas, tornando-se indispensáveis nas relações entre indivíduos e tecnologia, atuando como intermediários e referências em termos de informação, conhecimento e criatividade (Guimarães, 2003).

No campo do design gráfico, as imagens se sobressaem como um dos principais instrumentos de comunicação, apresentando-se de variadas formas, incluindo símbolos, fotomontagens, infográficos, ilustrações e tipografia. As imagens proporcionam um contraste visual ao texto, potencializando a interação do público (Samara, 2011).

Elas também atuam como caminhos alternativos para a interpretação de informações complexas que o texto isolado não consegue comunicar. Desse modo, a imagem ganha mais clareza e relevância quando inserida na mensagem escrita, em um contexto que se harmoniza com o assunto em discussão e, por isso, não é vista apenas como um componente estético (White, 2006).

No campo jornalístico, a fotografia pura é frequentemente empregada, uma vez que oferece agilidade na disseminação de informações, além de transmitir um sentimento de realismo e objetividade. As imagens são as primeiras a captar a atenção de um leitor, sendo caracterizadas como rápidas, emocionais, instintivas e instigantes. O escritor categoriza as imagens jornalísticas em três categorias: emocionais, que visam causar impacto e atrair o leitor; informativas, que procuram preservar a credibilidade através de uma abordagem simples e documental; e circunstanciais, que não se encaixam nas categorias anteriores e, logo, não são dignas de destaque (White, 2006).

A implementação do fotojornalismo foi intensificada pelo uso da fotografia digital, que se adequou às demandas das organizações jornalísticas em termos de rapidez, custo reduzido e qualidade, eliminando fases como a revelação. As agências de notícias

também começaram a fornecer mais imagens para os jornais, beneficiadas pela transferência ágil de arquivos via internet de alta velocidade a um custo reduzido.

A fotografia tem um potencial notável, especialmente quando interage com outras imagens. Quando agrupamos fotografias próximas, potencializamos seu significado e estabelecemos um contexto narrativo para o leitor, embora a conexão entre as imagens não seja fiel (Freire, 2009).

As imagens, por si só, não transmitem um conceito; essa interpretação é feita na mente do espectador. Samara (2011) ilustra isso ao comparar uma fotografia de um ciclista com uma imagem de um homem deitado em uma cama de hospital. Embora o ciclista não seja o homem, o leitor pode inferir que ele sofreu um acidente, preenchendo, assim, a lacuna semântica. Em contrapartida, se a imagem do ciclista estiver associada a uma imagem de uma linha de chegada, o leitor interpretará a situação de forma distinta, gerando um conceito inédito (Samara, 2011).

Uma outra forma de imagem utilizada pelas revistas é a ilustração, que oferece uma maneira mais flexível de se expressar, superando as limitações impostas pelo “mundo real” (Samara, 2011). Assim como a fotografia, a ilustração pode retratar um tema de maneira realista e objetiva ou apresentá-lo de forma simbólica e abstrata. Essa categoria de imagem também permite a combinação com outros elementos visuais, como tipografia, gráficos abstratos e diversos tipos de papel e acabamentos, utilizando técnicas como colagem, por exemplo (Cunha, 2011).

A infografia, por sua vez, como um gênero informativo, consiste em uma narrativa baseada na inter-relação entre texto e imagem. O binômio imagem/texto funciona explicativamente. Com isso, nenhuma parte da infografia deve ser ofuscada ou dispensável. Embora a infografia exista desde 1909, ela foi amplamente utilizada no jornalismo a partir da década de 1970 devido à competição televisiva e às reformas de edição gráfica (Teixeira, 2010).

Na seara digital, as infografias ganharam multimídia como recurso para informações mais dinâmicas, construídas a partir de bancos de dados e estabelecendo maiores níveis de interatividade. Por conta disso, acredita-se que o futuro do gênero será multimídia, visto que a monomídia está em desuso. Jornais como *GI*, *Estadão*, *Folha* e *BBC*, por exemplo, também passaram a produzir infografias interativas (Teixeira, 2010).

Elementos multimídia são amplamente usados em revistas digitais por sua atratividade e capacidade de combinar conteúdo de áudio e vídeo com a qualidade da edição impressa. No entanto, essa característica costuma ser confusa devido ao uso de termos como

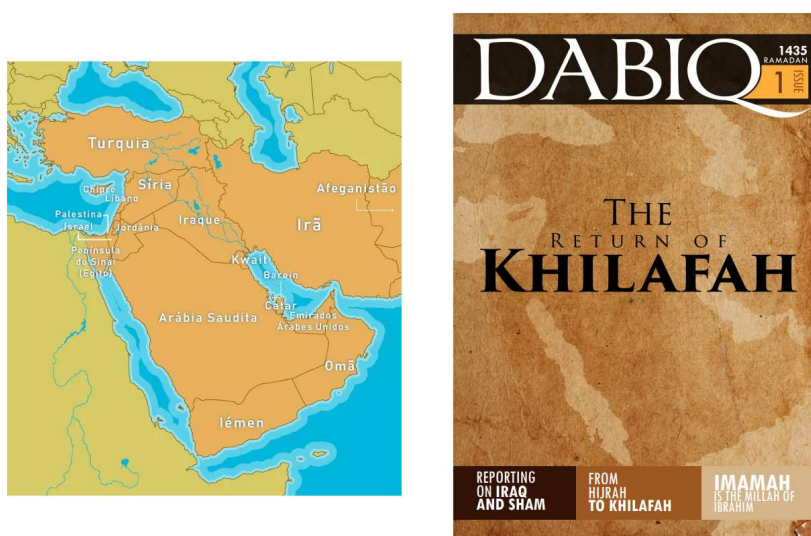
“comunicação multimídia”. Multimídia envolve linguagem e métodos, com multimídia se referindo a múltiplos instrumentos envolvidos na disseminação de um produto de notícias (Cunha, 2011).

4.2 Descrição das Capas da Revista *Dabiq*

Neste tópico, são descritas as capas das 15 edições da Revista *Dabiq*, em ordem de publicação. A imagem abaixo faz referência à primeira edição da Revista, publicada em 05 de julho de 2014. Sob o título: *The Return of Khilafah*, O Retorno do Califado, esta edição faz uso de cores quentes, sobretudo amarelo e laranja. Atrás do título “*Dabiq*”, que se repete em todas as 15 edições, nota-se a presença de uma caixa de texto “amarronzada”. Além disso, é possível perceber outras caixas de texto, nas quais estão escritos, em tradução livre, “Reportando sobre o Iraque e Sham”, “Da Hégira ao Khilafah” e, por último, “Imamah é o milá de Ibrahim” (parte inferior da revista, da esquerda para direita).

É importante mencionar que a imagem abaixo (à esquerda) representa o mapa da região do Oriente Médio³⁸, com os países divididos pelas linhas imaginárias. À direita, temos a capa da primeira edição da Revista *Dabiq*. A ideia de apresentar o mapa do Oriente Médio logo na primeira edição evidencia o desejo de mostrar ao resto do mundo as principais causas políticas e religiosas.

Figura 14 – Montagem da capa da 1ª edição



Fonte: Medeiros, 2020, p. 72

³⁸ Fonte: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/oriente-medio.htm>. Acesso em: 19 out. 2024.

Esta edição inaugural da revista é um resumo da formação da identidade pelo Estado Islâmico, constituindo o primeiro contato com o público global. A edição sugere o retorno do sistema do Califado, representado pelo Califa. Com a proclamação do Califado em 2014 e a subsequente designação de seu líder Califa, a revista se fundamenta na revitalização de um sistema político e na sua expansão com o objetivo de converter e incorporar toda a sociedade muçulmana.

Destaca-se o contorno do mapa da área do Oriente Médio sem as fronteiras nacionais dos países. Portanto, apresenta-se esse esboço sem limites, considerando que essa eliminação leva à resistência e ao surgimento de uma nova estrutura de poder. No canto superior direito, apresenta-se a data de publicação da revista no calendário árabe, com o número da edição/publicação).

Figura 15 – Montagem da capa da 2ª edição



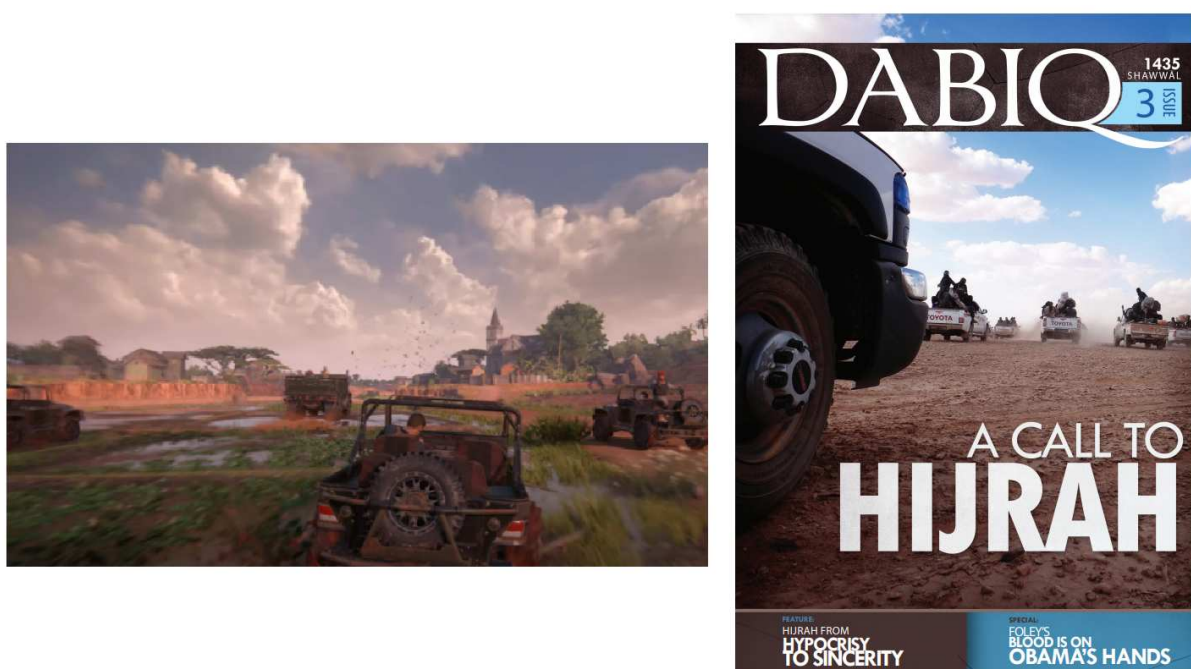
Fonte: Medeiros, 2020, p. 98

A segunda revista foi lançada em 27 de julho de 2014. A ilustração da capa e o nome *The Flood* (O Dilúvio), em tradução livre, fazem referência à narrativa bíblica de Noé e sua arca durante o dilúvio. Deduz-se acerca da decisão de aderir ou não ao Estado Islâmico. Portanto, traça-se um paralelo com a frase no título do artigo: “ou o Estado Islâmico ou o dilúvio” (*It's either the Islamic State or the flood*).

A imagem à esquerda³⁹ foi retirada do artigo, página 06, da edição original. Caso o leitor queira acessá-la na íntegra, as referências se encontram em nota de rodapé. Cabe ressaltar que o conteúdo da revista é de autoria do EI, com imagens fortes, violentas e perturbadoras. Nela, pode-se visualizar uma embarcação em meio a uma forte tempestade em alto mar. Trata-se de uma ilustração, isto é, imagem editada ou criada por meio de recursos digitais.

Ao analisar a ilustração da capa, pode-se perceber a presença de uma forte tempestade em alto mar, com uma embarcação com características rústicas sendo balançada pelas ondas do mar. Nota-se, também, a presença de nuvens sobrecarregadas de tonalidade cinza. O título *The Flood* está escrito em cor azul esverdeado, com as bordas em azul claro, fonte com serifa. A última caixa de texto, localizada no canto inferior direito, diz: *Feature: the flood of the Mubahalalah* (Matéria: a inundação do Mubahalalah), em tradução livre.

Figura 16 – Montagem da capa da 3ª edição



Fonte: Medeiros, 2020, p. 78

A terceira revista (imagem acima à direita) foi lançada em 10 de setembro de 2014. Em relação aos componentes da capa, há uma ênfase nos carros, na estrada e nos combatentes do grupo amontoados na caçamba das caminhonetes. Esses componentes representam a conquista em andamento, com a incorporação dos membros nos territórios.

³⁹ Fonte: *Dabiq Magazine*. [s.l.]: Al- Hayat Media Center, v. 2, 2014b. Disponível em: <https://primarynewssource.org/sourcedocument/dabiq-issue-2-the-flood/>. Acesso em: 19 out. 2024.

O título *A Call to Hijrah*, Um Chamado à Emigração, é uma continuação do apelo feito na primeira edição aos muçulmanos que residem em outras áreas, para se retirarem e se transferirem para o Estado Islâmico, onde a suposta lei de Allah prevalece. A *Hijrah* é uma das etapas que levam à conquista definitiva.

A revista afirma: *Hijrah: from hypocrisy to sincerity* (Migração: da hipocrisia para a sinceridade), referindo-se que o indivíduo muçulmano deve migrar para o Califado. Além disso, percebe-se a presença de outra caixa de texto localizada no canto inferior direito, em que está escrito: *Special: Foley's blood is on Obama's hand* (Especial: O sangue de Foley está nas mãos de Obama).

Quanto à imagem, é possível visualizar um ambiente aberto, com céu azul e nuvens claras, seis automóveis em movimento, com pessoas em cima deles, porém sem conseguir identificá-las. Estão em uma terra seca e árida, tendo em vista o chão de areia. Os carros utilizados se assemelham a *jeeps* e carroças.

Outro aspecto a destacar é a perspectiva em que a imagem da capa parece ser capturada, que se assemelha a um jogo eletrônico ou a um filme (imagem a esquerda), com uma angulação de câmera semelhante aos jogos de tiro em primeira pessoa, especialmente durante a narração da história do jogo; o barulho dos carros e a ausência de identificação dos personagens (Medeiros, 2020).

A imagem da esquerda da revista⁴⁰ é uma captura de tela do jogo *Uncharted 4*, disponível para *PlayStation*. O jogo leva os seus jogadores a explorar diferentes partes do mundo, passando por ilhas exuberantes, cidades isoladas e montanhas cobertas de neve, tudo isso na esperança de descobrir o tesouro de Avery.

Do ponto de vista gráfico, as semelhanças entre este jogo, em particular, com a capa da terceira edição de *Dabiq* são evidentes: grande parte do espaço da imagem é destinado ao céu azul e a estrada de terra; carros em movimento e inclinação da perspectiva de quem visualiza as imagens.

A comparação entre as duas imagens acima nos mostra uma pseudo profissionalização na produção das capas, tendo em vista utilização de elementos e perspectivas provenientes de outros ambientes e meios, como o do referido jogo. O próprio jogo remete à ideia de descobrimento, conquista e vitória sobre os adversários. Não se pode confirmar, mas é possível inferir que a produção desta capa sofreu influência de terceiros (jogos ou filmes, por exemplo) em sua composição gráfica.

⁴⁰ Fonte: *YouTube* Canal Evil Nando. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pF3GlfEoE30>. Acesso em: 04 out. 2024.

Figura 17 – Montagem da capa da 4ª edição



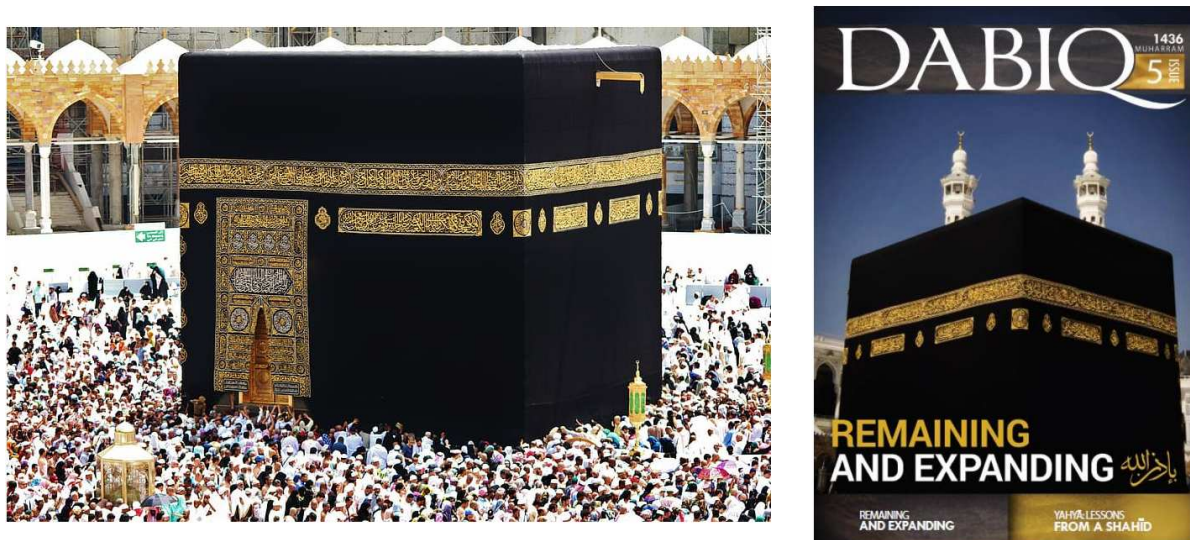
Fonte: Medeiros, 2020, p. 80

Na imagem acima (à direita), podemos observar o estandarte do Estado Islâmico balançando sobre o obelisco central da Praça de São Pedro, no Vaticano, referência do Catolicismo. Os símbolos que se sobrepõem nesta capa incluem: a bandeira empunhada pelo Estado Islâmico, simbolizando o Califado vitorioso; Vaticano, a materialização das chamadas cruzadas.

A quarta edição foi lançada em 11 de outubro de 2014. É possível inferir que o objetivo do EI é expandir seus territórios para demais localidades do globo, especialmente no Ocidente e sobre outras religiões. Além disso, é possível visualizar a data de publicação no calendário oriental e o número da edição no canto superior direito. O título *The Failed Crusade* (A Cruzada Fracassada) está centralizado no meio da revista, com fonte com serifa, na cor azul claro com detalhes incorporados a ela.

Logo abaixo, temos a presença de duas caixas de texto: uma na cor azul claro (tonalidade semelhante ao do título e da cor do céu azul na imagem); outra, na cor preta. Na primeira caixa de texto, lemos: *Feature: reflections on the final crusade* (Matéria: reflexões sobre a cruzada final); na segunda, *Article: the revival of Slavery before the hour* (Artigo: o renascimento da escravidão antes da hora), em tradução livre. É importante mencionar que as chamadas das matérias na parte inferior dizem respeito ao conteúdo que o leitor verá ao se debruçar sobre a leitura do material.

Figura 18 – Montagem da capa da 5ª edição



Fonte: Medeiros, 2020, p. 90

A quinta edição da *Dabiq* (à direita) foi apresentada em 21 de novembro de 2014. Na sua capa, observamos a representação da Kaaba, situada na Mesquita de *Al Haram* em Meca, Arábia Saudita. A Kaaba indica o lugar para onde os muçulmanos dirigem suas preces diárias. A título de informação, a visita à Kaaba é um dos fundamentos do Islamismo.

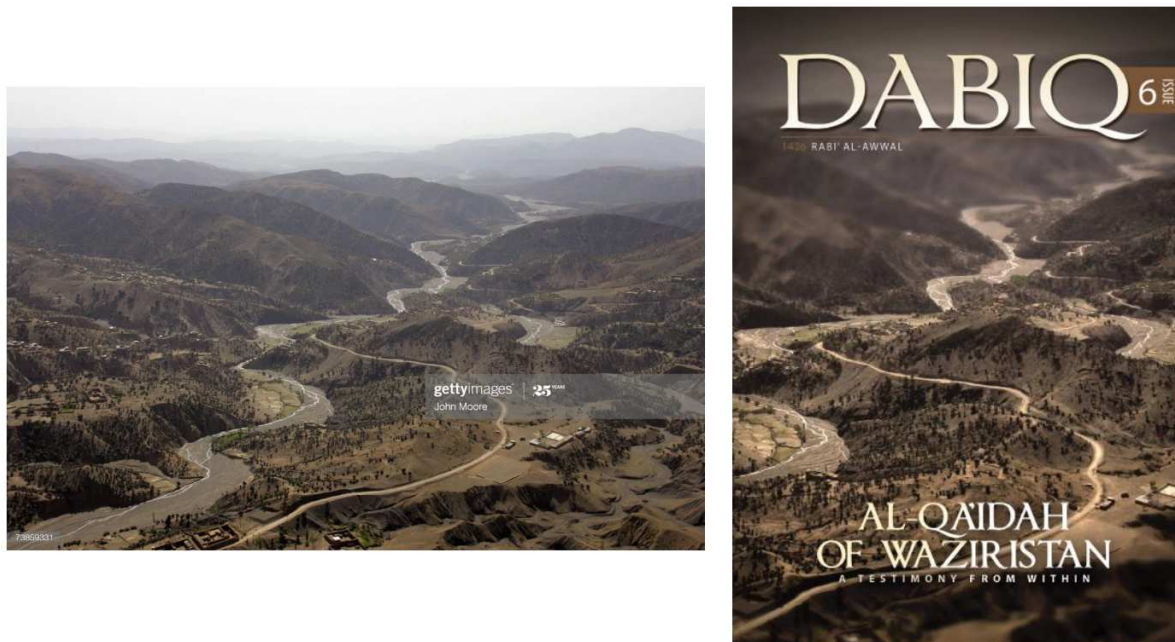
É aconselhável que seja realizada, ao menos, uma vez na vida, embora não seja imprescindível para todos os muçulmanos. Quem não atingiu a puberdade e quem não possui condições de saúde física, mental ou financeira para realizar a viagem estão dispensados desta obrigação (Medeiros, 2020). A imagem à esquerda é uma reprodução do *Google* Imagens (2024).

O título desta edição é *Remaining and Expanding* (Permanecendo e Expandindo). Ao lado do título, existe uma mensagem em árabe, cuja tradução é: “se Allah quiser e/ou com a permissão de Allah” (tradução por Adel Bakkour). Logo, infere-se que o EI deseja passar a mensagem: “permanecendo e expandindo, com a permissão de Allah” (Medeiros, 2020). É importante mencionar que esta é a última edição de *Dabiq* a utilizar uma caixa de texto atrás do nome “*Dabiq*”.

O EI deseja que o foco da visão do leitor/usuário esteja centralizado no meio da revista: neste caso, a Kaaba. É importante mencionar que o uso de vinheta nas capas de *Dabiq* é muito recorrente. Além disso, ainda existem duas caixas de texto na parte inferior da revista: a primeira repete o título; a segunda, *Yahya lessons from a shahid* (Lições de Yahya de um

shahid). Também é possível visualizar a presença de duas torres brancas ao fundo da Kaaba, com céu azul.

Figura 19 – Montagem da capa da 6ª edição



Fonte: Medeiros, 2020, p. 74

A Figura 19 representa (à esquerda) o local de ambientação que deu origem à capa da 6ª edição da Revista *Dabiq*. Publicada em 29 de dezembro de 2014, a edição conta com o título original: “*Al Qa'idah of Waziristan: A Testimony from Within*”. Em tradução livre, lê-se: “Al-Qaeda do Waziristão: um testemunho de dentro”.

A ilustração na capa representa a área do Waziristão, situada ao norte do Paquistão e que faz fronteira com o Afeganistão. Ao analisar a imagem⁴¹, notamos a existência de um território desabitado, sem residências ou edificações que demonstrem presença contínua. Waziristão, também conhecido como Waziristão, é uma área montanhosa, abrangendo aproximadamente 11.585 km². Integra o Território Federal das Áreas Tribais e é visto como um território independente das quatro províncias do país. Deduz-se que, por um período, o local serviu como esconderijo para Bin Laden.

Ao examinarmos a imagem original (à esquerda), observamos que houve um corte, fazendo com que as pequenas construções à esquerda e abaixo da imagem fossem eliminadas. Embora não seja possível determinar se essas estruturas são habitadas, a forma

⁴¹ Crédito: John Moore/Getty Images (2007).

como a imagem foi inserida na capa sugere que não existe uma hegemonia estabelecida ali, seja da Al-Qaeda, outros grupos ou militarizada (Medeiros, 2020).

Ao mesmo tempo, o vale apresentado na capa pode sugerir uma ambientação calma, pacífica e tranquila, beirando a ideia de um “paraíso”. Diferentemente das demais capas, a apresentação de um ambiente visualmente elegante transmite uma relativa “paz” e sensação de “calmaria”, enquanto as demais capas, em geral, utilizam imagens fortes, com atores sociais e representantes políticos.

É importante, nesse contexto, traçar um paralelo com o conceito de fotojornalismo, recurso apropriado pelo EI na composição de muitas de suas edições da Revista *Dabiq*. A imagem fotojornalística é a que a imprensa produz ou adquire com base em seus próprios conteúdos editoriais, vinculada a valores de informação, atualidade e notícia de eventos de importância social, política e econômica, podendo ser correlacionada com as classificações tradicionais da imprensa em suas várias seções (Monteiro, 2016). A discussão do fotojornalismo será retomada no capítulo das análises e discussão dos resultados adiante.

Figura 20 – Montagem da capa da 7ª edição



Fonte: Medeiros, 2020, p. 100

A sétima edição da Revista tem no seu título: *From Hypocrisy to Apostasy: The Extinction of the Grayzone* (Da hipocrisia à apostasia: a extinção da zona cinzenta). Publicada em 12 de fevereiro de 2015, esta edição espelha a transição daqueles que estavam na zona

cinzenta: os inovadores desviantes, desertores da *jihad*, rumo à apostasia. Esses muçulmanos seriam considerados apóstatas, já que se recusaram a se unir à luta contra o Estado Islâmico ou permaneceram neutros, após a proclamação do Califado e o início da cruzada. Portanto, esses muçulmanos são rotulados como apóstatas e privados da salvação (Medeiros, 2020).

Como padrão, a revista não divulga créditos ou referências às imagens utilizadas em suas capas. A imagem original à esquerda apresenta dois mulçumanos centralizados, haja vista a utilização do *taqiyah* na cabeça e pelas roupas longas brancas (também possível de identificá-las na Figura 22), com uma placa escrita “*Je Suis Charlie*”, em idioma francês, com a tradução: “Eu sou Charlie”. Cabe, nesse sentido, contextualizar a utilização da plaquinha, que viralizou nas redes há quase dez anos.

A hashtag *#JeSuisCharlie* (*#EuSouCharlie*) ganhou popularidade rapidamente nas redes sociais digitais e nas ruas de várias cidades europeias após o ataque à sede do jornal francês “*Charlie Hebdo*”, que resultou na morte de 12 pessoas em Paris em 07 de janeiro de 2015. Ela se transformou em um emblema de apoio à publicação e aos parentes das vítimas.

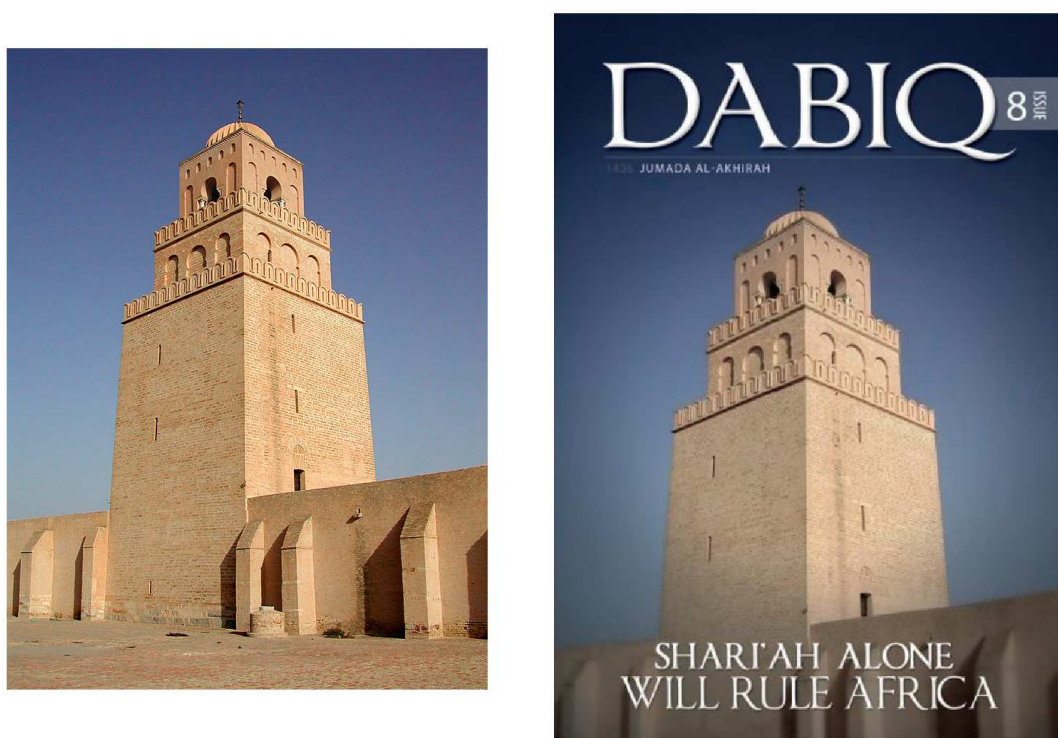
A frase original em francês foi impressa na capa do *site* do *Charlie Hebdo*, que a adaptou para sete outras línguas, incluindo árabe, espanhol, alemão, entre outros⁴². Ela também ganhou a adesão de importantes jornais franceses, como o *Le Monde* e o *Figaro*, que inseriram uma moldura negra, em sinal de luto, com os dizeres em branco em seus *websites*.

Quanto à composição gráfica da capa, é possível perceber o uso de duas cores predominantes: preto e branco. A fonte com serifa foi utilizada, mais uma vez, no título da revista. Além disso, observa-se a utilização do efeito vinheta, novamente, delimitando a atenção do leitor/usuário ao centro da imagem. Também pode-se visualizar a presença de nove pessoas na imagem (vê-se melhor na imagem à esquerda). No entanto, não é possível identificá-las. As únicas pessoas com a face exposta de forma clara são os mulçumanos com a plaquinha nas mãos.

O local da imagem remonta à Europa Ocidental, a julgar pelo atentado ocorrido em Paris, França. O título desta edição “Da hipocrisia à apostasia: a extinção da zona cinzenta” leva o leitor/usuário a considerar os mulçumanos centralizados como praticantes da referida “apostasia”, visto que eles levantam a bandeira em defesa do jornal *Charlie Hebdo*. A chamada “zona cinzenta” remonta a uma região habitada por idólatras, vistos como apostadores e divergentes no Islamismo.

⁴² Fonte: *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571762-frase-em-solidariedade-ao-charlie-se-espalha-pela-internet-e-ganha-as-ruas.shtml>. Acesso em: 06 out. 2024.

Figura 21 – Montagem da capa da 8ª edição



Fonte: Silva, 2018, p. 99

A oitava edição da Revista, datada de 30 de março de 2015, apresenta na capa uma imagem da Grande Mesquita de *Uqba Ibn Nafi*, localizada na Tunísia. A foto, que retrata um dos minaretes da Mesquita (foto original à esquerda), pode ser encontrada na página da *Wikipédia*⁴³ dedicada ao assunto.

Esta mesquita recebe destaque por ser a primeira construída na Tunísia, um país do norte da África que enfrentou ataques do Estado Islâmico em 2015. Apesar da foto da mesquita, o título da edição *Shari'ah alone will rule Africa* (A Sharia sozinha irá controlar a África) não faz alusão à imagem. No entanto, ao pesquisar sobre esta edição, é possível perceber que se refere a um juramento de lealdade a um outro grupo terrorista (Silva, 2018).

Esta é uma das sete edições (6/7) que não faz exposição de pessoas na capa das imagens. Ou seja, seu foco está em um local religioso importante. Não existe referência a indivíduos sociais ou políticos. A cor predominante na fonte do texto é a branca. Em comparação com a imagem à esquerda (original disponível na *Wikipedia*), é possível perceber um escurecimento da cor do céu azul em decorrência da utilização do efeito vinheta.

⁴³ A imagem à esquerda é uma reprodução da *Wikipedia*. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tower_of_the_Great_Mosque_of_Kairouan.JPG. Acesso em: 06 out. 2024.

Figura 22 – Montagem da capa da 9ª edição



Fonte: Medeiros, 2020, p. 94

Em 21 de maio de 2015, foi lançada a nona edição da Revista *Dabiq*. Na sua capa (imagem à direita), observamos um recorte de uma imagem. Com um motor de busca, localizamos a imagem original e completa (à esquerda). Novamente, observamos o uso de imagem de terceiros sem a devida atribuição. Na imagem original, observamos John Kerry, Secretário de Estado do Governo Obama, ao lado de 11 ministros de governos da região do Oriente Médio.

Este evento ocorreu em setembro de 2014, com o propósito de fortalecer a formação de uma aliança entre os Estados Unidos e esses países, com o intuito de conter e lutar contra o avanço do Estado Islâmico (Medeiros, 2020). A imagem original à esquerda pode ser encontrada por meio de um buscador de imagens⁴⁴.

O título desta edição diz: *They Plot and Allah Plots*, o que, em tradução livre, quer dizer: “Eles conspiram e Allah conspira/planeja”. Ou seja, a mensagem do título e a foto se relacionam, uma vez que, para o EI, a aliança política destas pessoas é frustrada pela atuação de Allah.

Os representantes políticos encontram-se enfileirados na horizontal, em pose para foto. Na capa, é possível visualizar a presença de dois membros do Ocidente, a considerar o uso de terno e gravata. Atrás deles, é possível perceber oito bandeiras de países, a julgar pela

⁴⁴ Fonte: Brendan Smialowski (2014). Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/emirati-minister-of-state-for-foreign-and-federal-foto-jornal%C3%ADstica/455270800>. Acesso em: 18 out. 2024.

presença de estrelas na bandeira de cor azul, o que nos leva a crer que seja a bandeira dos Estados Unidos da América. Mais uma vez, existe a presença de vinheta, embora utilizada de forma mais sutil quando comparada com a edição anterior (Figura 21).

A arquitetura identificada na capa é característica da região do Oriente Médio, com portões largos. Ainda na capa, é possível perceber: as cúpula, um design inspirado em conchas, elementos bastante frequentes em templos e palácios. Também se percebe arcos de madeira e capitéis das colunas. Estes itens também são bastante comuns e conferem grandiosidade às construções.

As abóbadas, componente frequente em diversos templos religiosos e residências (palácios) de líderes, também são características habituais em outros estilos de arquitetura. As janelas são cobertas por vitrais ou possuem um revestimento perfurado para se protegerem da areia do deserto. No estilo árabe, é comum a presença de arcos, seja em portas ou para indicar a transição de um ambiente para outro. O acabamento é composto por pedras, mármore e azulejos com padrões geométricos ou que evocam arabescos.

Outras características distintivas do estilo árabe que intensificam a conexão com a religiosidade: a representação de Allah identificada em desenhos que se repetem, pinturas que se parecem com caligrafia. Além disso, também se percebe a concepção de uma arquitetura oculta, isto é, em que o exterior é mais discreto que o interior.

Em relação às relações políticas reveladas pela arquitetura, observa-se que, geralmente, as construções grandiosas de influência árabe valorizam mais as estruturas internas, tais como jardins, pátios e muros altos como meio de defesa. Devido à história da região, caracterizada por lutas de poder, conflitos bélicos, geopolíticos e religiosos, as construções com muros mais altos foram fortemente incorporadas a este estilo arquitetônico.

O recorte da fotografia deixou o arco árabe bem centralizado na capa. Isso demonstra um pseudo domínio de composição gráfica por parte do EI. Justifica-se para deixar a imagem equilibrada, com as principais pessoas logo abaixo do referido arco. Ainda sobre o conteúdo descritivo da capa, na pintura da parede direita, na imagem original, é possível perceber novamente a Kaaba, um símbolo para a região. Além disso, a pintura da parede esquerda nos remonta ao castelo do desenho animado Aladdin⁴⁵, uma clássica animação que nos apresenta, desde cedo, um pouco mais sobre a cultura árabe.

⁴⁵ O palácio de Agrabah, onde residem o sultão e Jasmine, foi inspirado no Taj Mahal. Embora não tenha muita lógica geográfica, já que a verdadeira edificação está localizada na Índia e a história de Aladdin se desenrola em um local indeterminado da Arábia, como evidenciado pela canção de abertura “A noite da Arábia”. Para exemplificar, o leitor pode visualizar imagens do desenho Aladdin no link a seguir. Disponível em: <https://leatavel.com.br/castelos-reais-que-inspiraram-desenhos-da-disney/>. Acesso em: 18 out. 2024.

Figura 23 – Montagem da capa da 10ª edição



Fonte: Medeiros, 2020, p. 82

A décima edição da revista *Dabiq* foi publicada em 13 de julho de 2015. Nela, é possível observar o estandarte do Estado Islâmico exposto à frente de várias logomarcas e bandeiras de outras organizações. Essa bandeira simboliza frequentemente a suposta força do grupo e aparece nos materiais midiáticos que lançam, além de ter sido utilizada também na capa da quarta edição da *Dabiq*.

A utilização de bandeiras para manifestar conquistas não é uma característica exclusiva do Estado Islâmico. Sempre que um Estado-nação conquista um território, hasteá-la é o primeiro passo para legitimar essa dominação sobre o outro. É importante ressaltar que a bandeira preta não é uma criação do Estado Islâmico; sua origem remonta aos primórdios do Islamismo, servindo como a bandeira de batalha do Profeta Maomé (Alvanou, 2007).

Ao divulgar suas publicações *on-line*, o EI exibiu sua bandeira, um dos símbolos mais representativos de comunicação, também conhecida como “Bandeira Negra”. O emblema empregado é o Selo de Maomé. Para os *jihadistas*, é como se Maomé validasse as ações realizadas pelo grupo em nome da defesa do Islamismo.

Sempre que um território foi conquistado, o EI instalou bandeiras nas zonas de fronteira e em edificações simbólicas. Seus partidários percorriam a cidade conquistada com armas e bandeiras ao mesmo tempo. O Estado Islâmico, um grupo iconoclasta que desvaloriza

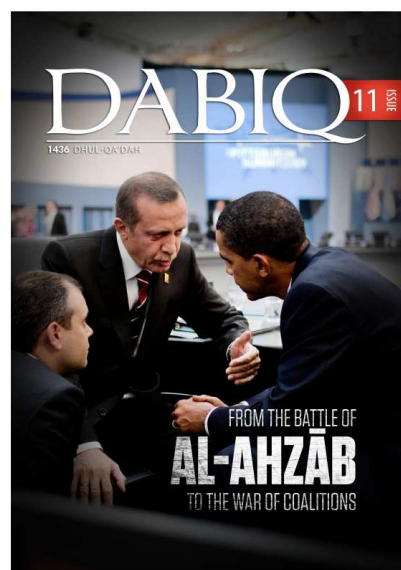
e até destrói imagens, demonstra que certas posturas iconográficas possuem um valor que nem eles poderiam evitar ou desconsiderar (Silva, 2017).

Em seu título, tem-se: *The Law of Allah or the Laws of Men*, com a tradução livre: “A Lei de Allah ou as Leis dos Homens”. O título “A Lei de Allah” aparece em destaque, em peso negrito; enquanto “ou as Leis dos Homens” aparece em peso convencional, em tom cinza. Continuando com os elementos da capa, temos ainda o subtítulo *Is waging war against the Khilafah apostasy?*, com tradução livre: “Declarar guerra contra o Califado é apostasia?”. A bandeira do EI, ao mesmo tempo em que oculta as demais organizações, juntamente com essas duas frases, evidencia uma suposta “vitória” e “solidificação” do grupo.

Esses também são grupos islâmicos, porém, do Islamismo “errado”, que não adere estritamente à lei, mas sim às leis humanas. Portanto, a declaração de guerra contra a apostasia daqueles que deveriam seguir o Islamismo, ou seja, do Estado Islâmico, precisa demonstrar que é a direção correta. Nesse contexto, infere-se que combater o EI equivale a lutar contra Allah (Medeiros, 2020).

O numeral “10 issue” aparece dentro de uma caixa de texto na cor azul. Mais uma vez, observa-se o uso de uma linha abaixo da palavra “*Dabiq*”, na cor também preta. Existe outro número da cor azul: “1436 *Ramadan*”. O Ramadã é o nono mês do calendário islâmico e é um período em que os muçulmanos observam um jejum que dura do amanhecer ao anoitecer. Este mês é considerado sagrado, pois acredita-se que, durante esse período, Muhammad (Maomé) recebeu a revelação do Alcorão através do anjo Gabriel.

Figura 24 – Montagem da capa da 11ª edição



Neste trabalho, preocupou-se em não divulgar o conteúdo interno das revistas, tendo em vista ele ser produzido pelo EI, tanto palavras quanto imagens. Seu material é altamente ofensivo, violento e perturbador. Dito isso, caso o presente leitor tenha interesse em realizar pesquisas em cima das revistas originais (em inglês), poderá encontrá-las neste *link* na nota de rodapé⁴⁶.

A décima primeira edição da revista *Dabiq* foi divulgada no dia 09 de setembro de 2015. É relevante mencionar que não conseguimos localizar a imagem na íntegra nem identificar seu autor, embora a figura à esquerda esteja na página 46 da revista (*feature*). Na imagem, aparecem o ex-presidente dos EUA, Barack Obama, o presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, e uma terceira pessoa não identificada devido ao seu ângulo.

As posturas corporais deles transmitem seriedade e atenção, sugerindo uma possível conspiração. O recurso de escurecer as bordas da fotografia, por meio do recurso digital chamado “vinheta”, destacando apenas as duas figuras centrais, contribui para criar um clima de segredo, já que se trata mais de “cochichos” do que de uma reunião formal.

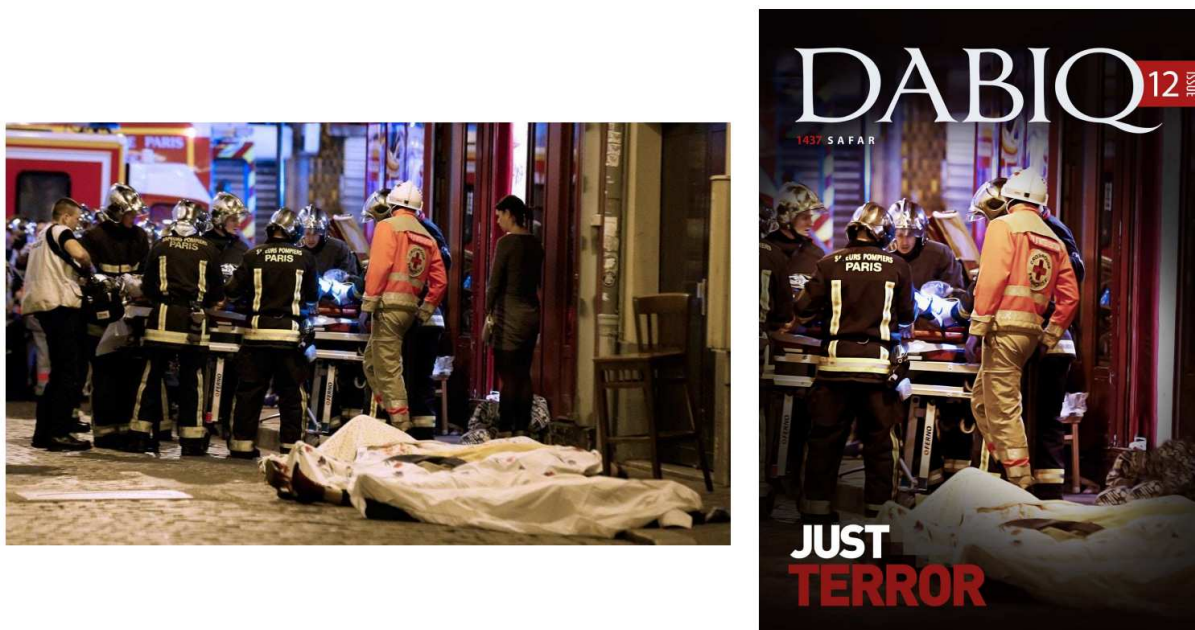
O título desta edição é *From the Battles of Al-Ahzāb to the War of Coalitions*, que, em tradução livre, quer dizer: “Das Batalhas de Al-Ahzāb à Guerra das Coligações”. Trata-se de um confronto mencionado no Alcorão, em que muçulmanos sob a liderança de Maomé conseguiram vencer uma aliança formada por judeus, árabes e beduínos na área de Medina. A chave para a vitória dos muçulmanos foi a paciência e a perseverança demonstradas durante a batalha (Medeiros, 2020).

O desfoque no fundo proporciona uma estética visual mais limpa e organizada, minimizando o ruído visual ao fundo. Com isso, o objeto principal se destaca, ocupando o foco da atenção e conseguindo uma profundidade de campo reduzida. Neste caso, o foco está direcionado aos três líderes políticos.

Não é possível reconhecer os indivíduos ao fundo, tampouco ler as mensagens no telão azul atrás dos políticos. O título desta edição não faz uso de fonte com serifa. A palavra “*Al-Ahzāb*” aparece em peso negrito. Ao comparar a imagem da capa com a da esquerda, é possível inferir que o ambiente em questão é uma assembleia, congresso nacional e/ou local semelhante de reunião política, tendo em vista o número de bandeiras identificadas de alguns países.

⁴⁶ Fonte: *Primary News Source: Collection Daesh Propaganda*. Disponível em: <https://primarynewssource.org/collection/dabiq/>. Acesso em: 18 out. 2024.

Figura 25 – Montagem da capa da 12ª edição



Fonte: Medeiros, 2020, p. 85

A décima segunda edição da *Dabiq* foi lançada em 18 de novembro de 2015, após os ataques realizados por integrantes do EI em Paris, capital da França. Esses ataques aconteceram na noite de 13 de novembro de 2015 em vários lugares com grande concentração de pessoas, o que resultou em um aumento significativo no número de vítimas feridas e fatais. A seleção da capital francesa causou um grande impacto na mídia.

Como mencionado antes, a *Dabiq* não dá créditos às imagens, portanto, o mesmo mecanismo de pesquisa foi empregado para localizar a imagem original e seu criador (imagem à esquerda⁴⁷). A relevância de localizar a imagem original reside na possibilidade de manipulações, além de cortes para determinar o que será mostrado ou não no enquadramento da capa.

Observa-se que foi realizado um corte para que apenas os bombeiros e os corpos fossem mostrados na capa. Compreendemos este corte como fundamental para comunicar que o ataque foi bem realizado, evidenciando a suposta “eficiência” do grupo em agir fora de seu território. Outro aspecto é a alteração da imagem para eliminar a mulher. Na imagem original (à esquerda), observa-se uma mulher em pé na parede, ao lado do bombeiro/paramédico de roupa laranja. Contudo, na imagem de capa da revista, não se vê ninguém em pé na parede em questão. Podemos, logo, supor que a supressão dessa figura feminina está relacionada ao que

⁴⁷ Fonte: Jacques Brinon. Disponível em: <https://time.com/4112884/paris-attacks-isis-isil-france-francois-hollande/>. Acesso em: 19 out. 2024.

é defendido pela Sharia, que exige que as mulheres usem o véu ou estejam acompanhadas por um homem (Medeiros, 2020).

Quanto aos elementos gráficos da capa, o nome “*Dabiq*” aparece em caixa alta, isto é, maiúsculo (como padrão), na cor branca e com fonte com serifa. Ao lado do nome, tem-se “12 *issue*”, fazendo referência ao número da edição. Nesta edição, não existe a linha branca abaixo do nome “*Dabiq*”. O numeral “1437” aparece em cor vermelha, sem serifa, ao lado do nome “Safar”. No canto inferior esquerdo da capa, temos o título da edição: “*Just Terror*”, que, em tradução livre, quer dizer: “Apenas terror”.

A palavra “terror” também aparece na cor vermelha, o que nos leva a associar à cor de sangue. Mais uma vez, utiliza-se vinheta para delimitar o campo de visão do leitor/usuário ao centro da imagem. Não é possível identificar nenhuma das pessoas presentes na capa, devido à angulação da fotografia.

Apesar disso, pode-se perceber corpos cobertos de um pano, deitados ao chão, na parte inferior direita da capa. Além disso, os paramédicos realizam o atendimento de vítimas do atentado, em cima de uma maca médica. Cabe ressaltar que o título “Apenas terror” faz uma referência aos atentados terroristas em Paris.

Na noite de 13 de novembro de 2015, a França sofreu uma série de atentados terroristas simultâneos, com nove ações coordenadas e descentralizadas. Esses ataques incluíram fuzilamentos em massa, explosões e atentados suicidas, resultando em 130 mortos e 352 feridos. No dia seguinte aos atentados, o Estado Islâmico reivindicou a autoria dos ataques, alegando que eram uma retaliação pela intervenção militar da França na Síria e no Iraque. Esse foi o maior ataque ao país desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Antes disso, em janeiro de 2015, a França já havia enfrentado outro atentado, quando dois homens armados invadiram a redação do jornal *Charlie Hebdo*, resultando na morte de 12 pessoas, entre jornalistas e policiais⁴⁸. Este atentado, por sua vez, foi melhor descrito na seção da capa da 7ª edição, quando mulçumantos demonstraram solidariedade às vítimas com o uso da *hashtag* #JeSuisCharlie.

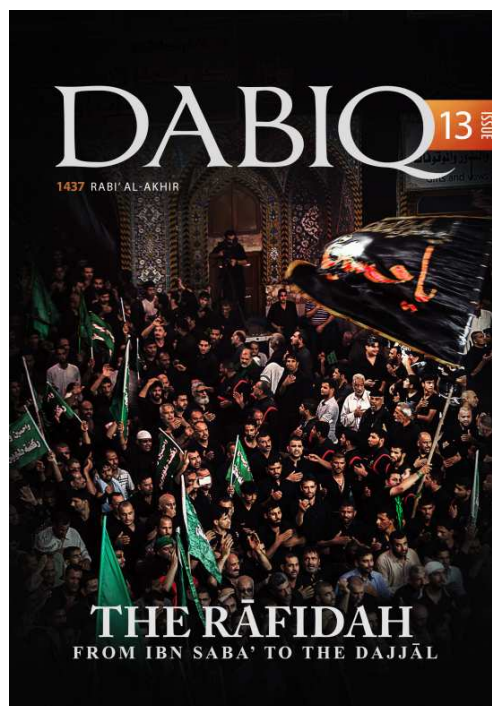
No entanto, para resumir, os acontecimentos de novembro de 2015 em Paris foram uma sequência de ataques terroristas que aconteceram na noite de 13 de novembro, tanto em Paris quanto em Saint-Denis, na França. Esses ataques incluíram fuzilamentos em grande escala, atentados suicidas, explosões e sequestros.

⁴⁸ Fonte: *Memória Globo*. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentados-em-paris/noticia/atentados-em-paris.ghtml>.

Acesso em: 19 out. 2024.

Figura 26 – Capa da 13ª edição



Fonte: Silva, 2018, p. 100

A 13ª edição da *Dabiq* foi lançada em 19 de janeiro de 2016. Embora não tenha sido possível localizar a imagem original através de buscas, a reportagem menciona a “*Ashura*”. Isso permite estabelecer uma conexão entre a imagem e a peregrinação anual de “*Arbaeen*”, quando fiéis, especialmente seguidores do xiismo, se dirigem a *Karbala*, no Iraque, para o mausoléu do *Imam Hussein*, renovando seus votos a ele. Na mesma cidade, ocorre a *Ashura*, onde se recorda o martírio do *Imam Hussein*.

Essa celebração é própria do xiismo, uma das vertentes do Islamismo que é considerada inimiga pelo Estado Islâmico, que é sunita. O título e o conteúdo da reportagem são pejorativos e agressivos em relação aos seguidores do xiismo. Para facilitar a compreensão, iremos dividir o título da capa: “*The Rafidah: from Ibn Saba’ to the Dajjal*” (O Rafidah: de Ibn Saba’ ao Dajjal), em duas partes.

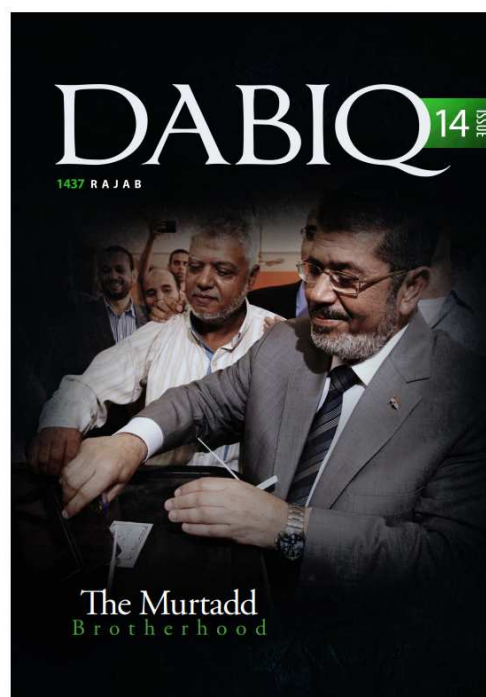
A primeira seção se chama “O Rafidah”, algo como “rejeitadores”, referindo-se ao califado dos sucessores de Maomé. Trata-se de um termo ofensivo para os xiitas. A segunda, “from Ibn Saba to the Dajjal”, refere-se ao início do xiismo até o que se acredita ser o seu término. O Estado Islâmico sustenta que a origem do xiismo remonta a “Ibn Saba”. Contudo, existe uma oposição a essa perspectiva, argumentando que o xiismo é uma consequência do Islamismo e do percurso natural que a religião seguiu após o falecimento do

Profeta Maomé. O termo “Dajjal” pode ser interpretado como “enganador”. O Estado Islâmico deixa subentendido, já que não menciona o nome nem apresenta uma imagem, que o Salvador (Mahdi) dos xiitas é o próprio Dajjal, que seria Mahmoud Ahmadinejad, ex-presidente do Irã (Medeiros, 2020).

Quanto à composição da capa, é possível perceber um grande número de pessoas reunidas, em sua maioria com roupas pretas, com bandeiras de cor verde. Uma das bandeiras se destaca ao lado direito da capa, erguida acima das demais. O nome “*Dabiq*” está disposto um pouco mais abaixo em comparação com a edição anterior. Ele aparece em cor branca, assim como o título desta edição. Ambos aparecem em caixa alta, maiúscula, em fonte com serifa.

É importante mencionar que este movimento conta com a presença de um cinegrafista, localizado abaixo de um portal de arquitetura árabe. Ele se posiciona com uma câmera, direcionando sua visão para a mesma direção da multidão. Por não termos conseguido localizar a imagem original, não foi possível inferir se existe manipulação da imagem. Por isso, para a análise, consideramos esta capa sem efeitos visuais ou edição gráfica, visto que não há evidências claras e visíveis de uso de edição gráfica ou design gráfico.

Figura 27 – Montagem da capa da 14ª edição



Fonte: Silva, 2018, p. 100

A 14ª edição da *Dabiq* foi lançada em 13 de abril de 2016. Na capa, observamos o antigo líder egípcio, Mohammed Morsi. No período retratado na imagem, Morsi era o candidato do partido estabelecido pela Irmandade Muçulmana. De 2012 a 2013, ele ocupou a presidência. Aqui, notamos o mesmo mecanismo de escurecimento das margens que outras edições também incluíram: a vinheta. Neste contexto, é possível inferir que o recurso parece ter sido empregado mais para esconder os outros homens que estavam ao redor de Morsi do que para provocar algum efeito.

A 14ª edição da *Dabiq* estampou o título *The Murtadd Brotherhood* (A Irmandade Apóstata), acusando a Irmandade Muçulmana de ser “apóstata”, acompanhada de uma imagem de um sorridente Mohammed Morsi votando na eleição presidencial de 2012 no Egito. A revista continuou a criticar a Irmandade por suas fortes ligações com países sob liderança xiita, além de incluir vários muçulmanos ocidentais proeminentes em uma extensa “lista negra”, acusando-os de serem “cruzados assumidos”.

Para contextualizar, a Irmandade Muçulmana é uma entidade radical islâmica, estabelecida em 1928 por Hassam Al-Banna, que defende a aplicação da Lei Islâmica e rejeita influências do ocidente. Atribuída como a precursora do fundamentalismo islâmico atual, suas metas englobam a unificação dos países muçulmanos, a rejeição de tendências seculares em nações islâmicas e a oposição ao islamismo moderado. A Irmandade Muçulmana teve um papel crucial na Primavera Árabe, que teve início na Tunísia em 2011 e se propagou pelo norte da África e pelo Oriente Médio.

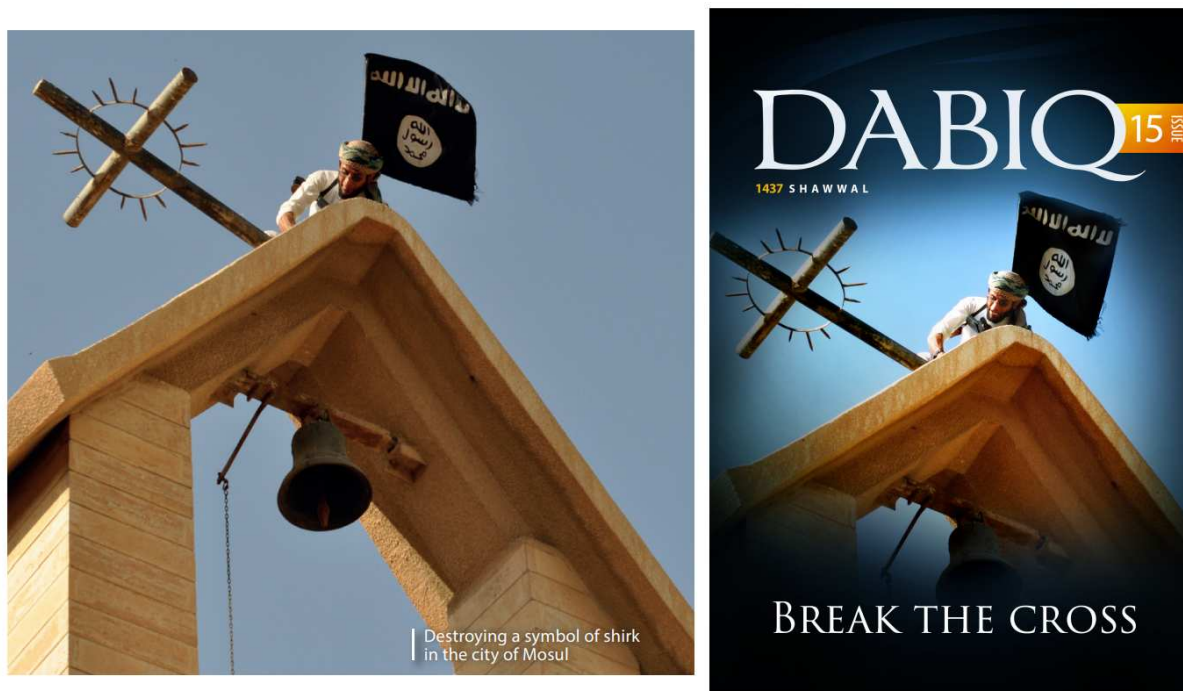
Alguns ficaram surpresos ao ver o EI apontando para a Irmandade e acusando-a de ser contrária ao Islamismo, particularmente após o Egito e a Arábia Saudita terem classificado o grupo como uma entidade “terrorista⁴⁹”. A imagem original (à esquerda⁵⁰) nos comprova que não houve manipulação e/ou edição nos elementos fotográficos. Quanto aos elementos gráficos da capa, observa-se o uso de fonte com serifa no título.

Além disso, devido ao efeito de vinheta, apenas os dois principais políticos recebem foco na capa. A cor verde é utilizada no numeral “1437”, abaixo do nome da revista “*Dabiq*”; na caixa de texto à direita do nome “14 issue” e no nome “*Brotherhood*”. O nome “*Dabiq*” aparece em maiúsculo, cor branca e com fonte com serifa. Além disso, é possível perceber a ausência da linha abaixo do nome da revista.

⁴⁹ Fonte: *Middle East Eye*. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/news/son-man-featured-magazine-cover-explains-why-it-made-him-happy>. Acesso em: 20 out. 2024.

⁵⁰ Crédito: Ahmed Gomaa/AP. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/egyptian-elections-and-iranian-inspections-and-more-talks/>. Acesso em: 20 out. 2024.

Figura 28 – Montagem da capa da 15ª edição



Fonte: Medeiros, 2020, p. 76

A 15ª edição da *Dabiq*, lançada em 31 de julho de 2016, foi a última edição do periódico a ser publicada. Anteriormente, a imagem dessa capa foi publicada na 10ª edição, com referências na nota de rodapé⁵¹. O título desta edição é *Break the cross*, que, em tradução livre, quer dizer: “Quebre a cruz”. O nome “*Dabiq*” segue na parte central superior da capa, em cor branca, com fonte com serifa. Ao lado direito, temos “15 issue”, dentro de uma caixa de texto da cor laranja, fazendo menção ao número desta edição.

Abaixo da letra “D” de “*Dabiq*”, temos o numeral “1437” também em cor laranja, acompanhada do nome “*Shawwal*”, com fonte sem serifa na cor branca, em caixa alta (maiúsculo). Quanto ao conteúdo da imagem, visualiza-se um membro do EI, a julgar pela utilização da “Bandeira Negra” do grupo, removendo uma cruz do alto de um prédio/edifício/monumento. Existe um sino logo abaixo da cruz, o que nos leva a crer que pode ser uma igreja. O título da revista “Quebre a cruz” aparece, pela primeira vez, no imperativo. Com isso em mente, no próximo capítulo, abordamos as principais tendências e similaridades entre as 15 capas da Revista.

⁵¹ Fonte: *Dabiq Magazine*. [s.l.]: Al- Hayat Media Center, v. 10, p. 59, 2015d. Disponível em: <https://primarynewssource.org/wp-content/uploads/Issue-10-The-Laws-of-Allah-or-the-Laws-of-Men.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

5 ANÁLISE: TENDÊNCIAS E SIMILARIDADES

Neste capítulo, são analisadas as principais similaridades e tendências na composição gráfica das 15 capas da revista *Dabiq*, a considerar: recursos tipográficos utilizados (tipografias), pesos (regular, *bold*, itálico), cor da palavra “*Dabiq*” na capa, existência de caixa de texto dentro no nome “*Dabiq*”, presença de elemento geométrico (linha) abaixo do nome “*Dabiq*”, presença de caixas de texto na parte inferior da capa, tipografias utilizadas no título das revistas, utilização de mais de uma fonte no título das capas, identificação de imagem manipulada/editada.

Além disso, verificamos categoria de imagem empregada (fotografia, ilustração, infográfico), presença de recursos visuais (vinheta), presença de recurso multimídia (*hiperlink*, vídeo, áudio), localização do título da edição, principais cores empregadas na caixa de texto “*Issue*”, tipos de *grid* na diagramação, formato das imagens na capa (horizontal, vertical, quadrangular), qualidade cromática (cor em destaque da imagem da capa), diferença entre as palavras maiúsculas e minúsculas nos títulos e, por fim, se foi possível identificar a imagem original da capa. Para relembrar as categorias, temos:

- a) Topologia (*grid*);
- b) Tipografia (fontes utilizadas);
- c) Qualidades eidéticas (formas geométricas) e qualidades cromáticas (cores);
- d) Imagem e multimídia (fotojornalismo, manipulação, edição).

O *grid* na diagramação das 15 capas é considerado “*grid* retangular”, pois este é um tipo de grade que define a área principal de conteúdo, conhecida como mancha gráfica, por meio das margens. Esse modelo é comumente aplicado em projetos de revistas, romances e outras obras literárias. Ele estabelece as margens da mancha gráfica e, assim, influencia o peso visual do projeto.

As capas não se tratam de *grid* hierárquico, pois ele estabelece áreas hierárquicas através da disposição irregular de linhas e colunas. Ele é frequentemente empregado em *websites* e produtos de poucas páginas, como panfletos e revistas. Como existem poucas colunas nas capas, a leitura do leitor/usuário é direcionada de cima para baixo, da esquerda para direita, respeitando-se, assim, uma ordem hierárquica tradicional.

As áreas maiores são vistas como de maior hierarquia, pois ocupam uma vasta área visual. Por outro lado, as áreas menores são vistas como secundárias, precisamente por ocuparem um espaço menor. Ao contrário de outros *grids*, no *grid* hierárquico, a liberdade é limitada, pois o conteúdo principal deve ser alocado precisamente “dentro” de cada área. As

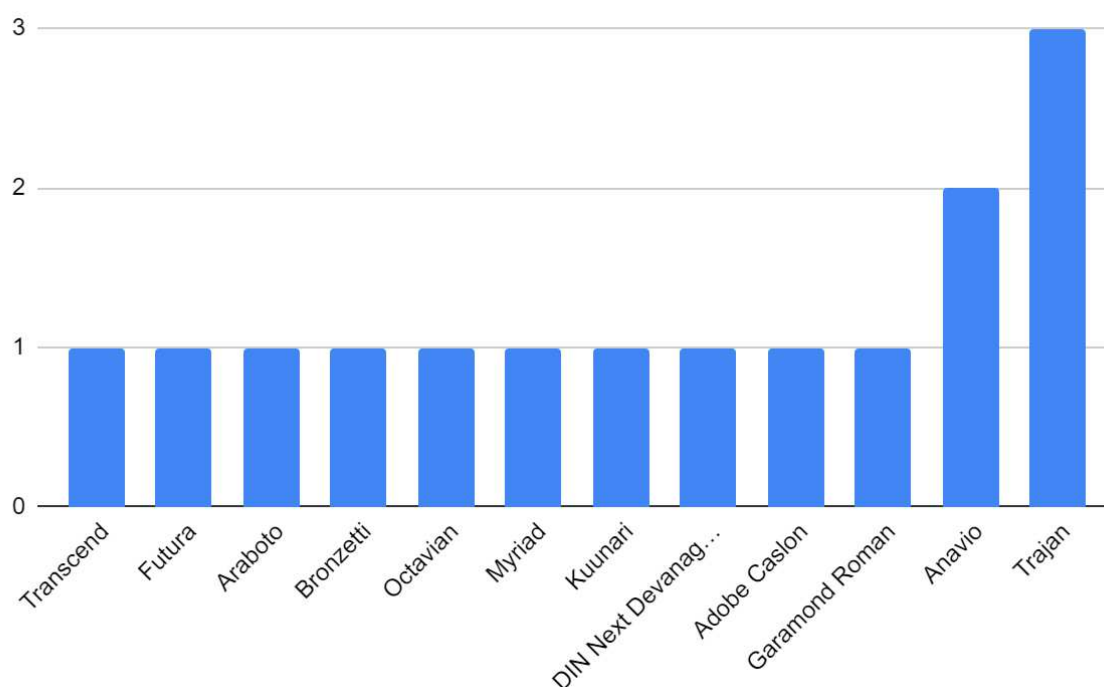
possibilidades incluem variações dentro de cada área e elementos que percorrem diversas áreas, como imagens de fundo.

Também não se enquadra como *grid* de colunas, pois ele vai além das margens, identificando colunas informativas. Este formato é frequentemente utilizado em projetos que demandam a diagramação de grandes volumes de informações provenientes de diferentes categorias, como imagens, textos e boxes. Em geral, o *grid* de colunas é mais comum em revistas considerando a revista por inteiro. Como estamos considerando apenas as capas, ela acaba não se enquadrando neste quesito.

Por último, também não é o *grid* modular que organiza as informações através de linhas e colunas, formando um conjunto de módulos. Esse tipo é especialmente útil quando se precisa gerenciar um grande volume de informações que não necessariamente estão relacionadas entre si. O formato de todas as imagens das 15 capas é vertical, tendo em vista a diagramação de uma revista, que, geralmente, em formato A4, corresponde a 29,7 x 21 cm.

Quanto à segunda categoria (tipografia), temos os seguintes dados:

Gráfico 3 – Tipografias utilizadas nos títulos das capas



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O gráfico acima mensura as principais famílias tipográficas utilizadas especificamente nos títulos em destaque das capas. Com isso, é possível perceber que a tipografia (fonte) “Anavio” foi utilizada em duas edições, sendo elas na 8ª e 9ª edições da

Dabiq, ou seja, uma sequência. A fonte “*Trajan*” foi utilizada três vezes: na 1ª, 4ª e 15ª edição.

Tabela 3 – Propriedades *CSS font-weight* dos títulos das capas

Propriedades CSS font-weight dos títulos das capas	Total	Porcentagem (%)
Bold (Negrito)	6	40%
Mesclado (Ambos)	5	33,3%
Regular	4	26,7%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Ainda sobre as tipografias dos títulos das capas, pode-se mencionar que uma fonte pode ter um peso diferenciado das demais. Por exemplo, em geral, uma fonte pode ter peso “*bold*”, que se refere ao negrito utilizado na fonte. Quanto maior o peso, mais escura e espessa fica a fonte. Nesse contexto, algumas fontes dispensam o uso do negrito, por não ser da sua própria família tipográfica. Outras, no entanto, podem ter tanto o negrito quanto podem optar por não usá-lo.

Com isso em mente, os títulos da revista *Dabiq* apresentam uma tendência de usar *bold* (negrito) em 40% dos seus títulos, o que dá maior ênfase a sua mensagem. Além disso, 33,3% dos títulos apresentaram uma tipográfica mesclada: ou seja, usaram tanto negrito quanto a fonte regular na composição da mensagem. Por último, 26,7% das revistas, o equivalente a quatro edições dentre as 15, utilizaram peso regular, ou seja, sem mensagem em negrito no título.

Tabela 4 – Utilização de fonte com serifa no título das revistas

Utiliza fonte com serifa (título)	Total	Porcentagem (%)
Fonte com serifa	10	66,7%
Fonte sem serifa	5	33,3%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Um tipo de letra com serifa é caracterizado por ter pequenos traços ou prolongamentos nas pontas de letras, números e símbolos. A palavra “serifa” tem origem na língua holandesa *schreef*, que se traduz como “linha fina”. As fontes com serifas são ideais para textos impressos, uma vez que elas ajudam a ligar as letras e estabelecer uma estrutura visual, simplificando a leitura, especialmente em textos extensos.

As letras serifadas expressam tradição, respeito, estabilidade, confiança e habilidade. São muito utilizados em situações em que se busca adicionar um elemento de sofisticação e elegância a uma peça gráfica específica. Algumas fontes com serifas conhecidas incluem: *Times New Roman*, *Georgia*, *Courier New*. As fontes sem serifa, também chamadas de *sans-serif*, possuem um estilo mais direto, jovem e minimalista.

Com isso em mente, pode-se inferir que existe uma alta tendência de utilização de fontes com serifa nos títulos da revista *Dabiq*. Isso porque dez, dentre as 15 edições, utilizaram fonte com serifa em seus títulos, o que representa 66,7% do total. Apenas cinco edições (3ª, 5ª, 10ª, 11ª e 12ª) optaram por utilizar fonte sem serifa, o que corresponde a 33,3% do total das 15 edições.

Tabela 5 – Utilização de mais de uma tipografia na composição do título

Utiliza mais de uma fonte no título	Total	Porcentagem (%)
Não	12	80%
Sim	3	20%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A tabela acima evidencia uma tendência a utilizar a mesma tipografia no título da mesma capa. Na imagem abaixo (Figura 29), podemos verificar, por exemplo, o uso de uma fonte sem serifa no título “*A Call to Hijrah*”.

Além disso, é possível perceber que esta capa em questão fez uso de duas fontes na composição de seu título, com peso *bold* na palavra “*Hijrah*”. Ou seja, a palavra que recebeu destaque de forma negrita, o que chama atenção do leitor/usuário. Ainda sobre a 3ª edição (Figura 29), esta foi a única edição a dar ênfase no seu título em comparação com as outras capas. Isso porque utilizou grande espaço da capa como um todo no título da edição “*A Call to Hijrah*”. Os títulos das demais capas aparecem com tamanho de fonte menor.

Figura 29 – Exemplo de capas com fontes mescladas



Fonte: Silva, 2018, p. 98 e 99

O parágrafo anterior nos comprova o uso de fonte mesclada na composição das dos títulos das três capas acima. Ou seja, das 15 revistas, 12 (80%) usaram a mesma fonte na composição do mesmo título. A exceção ocorreu nas três edições acima: 3ª, 6ª e 7ª. Estas duas últimas (6ª e 7ª), por exemplo, mesclaram fonte com serifa no título principal e fonte sem serifa no subtítulo.

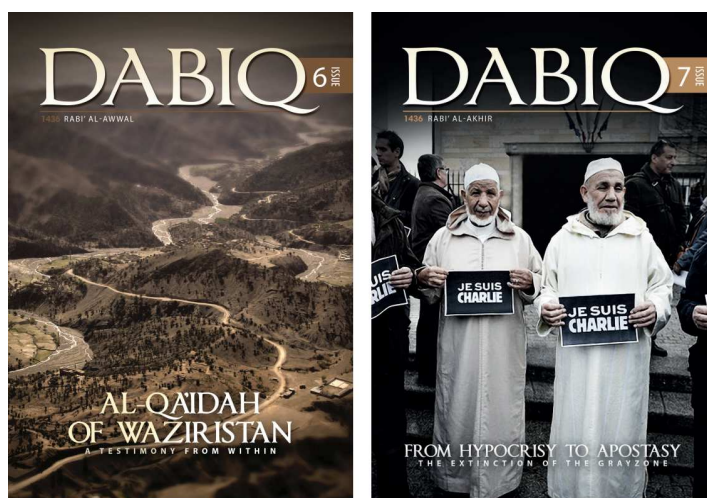
Tabela 6 – Tendências em recursos tipográficos (peso) no nome “*Dabiq*”

Recursos tipográficos (peso) nome <i>Dabiq</i>	Total	Porcentagem (%)
Majesty Display	10	66,7%
Anavio Regular	4	26,7%
Anavio Bold	1	6,7%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A tabela acima mostra uma tendência na utilização da tipografia “*Majesty Display*” para o nome “*Dabiq*”, representando 66,7% das capas e podendo ser encontrada em 10/15 das edições. É possível identificar esta tipografia nas edições 6ª, 7ª, 8ª, 9ª, 10ª, 11ª, 12ª, 13ª, 14ª e 15ª. Em segundo lugar, temos a tipografia “*Anavio Regular*”, presente em 4/15 das edições (26,7%). Esta fonte está presente nas edições de número 1ª, 3ª, 4ª e 5ª. Ou seja, infere-se que houve uma tendência inicial de utilizar “*Anavio Regular*”.

Figura 30 – Exemplo da tipografia *Majesty Display*



Fonte: Silva, 2018, p. 99

A imagem acima nos mostra o nome da revista “*Dabiq*” na fonte *Majesty Display*. É importante mencionar que possuem o mesmo peso “*bold*” (negrito), além de estarem localizadas na parte superior, em uma posição praticamente idêntica. Está presente nas edições 6ª e 7ª, como indicado acima.

Figura 31 – Exemplo da tipografia *Anavio Regular*

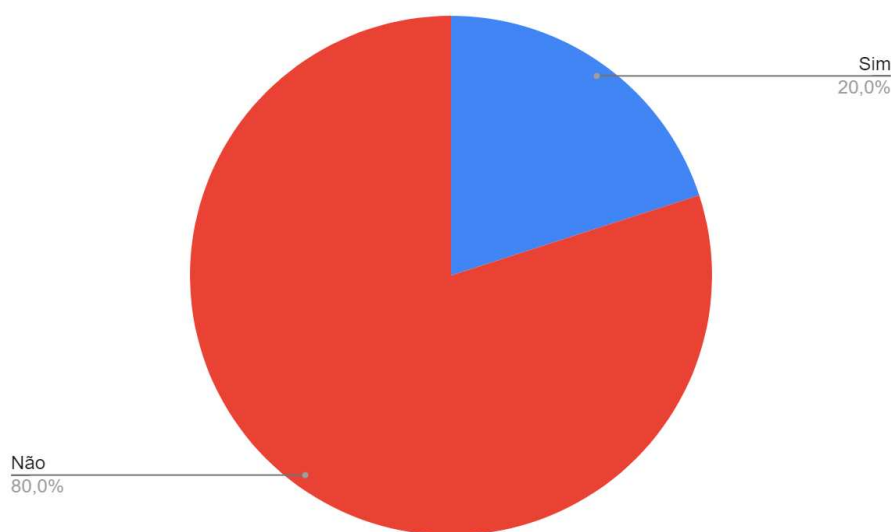


Fonte: Silva, 2018, p. 99

A imagem acima nos mostra o nome da revista “*Dabiq*” na fonte *Anavio Regular*. A principal diferença entre esta fonte e a da imagem anterior (Figura 30) é a letra “Q”, que apresenta uma extensão mais afinada, chegando quase ao limite direito da capa.

Na 2ª edição da revista, o nome “*Dabiq*” aparece em “*Anavio Bold*”, isto é, peso negrito. Dessa forma, pode-se perceber uma tendência a utilizar a mesma fonte tipografia da 6ª edição até a 15ª. A principal diferença entre elas é que a letra “Q” da palavra “*Dabiq*” apresenta uma extensão mais larga nas cinco primeiras edições. Da sexta edição em diante, a letra “Q” aparece mais reduzida (compara-se as Figuras 30 e 31 acima).

Gráfico 4 – Título que diferencia letras maiúsculas de minúsculas



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Quanto ao uso de letras maiúsculas e minúsculas (caixa alta e caixa baixa), é possível inferir sobre a tendência da revista *Dabiq* empregar apenas palavras maiúsculas em sua maioria nos seus títulos: 12 dos 15 títulos empregaram apenas palavras maiúsculas, o que representa 80% do total.

No design, a distinção entre letras maiúsculas e minúsculas pode expressar diversas percepções e ser empregada para expressar a personalidade da capa. As letras maiúsculas transmitem uma mensagem de autoridade, formalidade, sofisticação, nobreza e sobriedade. Minúsculas Emitem um tom mais acessível, descontraído, jovem, dinâmico, simpático, familiar e descontraído (White, 2006).

Contudo, é válido ressaltar que essas são apenas percepções e que a escolha da tipografia deve refletir os princípios, a personalidade e as características da revista. No caso da *Dabiq*, em geral, percebe-se um design mais limpo (*clean*), sem a presença de muito texto, priorizando-se as imagens das capas. Um outro detalhe importante é que 100% das capas usam uma única imagem na sua composição. Ou seja, não existem imagens secundárias.

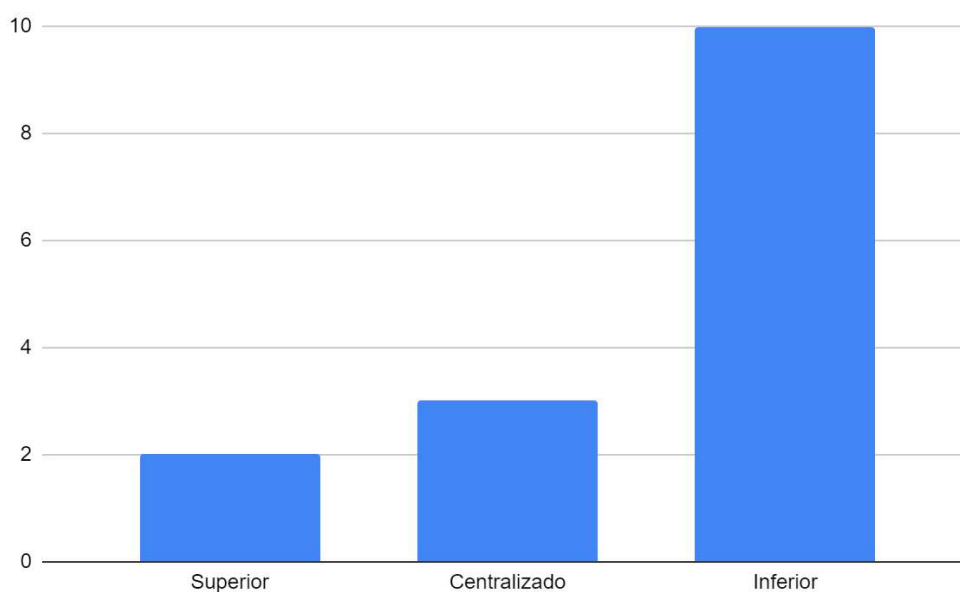
Figura 32 – Exemplo de capas com diferença entre minúsculo e maiúsculo



Fonte: Silva, 2018, p. 98 e 100

Nesse contexto, apenas 3 dos 15 títulos utilizaram tanto palavras maiúsculas quanto minúsculas na sua composição textual, conforme imagem acima. São elas: 1ª edição: *The Return of Khilafah* (O Retorno do Califado); 14ª edição: *The Murtadd Brotherhood* (A Irmandade Apóstata); 15ª *Break the Cross* (Quebre a Cruz).

Gráfico 5 – Localização do título das capas das revistas



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Existe uma tendência a utilizar o título das revistas na parte inferior da capa, conforme gráfico acima. Nesse contexto, dez capas (66,7%) tiveram títulos nesta região. Três

capas (20%) tiveram seus títulos localizados na parte central da revista. Por fim, apenas duas capas (13,3%) apresentaram seus títulos na parte superior, logo abaixo do nome da revista “*Dabiq*”.

Quanto à terceira categoria de qualidades eidéticas (formas geométricas) e qualidades cromáticas (cores), temos as seguintes análises:

Tabela 7 – Caixa de texto por trás da palavra “*Dabiq*”

Caixa de texto atrás do nome “ <i>Dabiq</i> ”	Total	Porcentagem (%)
Ausente	10	66,7%
Presente	5	33,3%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A Tabela 7 acima mostra uma presença ou ausência no uso de caixas coloridas nas quais o nome “*Dabiq*” é sobreposto na parte superior das revistas. Com isso, pode-se perceber que dez edições da revista não utilizam esta caixa de texto no seu título; enquanto cinco a utilizam. A caixa de texto só é utilizada da 1ª até a 5ª edição. Da 6ª edição em diante, o seu uso não ocorre mais, revelando o desejo de manter o *layout* mais “*clean*”, sem tantos detalhes e/ou efeitos visuais. Essas caixas de texto podem ser vistas na Figura 33 adiante.

Tabela 8 – Linha horizontal abaixo da palavra “*Dabiq*”

Linha horizontal abaixo do nome “ <i>Dabiq</i> ”	Total	Porcentagem (%)
Ausente	9	60%
Presente	6	40%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A tabela acima evidencia uma tendência a não utilizar uma “linha” colorida abaixo do nome da palavra “*Dabiq*”, na parte superior das capas. Esta linha está presente em apenas 40% das edições, podendo ser visualizadas nas capas das edições de número 6ª, 7ª, 8ª, 9ª, 10ª e 11ª. Em contrapartida, esta linha não aparece nas seguintes edições: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 12ª, 13ª, 14ª, 15ª.

Desse modo, pode-se inferir que não houve utilização da referida linha nas cinco primeiras edições, haja vista o uso de caixa de texto sobre a qual o nome “*Dabiq*” está sobreposto. Por isso, sua utilização se tornou mais recorrente da sexta edição até a décima primeira. A utilização de elementos geométricos é recorrente em jornais e revistas, visto que eles contribuem com o início e término da leitura, dando uma sensação de para onde a leitura deve ser guiada ou iniciada.

Tabela 9 – Caixa de texto na parte inferior da capa

Caixa de texto na parte inferior da capa	Total	Porcentagem (%)
Ausente	10	66,7%
Presente	5	33,3%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A caixa de texto é um elemento gráfico muito recorrente de ser utilizado em revistas, pois é nela que são apresentados alguns dos principais tópicos e matérias das revistas. É importante ressaltar que estamos considerando como “caixa de texto” os componentes quadrangulares, com informações a respeito do conteúdo a ser visto nas revistas. Isso porque, ao lado direito superior do nome “*Dabiq*”, existem caixas com o número da edição e a palavra “*Issue*”. Neste caso, este último não está sendo levado em consideração devido ao baixo teor informativo/noticioso deste elemento.

Figura 33 – Edições com caixa de texto na parte inferior



Fonte: Silva, 2018, p. 98 e 99

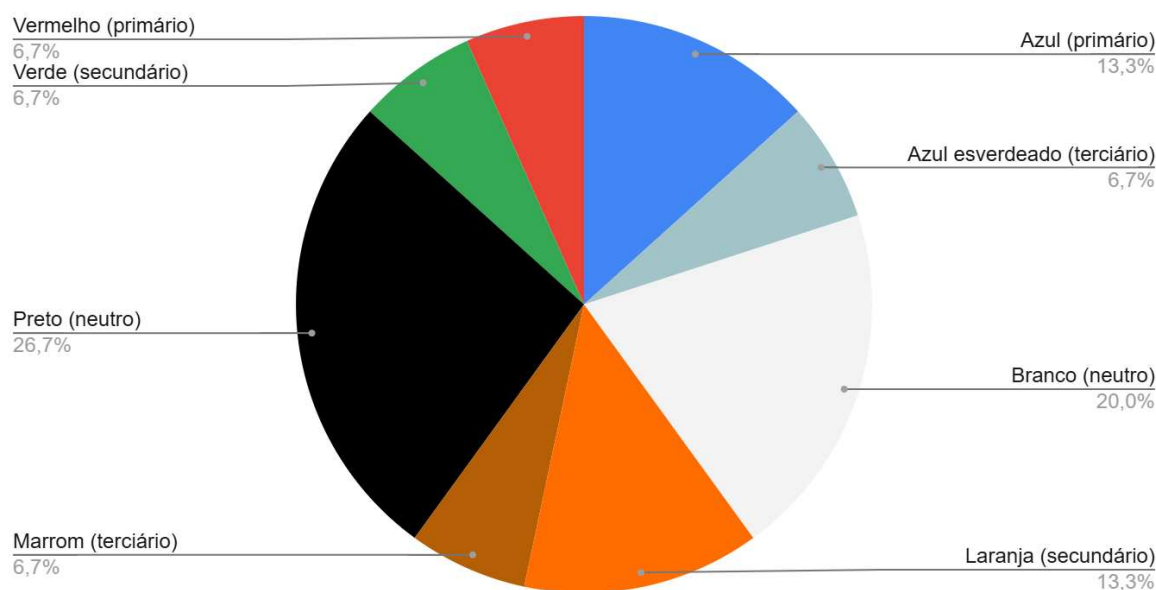
No caso da *Dabiq*, estamos considerando as caixas de textos localizadas na parte inferior das capas, seguindo este padrão. Apesar disso, só existem caixas de texto em cinco

edições (1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª), coincidentemente (ou não), nas cinco primeiras edições, o que representa apenas 33,3% das publicações. A partir da sexta edição, o *layout* da revista passou a não utilizar mais caixas de textos e reduzir ainda mais a quantidade de texto/palavras em suas capas.

Na primeira edição, temos três caixas de textos. Na segunda edição, temos duas caixas de texto. Na terceira edição, temos duas caixas de texto. Na quarta edição, temos duas caixas de texto. Por fim, na quinta edição, também temos apenas duas caixas de texto. Dessa forma, fica claro que apenas a primeira edição utilizou três caixas de texto na sua parte inferior da revista, possivelmente por ter sido considerada a “pioneira”, “teste” e/ou “projeto piloto”.

Na análise das qualidades cromáticas (cores), ainda na terceira categoria, temos os dados abaixo:

Gráfico 6 – Qualidade cromática (principal cor da imagem da capa)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O gráfico acima nos mostra uma tendência em utilizar cores neutras, sobretudo o preto (26,7%) e o branco (20%) nas capas da revista. Estas são as cores com maior destaque na composição gráfica das capas. Ou seja, são as cores que, em geral, chamam mais atenção do leitor. Para esta análise, levou-se em consideração a percepção da cor destaque como um todo.

De acordo com a teoria das cores (Silveira, 2015), elas podem ser categorizadas em três categorias: as cores primárias, também conhecidas como cores puras, incluem o vermelho, o azul e o amarelo. As cores secundárias são formadas pela combinação de duas cores primárias, como o verde ou o laranja. As cores terciárias, por sua vez, são uma combinação entre uma cor primária e uma secundária, como o vermelho-arroxeadado.

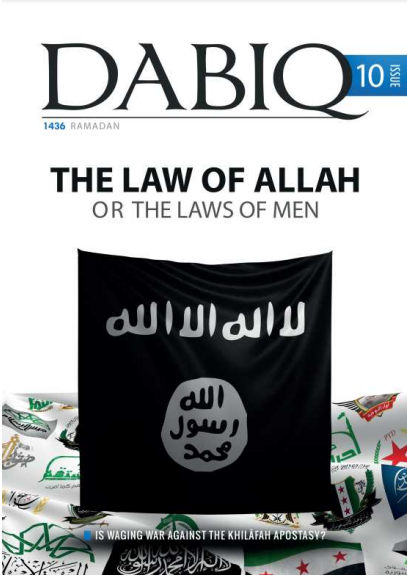
Tabela 10 – Cor presente no nome “*Dabiq*”

Cor utilizada no nome “ <i>Dabiq</i> ”	Total	Porcentagem (%)
Branco	14	93,3%
Preto	1	6,7%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A tabela acima mostra uma tendência na utilização das cores no próprio nome “*Dabiq*”, que recebe maior destaque nas capas, tendo em vista ser a palavra com o maior tamanho de fonte. A cor branca aparece no nome “*Dabiq*” em 14 das 15 edições, o que representa 93,3% das capas. A única exceção ocorre na revista de edição 10, quando a palavra “*Dabiq*” é exposta, pela primeira vez, em cor preta. É importante lembrar que, nesta edição em particular, grande parte da revista usa cor branca. Logo, utilizar a fonte branca também nesta edição não seria a melhor escolha para contrastar as cores.

Figura 34 – Exceção de capa com o nome “*Dabiq*” em cor preta



Fonte: Silva, 2018, p. 99

A imagem acima nos comprova a utilização de uma fonte de cor preta na logomarca da revista “*Dabiq*”. Esta foi a primeira e última vez em que esta cor foi utilizada. Nas outras 14 edições, a cor predominante é a branca.

Tabela 11 – Uso de vinheta na capa das revistas

Capa faz uso de vinheta	Total	Porcentagem (%)
Vinheta presente	10	66,7%
Vinheta ausente	5	33,3%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A vinheta é um recurso para escurecer as bordas da imagem. Isso dito, as capas da revista *Dabiq* apresentam uma tendência a utilizá-la: ela está presente em dez capas (66,7%).

Figura 35 – Exemplo de capas sem recurso de vinheta



Fonte: Silva, 2018, p. 98 e 99

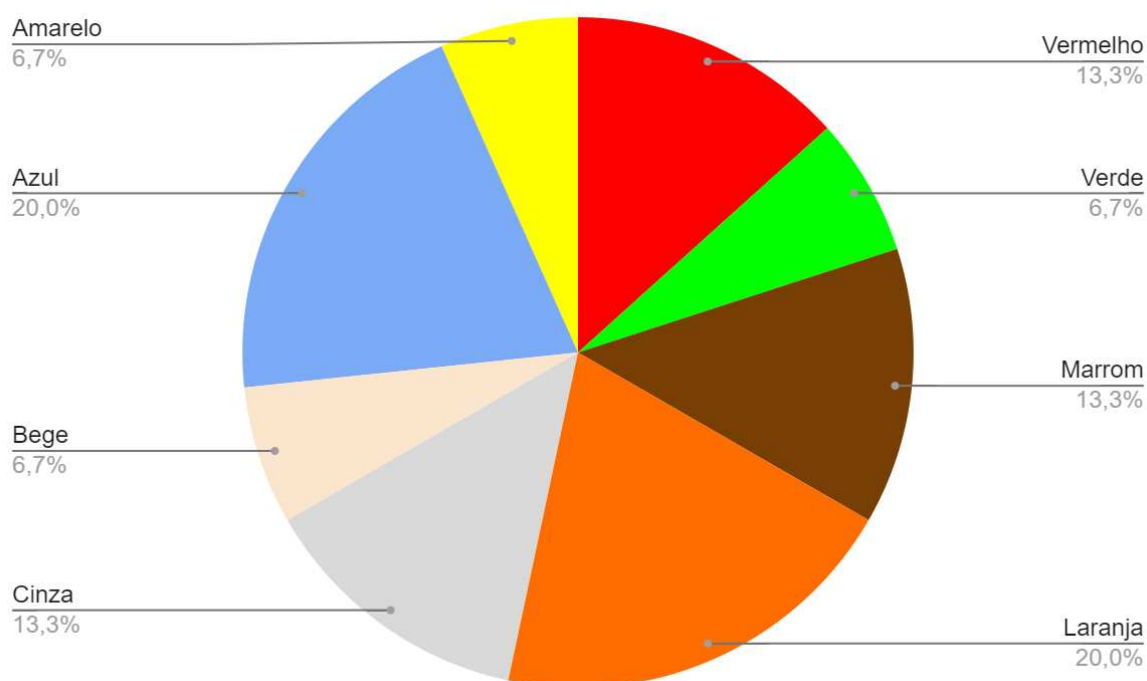
As únicas capas que não apresentam este recurso são: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 10ª, o equivalente a 33,3% das edições (acima indicadas). Dessas cinco capas, três são consideradas ilustrações (1ª, 2ª e 10ª). A primeira vez que o recurso da vinheta foi utilizado foi na revista de 5ª edição *Remaining and Expanding* (Permanecendo e Expandindo). A partir de então, a vinheta tornou-se uma marca registrada da revista.

Ainda sobre a quinta edição, como usual, o nome da Revista aparece em destaque (a palavra “*Dabiq*” está sob um tamanho de fonte superior às demais). Em segundo lugar, temos o título em evidência, em contraste com a cor preta da Kaaba (5ª edição). Quanto à composição gráfica da capa, pode-se perceber a utilização de vinheta. A utilização de

vinhetas, conforme visto na Tabela 11, consiste em diminuir o brilho ou a saturação das margens de uma imagem em relação ao seu centro. O resultado é uma imagem que se torna mais nítida no centro e se desvanece nas margens.

Além disso, a única vez em que o título da revista esteve no modo imperativo foi na edição 15ª *Break the Cross* (Quebre a Cruz). Cabe, também, ressaltar que não existem recursos multimídia, como *hiperlinks*, vídeos e/ou áudios, por exemplo, nas capas das revistas. No entanto, no “sumário”, já é possível perceber *hiperlinks*, que direcionam o leitor/usuário ao assunto escolhido. Como o foco do trabalho está nas capas, este dado é apenas a título de informação.

Gráfico 7 – Cor da caixa de texto “Issue”



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na parte superior direita da revista, ao lado do nome “*Dabiq*”, existe uma caixa de texto com um numeral e a palavra “*Issue*”, o que faz referência ao número da edição de publicação. Nesse sentido, identificamos as principais cores utilizadas nestas caixas de texto.

- Azul: presente em 3 caixas de texto, correspondendo a 20% (2ª, 3ª e 10ª);
- Laranja: presente em 3 caixas de texto, correspondendo a 20% (1ª, 13ª e 15ª);
- Cinza: presente em 2 caixas de texto, correspondendo a 13,3% (4ª e 8ª);
- Marrom: presente em 2 caixas de texto, correspondendo a 13,3% (6ª e 7ª);
- Vermelho: presente em 2 caixas de texto, correspondendo a 13,3% (11ª e 12ª);

- Amarelo: presente em 1 caixa de texto, correspondendo a 6,7% (5^a);
- Bege: presente em 1 caixa de texto, correspondendo a 6,7% (9^a);
- Verde: presente em 1 caixa de texto, correspondendo a 6,7% (14^a);

Partindo-se do pressuposto que nada em uma revista está inserido “por acaso”, decidiu-se contabilizar as principais cores utilizadas na caixa de texto “*Issue*” da revista *Dabiq*, conforme gráfico acima. Com isso, torna-se possível verificar a tendência de utilizar as cores azul e laranja nas referidas caixas.

Por fim, a última categoria diz respeito às imagens e/ou recursos multimídia, conforme dados abaixo:

Tabela 12 – Categoria da imagem da capa

Categoria da imagem da capa	Total	Porcentagem (%)
Fotografia	12	80%
Ilustração	3	20%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Antes de entrarmos nos números acima, é importante discutir um pouco sobre a diferença entre “fotografia” e “ilustração” considerada para o trabalho. A distinção fundamental entre fotografia e ilustração reside no fato de que a fotografia registra imagens da realidade, enquanto a ilustração representa um conceito (Medeiros, 2020).

A fotografia é um tipo de arte que registra imagens do mundo real através de uma câmera. A fotografia é vista como autêntica se o resultado final retrata algo que poderia ser observado na vida real. Apesar disso, não se pode negar que uma fotografia pode sofrer manipulação e edição gráfica após ser tirada (Freire, 2009).

A ilustração, por sua vez, trata-se da representação de um conceito, realizada através de desenhos, ilustrações e fotografias. A ilustração, geralmente, possui um apelo comercial e cumpre uma função específica. Isso dito, cabe ressaltar que existe uma tendência em utilizar fotografias nas capas da revista *Dabiq* (80%).

É possível inferir que a Revista tende a utilizar imagens reais (em sua maioria) para produzir as suas capas, apropriando-se de recursos do fotojornalismo, embora não dê créditos e/ou referência ao autor da imagem. A partir da sexta edição, não se faz mais uso de caixa de texto atrás do nome do nome “*Dabiq*”. Ainda nesta edição, a cor que prevalece nesta

capa é um verde acinzentado, com utilização de fonte com serifa. O caminho do rio, com início na parte inferior esquerda da capa até a parte superior direita, leva o usuário/leitor a uma reflexão sobre o que existe após aquele percurso exposto na fotografia (Freire, 2009).

Figura 36 – Exemplo de capas com teor ilustrativo



Fonte: Silva, 2018, p. 98 e 99

As três capas que apresentam ilustração na capa são as edições: 1ª *The Return of Khilafah* (O Retorno do Califado), com o mapa do Oriente Médio; 2ª *The Flood* (O Dilúvio), com um desenho da Arca de Noé e, por último, 10ª *The Law of Allah or the Laws of Men* (A Lei de Allah ou as Leis dos Homens), com a “Bandeira Negra” sobreposta às demais em computação gráfica. Apesar da 4ª edição *The Failed Crusade* (A Cruzada Fracassada) fazer uso de edição gráfica, ao colocar a “Bandeira Negra” erguida na praça de São Pedro, consideramos, em geral, sua composição como “fotografia”, uma vez que o local da imagem, de fato, existe e foi captado como tal.

Tabela 13 – Localização das imagens originais das capas

Imagem original localizada	Total	Porcentagem (%)
Sim	9	60%
Não	6	40%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A tabela acima nos mostra que há uma tendência de se utilizar imagens reais e de “fácil” acesso para a produção das capas. Nesse contexto, foi possível localizar 9 das 15 imagens utilizadas nas capas (em trabalhos acadêmicos, *Google*, *Wikipedia* e/ou localizador de imagens). No entanto, 6 imagens não foram localizadas ou identificadas em outro meio.

São elas: 1ª *The Return of Khilafah* (O Retorno do Califado), ilustração; 2ª *The Flood* (O Dilúvio), ilustração; 3ª *A Call to Hijrah* (Um Chamado à Hégira), desconhecido; 5ª *Remaining and Expanding* (Permanecendo e Expandindo), desconhecido; 10ª *The Law of Allah or the Laws of Men* (A Lei de Allah ou as Leis dos Homens), ilustração; 13ª *The Rafidah from Ibn Saba' to the Dajjal* (A Rafidah de Ibn Saba' ao Dajjal), desconhecido. Dessa forma, das seis imagens não localizadas, três são ilustrações.

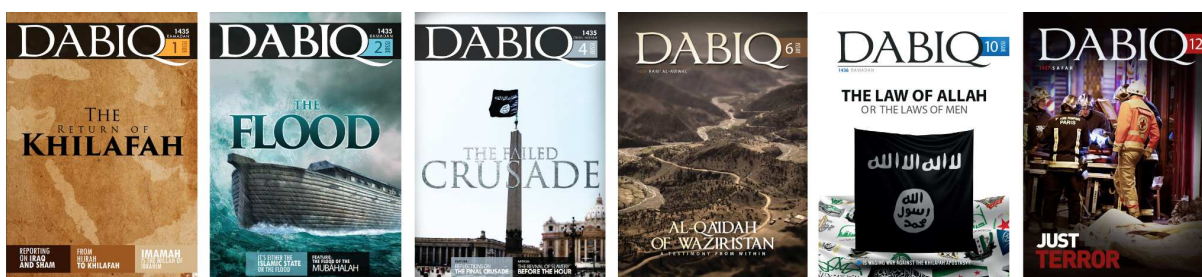
Tabela 14 – Imagem principal da capa sofreu manipulação/edição

Imagem manipulada/editada	Total	Porcentagem (%)
Não	9	60%
Sim	6	40%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Seis imagens das capas sofreram visíveis alterações em sua composição: passaram por edição, corte, desfoque, adição de elementos irreais, entre outros. Foram as edições: 1ª, 2ª, 4ª, 6ª, 10ª e 12ª. A primeira edição *The Return of Khilafah* (O Retorno do Califado) apresenta uma ilustração do mapa do Oriente Médio sem as linhas divisórias que separam os países.

Figura 37 – Exemplo de capas adulteradas/editadas/criadas



Fonte: Silva, 2018, p. 98, 99 e 100

A segunda edição *The Flood* (O Dilúvio) apresenta uma ilustração da Arca de Noé em formato de desenho/cartoon. A quarta edição *The Failed Crusade* (A Cruzada Fracassada) apresenta uma fotografia manipulada do estandarte do Estado Islâmico pendendo sobre o obelisco central da Praça de São Pedro, no Vaticano. Quanto à diagramação da capa desta edição, mais uma vez, vemos o nome da revista em destaque, com cor branca sobreposta a uma caixa de texto retangular da cor preta.

A sexta edição *Al Qa'idah of Waziristan: A Testimony from Within* (Al-Qaeda do Waziristão: um testemunho de dentro) apresenta um desfalque de imagem, ocultando alguns aspectos da imagem; evidenciando, outros. A imagem original comprova que houve edição/manipulação.

A décima edição *The Law of Allah or the Laws of Men* (A Lei de Allah ou as Leis dos Homens) apresenta a “Bandeira Negra” do EI sobreposta a outras bandeiras, em uma exibição claramente amadora. O corte nas bordas esquerda e direita da bandeira evidencia ser um elemento adicional sobre outro em *software* de edição. Quanto à composição gráfica da 10ª edição da Revista, pode-se perceber o uso em destaque das cores preto e branco. O nome “*Dabiq*” aparece em cor preta, caixa alta (como padrão), com uma linha abaixo com início na letra “D” e término na letra “Q”.

A décima segunda edição *Just Terror* (Apenas Terror) apresenta um recorte de uma das pessoas presentes na imagem original. Na imagem à esquerda (original), vê-se a presença de uma mulher ao lado do paramédico. No entanto, na capa, a figura desta mulher é retirada. Não se trata apenas de enquadramento da imagem, pois é possível verificar elementos mantidos que estavam no lugar desta mulher. Logo, nota-se que foi feito um corte para destacar apenas os bombeiros e os corpos na capa.

Tabela 15 – Imagens fotojornalísticas

Imagens fotojornalísticas	Total	Porcentagem (%)
Informativas	7	46,7%
Circunstanciais	5	33,3%
Emocionais	3	20%
Total	15	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Para contextualizar, é importante trazer o conceito de fotojornalismo empregado no trabalho. O termo fotojornalismo se refere tanto a uma atividade profissional exercida na mídia quanto a um tipo de imagem empregada por essa instituição. Assim, ela se diferencia da representação publicitária que aparece na mídia, uma vez que não compartilha dos mesmos princípios ou ética deontológica de compromisso com a verdade. Os primeiros códigos deontológicos do fotojornalismo foram estabelecidos nos anos 1940 nos Estados Unidos e no Canadá (Monteiro, 2016).

O fotojornalismo também se distingue da foto ilustração, que consiste em uma imagem formada por uma fotografia, fotografias combinadas (colagem ou montagem, digital ou tradicional) ou fotografias combinadas com outros elementos gráficos que desempenham o papel de ilustrar um texto. A foto ilustração é uma imagem associada a um texto, com forte caráter didático, associada ao jornalismo de serviços (Baeza, 2001).

O fotojornalismo foi criando formas de categorização específicas para identificar os tipos de imagens que são publicadas na mídia. A fotografia de atualidade estrita, predominante nos grandes jornais diários, é caracterizada pelo imediatismo informativo, enquanto a fotorreportagem, que trata a fotografia de maneira mais interpretativa, sequencial e narrativa, é mais frequente nas grandes revistas de circulação semanal (Baeza, 2001).

Ainda na categoria de análise de imagens/multimídia, segundo White (2006), uma imagem pode ser categorizada em três formatos: informativa, circunstancial e emocional. As imagens emocionais visam impactar e cativar o leitor. As informativas procuram preservar a credibilidade através de uma abordagem simples e documental. As circunstâncias não se enquadram nas duas primeiras categorias e, portanto, não são dignas de destaque.

Figura 38 – Exemplo de capas informativas



Fonte: Silva, 2018, p. 98, 99 e 100

Com esta breve recapitulação dos conceitos, também abordados no subtópico “4.1.4 Imagem e multimídia” do capítulo anterior, podemos chegar às seguintes conclusões: 46,7% das imagens utilizadas nas capas apresentam um papel “informativo”. É o caso das edições 7ª, 9ª, 11ª, 12ª, 13ª, 14ª e 15ª (acima indicadas). As imagens com papel “emocional” são as das edições 5ª, 6ª e 8ª: que apresentam símbolos relacionados à religião/emoção e ao ambiente de pacificação da 6ª edição.

Por fim, em síntese, o presente capítulo buscou apresentar as principais tendências e similaridades entre as capas da revista *Dabiq*. Os resultados apresentados sugerem uma pseudo profissionalização dos terroristas na produção e elaboração da revista, com o uso de imagens com características do fotojornalismo e uso amador de ferramentas de edição.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o trabalho buscou identificar as tendências e as similaridades por meio de análise de conteúdo, utilizando o conjunto de 15 publicações da Revista *Dabiq* (2014-2016), disponíveis na internet. A capa de uma publicação é crucial para atrair leitores, atuando como um veículo de divulgação que a destaca nos meios de comunicação. Os componentes da capa englobam o logotipo, a imagem principal, a chamada principal e outras chamadas, por exemplo. A imagem é um dos elementos mais relevantes, que precisa estar em sintonia com o conceito editorial da publicação.

Com isso em mente, foi possível perceber que o Estado Islâmico desenvolveu uma estrutura de mídia para se fazer conhecido internacionalmente, investindo em anúncios públicos em televisão, rádio e outros meios. Buscando atrair simpatizantes e consolidar seu regime, o grupo enfatiza aspectos positivos de sua ideologia e promove o imperialismo expansionista. Além disso, o EI lançou suas próprias fontes de mídia, como *Dabiq*, *corpus* deste trabalho, para alcançar um público amplo, tanto de apoiadores quanto de opositores, com a intenção de recrutar novos integrantes. Isso demonstra a significativa influência *on-line* do grupo.

Dessa forma, com o trabalho, foi possível analisar os elementos gráficos da revista *Dabiq*, publicada em 15 edições e analisadas uma a uma. O EI apresenta uma tendência a utilizar imagens reais, isto é, não ilustrativas, em suas capas. Além disso, apresenta uma inclinação a utilizar fontes com serifa, ou apenas fontes serifadas, aquelas que apresentam pequenos prolongamentos e traços nas pontas das letras.

Ademais, esses tipos de fonte são frequentemente empregados em textos extensos, como em revistas, jornais e livros. Não se pode deixar de citar a existência do efeito vinheta: presente em 10 das 15 edições da revista. A utilização de imagens reais, inclusive com características do fotojornalismo, mostra uma suposta profissionalização na produção das revistas.

Numerosas organizações terroristas, como Hamas, Hezbollah e o próprio EI desenvolveram novas técnicas e executaram ataques de maneira virtual. Esta nova modalidade de violência é conhecida como ciberterrorismo. Estes ataques virtuais provocam prejuízos a um Estado e à sua população. As razões podem ser impulsionadas por questões políticas ou religiosas e possuem um fator ideológico associado.

Como visto no trabalho, no tópico sobre ciberespaço, o ciberterrorismo é um tipo de agressão que envolve ataques cibernéticos que provocam prejuízos a uma comunidade e a

um governo. Os atentados podem ter origem em motivos políticos ou religiosos. O ciberterrorismo amplia o terrorismo convencional para o ciberespaço, a fim de atingir o mundo de maneira mais ampla e transfronteiriça. Os ciberterroristas têm a capacidade de atacar sistemas públicos, como hospitais, governos e programas de segurança pública, com o objetivo de atrair a atenção e gerar conflitos. Além disso, utilizam as redes sociais digitais modernas para divulgar ações e até convocar novos simpatizantes para a sua causa.

Nesse cenário, o estudo em questão foi justificado pela necessidade de se compreender um pouco mais sobre o fenômeno do terrorismo, tendo em vista a atual situação entre o Estado de Israel, Irã, Faixa de Gaza, Iraque e Síria. A suposta sofisticação da revista *Dabiq*, em sua composição gráfica, evidencia o investimento e o desenvolvimento de grupos terroristas no ciberespaço.

Logo, quanto aos questionamentos da pesquisa, a hipótese inicial foi comprovada, visto que a utilização de tipografias e imagens sofisticadas nas capas tende a impactar o usuário devido às ferramentas digitais e manipuladas. Ademais, o objetivo central do trabalho foi alcançado, já que foi possível verificar quais conteúdos estão presentes nas capas das 15 edições da Revista.

O primeiro capítulo abordou o conceito de terrorismo, os tipos de terrorismo e seu *modus operandi*. Ainda tratou sobre o Estado Islâmico e sua influência *on-line* para a propagação do estado de terror. O segundo capítulo nos trouxe a definição de ciberterrorismo e ciberespaço, além de mencionar o atentado terrorista do 11 de Setembro nos EUA.

Abordou também a origem do grupo Al-Qaeda, precursor do EI. Com isso em mente, foi possível discutir o terrorismo como espetáculo e capital midiático. O terceiro capítulo descreveu as capas das 15 edições da *Dabiq*. Por fim, o quarto capítulo nos apresentou as análises e discussão dos resultados, com suas categorias e semelhanças.

Para novos estudos na área do terrorismo digital, é possível, por exemplo, realizar uma comparação entre as capas da Revista *Dabiq*, produzida pelo Estado Islâmico, com as capas da Revista *Inspire*, produzida pela Al-Qaeda. Ambas contêm mensagens, textos religiosos, artigos sobre armamento e até conselhos sobre como se tornar um terrorista, entre outros pontos.

Compreender estes materiais pode contribuir com medidas mais eficazes na luta contra o terror, o extremismo e contra qualquer tipo de violência. A Revista *Dabiq* nos trará sempre à memória de que o terrorismo não existe apenas no Oriente Médio: ele está presente na tela dos nossos aparelhos de celular e computadores, facilitado e disseminado de forma cada vez mais veloz, volátil, versátil e assustadora por meio da internet.

REFERÊNCIAS

- ALVANOU, Maria. **Symbolisms of basic islamic imagery in jihadi propaganda**. 2007. Elaborada por ITSTIME – Italian Team for Security, Terroristic Issues & Managing Emergencies. Disponível em: <https://www.itstime.it/Approfondimenti/Symbolisms%20of%20basic%20islamic%20imagery>. Acesso em 18 out. 2024.
- ANAZ, Sílvio Antonio Luiz; DA SILVA, Gabriela Cristina. Sagrado e profano no discurso jornalístico do Estado Islâmico: textos e imagens da revista Dabiq. **Cadernos de Comunicação**, v. 25, n. 1, 2021.
- BAEZA, Pepe. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BBC NEWS BRASIL. **Afeganistão**: o que é a Sharia, lei islâmica que o Talebã quer aplicar no país? 17 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58251684>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Trad. Daniela Karen; Guilherme Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRINGHURST, R. **Elementos do estilo tipográfico**: versão 3.0. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- CHACRA, Guga. **Quem ainda teme a Al-Qaeda?** O Globo, 4 de agosto de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/guga-chacra/post/2022/08/quem-ainda-teme-a-al-qaeda.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHOI, Kyung-shick; LEE, Claire Seungeun; CADIGAN, Robert. Spreading Propaganda in Cyberspace: Comparing CyberResource Usage of Al Qaeda and ISIS. **International Journal of Cybersecurity Intelligence & Cybercrime**, v. 1, n. 1, p. 21-39, 2018.
- CLARK, David D. **Characterizing Cyberspace**: Past, Present, and future. ECIR Working Paper, 2010.
- CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **Terrorismo na UE**: factos e números. Conselho da União Europeia, [s. d.]. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/infographics/terrorism-eu-facts-figures/>. Acesso em: 26 jun. 2024.

CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo da. **Revistas no cenário da mobilidade**: a interface das edições digitais para Tablets. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2011.

CURRAN, James. Reinterpreting Internet history. *In*: JEWKES, Yvonne; YAR, Majid (ed.). **Handbook of Internet Crime**. Padstow: Willan Publishing, Cap. 2, p. 17-37, 2010.

DAVIS, Benjamin R. Ending the cyber jihad: Combating terrorist exploitation of the internet with the rule of law and improved tools for cyber governance. **COMMLAW CONSPPECTUS**, v. 15, p. 119, 2006.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DENNING, Dorothy E. **Activism, Hacktivism, and Cyberterrorism**: The Internet as a Tool for Influencing Foreign Policy. Nautilus Institute. Networks and Netwars: The Future of Terror, Crime, and Militancy, J. Arquilla and D. F. Ronfeldt (eds). p. 239-288, 2001.

DENNING, Dorothy E. Terror's web: how the internet is transforming terrorism. *In*: JEWKES, Yvonne; YAR, Majid (ed). **Handbook of Internet Crime**. Padstow: Willan Publishing. Cap. 10. p. 194-213, 2010.

DINIZ, Eugênio. Compreendendo o Fenômeno do Terrorismo. *In*: BRIGAGÃO, Clóvis; PROENÇA Jr., Domicio (orgs.). **Paz e terrorismo – textos do seminário “Desafios para a política de segurança internacional: missões de paz da ONU, Europa e Américas”**. São Paulo: Hucitec, 2004.

DION-SCHWARZ, Cynthia; MANHEIM, David; JOHNSTON, Patrick B. **Terrorist Use of Cryptocurrencies**: Technical and Organizational Barriers and Future Threats. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2019.

DUNER, Katie. **Entenda a guerra entre Israel e Hamas**. CNN Brasil, 10 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-a-guerra-entre-israel-e-hamas/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FREIRE, E. N. **O design no jornal impresso diário**: do tipográfico ao digital. Galáxia, São Paulo, n. 18, pp. 291-310, dez. 2009.

G1. **Explosão após show de Ariana Grande deixa 22 mortos em Manchester**. G1, 22 de maio de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/estouro-e-ouvido-perto-de-arena-de-manchester.ghhtml>. Acesso em: 30 jun. 2024.

G1. **Grupo Globo muda política sobre cobertura de massacres**. G1, 5 de abril de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2023/04/05/grupo-globo-muda-politica-sobre-cobertura-de-massacres.ghhtml>. Acesso em: 28 jun. 2024.

GILL, Paul *et al.* Terrorist Use of the Internet by the Numbers: quantifying behaviors, patterns, and processes. **Criminology & Public Policy**, v. 16, n. 1, p. 99-117, fev. 2017.

GOMES, Gilvan Figueiredo. Califado Virtual: a Hisbah como ferramenta de construção de um Estado Islâmico em Dabiq (2014-2016). **Faces da História**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 218-237, 2019. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1433>. Acesso em: 29 out. 2024.

GOMES, R. S. **Relações entre linguagens no jornal**: fotografia e narrativa verbal. Niterói: EdUFF, 2008.

GUIMARÃES, L. **As cores na mídia**: a organização da cor-informação no jornalismo. São Paulo: Annablume, 2003.

GUIMARÃES, Marcelo Ovidio Lopes. **Tratamento Penal do Terrorismo**. São Paulo, Quartier, 2007.

HABERL, Ferdinand J. **The retreat into the desert** – The new paradigms of jihad covert action, subversion and intelligence operations. Jihadism Revisited – Rethinking a wellknown phenomenon. Berlin: Logos Verlag, 2019.

HERSCOVITZ, H. G. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (orgs.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. New York; Columbia University Press, 2006.

HOLZGRUBER, Clemens. “Now You See Me – Now You Don’t”: analysing jihadists online privacy-enhancing and counter-surveillance strategies. In: LOHLKER, Rüdiger (ed.). **World Wide Warriors**: how jihadis operate online. Göttingen: Vienna University Press. Cap. 5, p. 157-191, 2019.

JACOBSON, Michael, Terrorist financing and the internet. **Studies in Conflict and Terrorism**, v. 33, n. 4, pp. 353-363, 2010.

KANDINSKY, W. **Ponto, Linha, Plano**. Lisboa: Edições 70, 2006.

KIMMAGE, Daniel. **Al-Qaeda central and the internet**. Washington DC: New America Foundation, 2010.

KYDD, Andrew H.; WALTER, Barbara F. **The strategies of terrorism**. International security, v. 31, n. 1, p. 49-80, 2006.

LAQUEUR, Walter. **The New Terrorism**: Fanaticism and the arms of mass destruction. Nova York: Oxford University Press, 1999.

LIA, Brynjar. **Al-Qaeda online**: understanding jihadist internet infrastructure. **Janes Intelligence Review**, v. 18, n. 1, p. 14, 2006.

LORMEL, Dennis M. **Terrorism and credit card information theft** – Connecting the dots. Shift4 Corporation, 2007.

LOUREIRO, Leandro. A revista Dabiq e a construção do inimigo: uma análise das classificações utilizadas pelo Daesh para nomear os seus opositores. **Mural Internacional**, v. 10, n. 1, 2019.

LUPTON, E. **Pensar com tipos**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MARTHOZ, Jean-Paul. **Terrorismo e a mídia**: um manual para jornalistas. Brasília: UNESCO, 2018.

MCALLISTER, Brad. Al Qaeda and the Innovative Firm: Demythologizing the Network. **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 27, n. 4, p. 297-319, 2004.

MEDEIROS, Jessika Cardoso de. **O Estado Islâmico**: Processos de produção de identidade nas capas da Dabiq Magazine / Jessika Cardoso de Medeiros ; Fernando Resende, orientador. Niterói, 2020. 138 f. : il. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/16403/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Jessika%20Medeiros%20-%20Jessika%20Cardoso%20de%20Medeiros.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 out. 2024.

MENDES, Flávio Pedroso. Guerra, guerrilha e terrorismo: uma proposta de separação analítica a partir da Teoria da Guerra de Clausewitz. **Carta Internacional**. v. 9, n. 2, p. 96-108, 2014.

MONTEIRO, Charles. **História e Fotojornalismo**: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64 - 89. jan./abr. 2016.

MOORE, John. **Army Claims Gains Against Foreign Fighters In South Waziristan**. 2007. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/rivervalley-cuts-through-the-rugged-terrain-near-fotojornal%C3%ADstica/73859331?adppopup=true>. Acesso em: 04 out. 2024.

MORAES, Dênis de. **Por que a concentração monopólica da mídia é a negação do pluralismo**. Blog da Boitempo, 17 de julho de 2013. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/17/por-que-a-concentracao-monopolica-da-midia-e-a-negacao-do-pluralismo/>. Acesso em: 29 jun. 2024.

MUNHOZ, Otávio Guimarães. **Direitos humanos na prevenção e combate ao terrorismo**. Dissertação (Mestrado). 113 fl. Universidade Federal de Goiás, Pró-reitoria de Pós-graduação (PRPG), Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Goiânia, 2018.

OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de. **A Securitização do Terrorismo Internacional após 11 de Setembro de 2001**: o caso da África / Guilherme Ziebell de Oliveira. -- 2019. 223 f. Orientador: Carlos Schmidt Arturi. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

PAGANINI, Pierluigi. **Al-Qaeda is developing new Encryption tools in response to NSA surveillance**. Cyberdefense Magazine, 19 de maio de 2014. Disponível em:

<https://www.cyberdefensemagazine.com/Al-Qaeda-is-developing-new-encryption-tools-in-response-to-nsa-surveillance/>. Acesso em: 19 mai. 2024.

PAIERO, Denise Christine. **Mídia e terror**: a construção da imagem do terrorismo no jornalismo. 2012. 259 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

PEREIRA, Thaís da Costa. **A relação entre mídia e terrorismo**. 2006. 57 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006.

PINHEIRO, Alvaro de Souza. **Operações Contra Forças Irregulares**: Prevenção e Combate ao Terrorismo. In: **Anais [...]** Simpósio, 1., 2010, Goiânia. Arquivo do 1oBFEsp, 2010.

Por que é IMPOSSÍVEL acabar com ESTADO ISLÂMICO? Canal Nostalgia, 5 de julho de 2017, YouTube, 11 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x7K9lYfVmvA>. Acesso em: 27 jun. 2024.

RABELO, Ricardo Luiz da Cunha. **A Evolução do Terrorismo Segundo a Teoria das Quatro Ondas do Terrorismo Moderno**. Rio de Janeiro: Observatório Militar da Praia Vermelha/ECEME, 2018. Disponível em: <https://ompv.eceme.eb.mil.br/images/conter/terfun/EvolucaoTerror4Ondas.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2024.

RAPOPORT, David C. **The Four Waves of Modern Terrorism**. In: CRONI; Andrew Kurth; LUDS, James M. (orgs.). *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*. Washington, DC: Georgetown University Press. p. 46-73, 2004.

ROGAN, Hanna. **Jihadism online** – A study of how Al-Qaida and radical islamist groups use the internet for terrorist purposes. RRI RAPPORT. Kjeller: Norwegian Defense Research Establishment, 2006.

RUDNER, Martin. “Electronic Jihad”: The Internet as Al Qaeda’s Catalyst for Global Terror. **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 40, n. 1, p 10–23, 2016.

SAMARA, T. **Grid**: construção e desconstrução. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SAMARA, T. **Guia de design editorial**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SANCHES, Lilian Ribeiro. **A cobertura de ataques terroristas na sociedade em rede**: Os atos em Mogadíscio e Paris na perspectiva de cinco veículos jornalísticos. 2019. 212 folhas. Dissertação (Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

SANTOS, Bruna Maria dos. **Internet e Terrorismo**: como o ciberespaço influenciou as práticas da Al-Qaeda no século XXI à luz dos conceitos de Eugenio Diniz. 2020. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

SCHEUER, Michael. **Osama Bin Laden**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SILVA, João Leopoldo e. **A construção midiática do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL) através do documentário The Islamic State (2014) e da revista Dabiq (2014-2016)**. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVA, Letícia Quatel da. **Revista Dabiq: uma análise do uso de imagens pelo estado islâmico**. 2017. Dissertação (Mestrado em comunicação na contemporaneidade) - Faculdade Cásper Líbero.

SILVA, Michel Carvalho da. **O discurso de “dono” no Jornalismo: Construção de Sentidos, Estratégias de Análise e Capital Midiático**. Leituras do Jornalismo, [S. l.], ano 02, v. 03, p. 110-124, 1 jun. 2015. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/54/50>. Acesso em: 29 jun. 2024.

SILVA, Victor Hugo; OTAVIO, Murillo. **Acesso à internet cresce no Brasil e chega a 84% da população em 2023, diz pesquisa**. G1, 16 de novembro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/11/16/acesso-a-internet-cresce-no-brasil-e-chega-a-84percent-da-populacao-em-2023-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 30 mar. 2024.

SILVEIRA, Luciana Martha. **Introdução à teoria da cor**. 2. Ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

SIMÕES, Rogério. **Estado Islâmico: como grupo surgiu do caos de guerras para aterrorizar o mundo**. BBC News Brasil, 16 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379503>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SODRÉ, Muniz. Comunicação: um campo em apuros teóricos. **Matrizes**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (USP). São Paulo, v.5 n. 2, p. 11-27, jan./jun.2012.

SORIANO, Manuel R. Torres. The Vulnerabilities of Online Terrorism. **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 35, n. 4, p 263-277, 2012.

TEIXEIRA, T. **Infografia e jornalismo: conceitos, análises e perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2010.

THOMAS, Timothy L. **Al Qaeda and the Internet: the danger of 'cyberplanning**. Parameters, v. 33, n. 1, Spring, 2003.

UNESCO. **Terrorismo e a mídia: um manual para jornalistas**. Paris, 110 p, 2018.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODOC) (org.). **The use of the internet for terrorist purposes**. Viena: United Nations, 2012.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**, São Paulo: Contexto, 2009.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e Terror: comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005.

WEIMANN, Gabriel. Cyberterrorism: The Sum of All Fears? **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 28, n. 2, p. 129-149, 2005.

WEIMANN, Gabriel. **Terror in Cyberspace**. Marquette Law Review Conferences, 2009.

WHITE, J. V. **Edição e design**. São Paulo: JSN Editora, 2006.

WHITTAKER, David J. **Terrorismo**: um retrato. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

WINTER, Charlie. **The Virtual ‘Caliphate’**: Understanding Islamic State’s Propaganda Strategy. 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30671634.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

ZAPPATERRA, Y. **Diseño editorial**: periódicos y revistas. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

ZELIN, Aron. **The war between ISIS and al-Qaida for supremacy of the global jihadist movement**. in: Washington Institute for Near East Policy Research Notes. Vol. 30, n.15, p. 60-71. Jan, 2014. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/war-between-isis-and-al-qaeda-supremacy-global-jihadist-movement>. Acesso em: 29 out 2024.